

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO - OESTE - UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO

Os documentários na constituição imaginária de sujeitos e identificações

EUNICE PEREIRA GUIMARÃES

GUARAPUAVA
2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO – OESTE – UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO

Os documentários na constituição imaginária de sujeitos e identificações

EUNICE PEREIRA GUIMARÃES

GUARAPUAVA
2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO – OESTE – UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO

Os documentários na constituição imaginária de sujeitos e identificações

Dissertação apresentada por EUNICE PEREIRA
GUIMARÃES, ao Programa de Pós- Graduação em
Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste -
UNICENTRO, como um dos requisitos para a obtenção
do título de Mestre em Letras. Orientadora: Prof(a). Dr
MARIA CLECI VENTURINI

GUARAPUAVA

2013

Ficha elaborada pela Biblioteca da Unicentro-Guarapuava, Campus Santa Cruz

Guimarães, Eunice Pereira

G963d Os documentários na constituição imaginária de sujeitos e identificações / Eunice Pereira Guimarães. – Guarapuava: Unicentro, 2013.

ix, 112 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós Graduação em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cleci Venturini

Banca examinadora: Profa. Dra. Amanda Eloina Scherer, Profa. Dra. Célia Bassuma Fernandes.

Bibliografia

1. Literatura. 2. História. 3. Crítica Literária. 4. Sujeito. 5. Identidade. 6. Imaginário. 7. Documentários. 8. Memória. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 20. ed. 809.8981

TERMO DE APROVAÇÃO

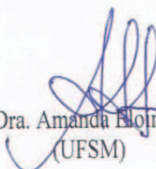
EUNICE PEREIRA GUIMARÃES

“O DOCUMENTÁRIO NA CONSTITUIÇÃO IMAGINÁRIA DE SUJEITOS E IDENTIFICAÇÕES”

Dissertação aprovada em 03/05/2013 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração em Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:



Profª. Dra. Maria Cleci Venturini
(Orientadora/UNICENTRO)



Profª. Dra. Amanda Blojina Scherer
(UFSM)



Profª. Dra. Célia Bassuma Fernandes
(UNICENTRO)



Profª. Dra. Nírcia Cecília Ribas Borges Teixeira
(UNICENTRO)

GUARAPUAVA-PR
2013

Dedico este trabalho à minha querida netinha **Mariana**,
pelo amor, carinho e força durante o mestrado e sempre.

GUIMARÃES, Eunice Pereira. OS DOCUMENTÁRIOS NA CONSTITUIÇÃO IMAGINÁRIA DE SUJEITOS E IDENTIDADES. Número de folhas (112 f.)

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste.

Orientador: Maria Cleci Venturini. Guarapuava 2013.

RESUMO

O presente estudo intitulado *Os documentários na constituição imaginária de sujeitos e identificações* tem com

o foco os documentários em seu funcionamento discursivo. O *corpus* analítico constitui-se de quatro documentários veiculados pela RPC/TV (Rede Paranaense de Comunicações), afiliada à Rede Brasil Sul de Televisão (RBS), em quatro sábados consecutivos, no mês de agosto de 2011, no programa *Meu Paraná*, enfocando a participação dos pracinhas brasileiros, na Segunda Guerra Mundial, em 1944, no Norte da Itália, destacando os pracinhas paranaenses, integrantes da FEB (Força Expedicionária Brasileira). A questão de pesquisa que confere unidade e coerência à investigação e que buscamos responder é: Como se constitui, a partir desses quatro documentários, o imaginário de heroicidade, de coragem e de solidariedade em torno dos pracinhas paranaenses, que participaram do conflito mundial? A ancoragem teórica vem da Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux, a partir da década de 60 e constituída como campo disciplinar a partir de projetos desenvolvidos por Eni Orlandi, na UNICAMP. O objetivo principal do trabalho é abordar o funcionamento discursivo dos documentários na constituição/instauração de imaginários de heroicidade, bravura e solidariedade em torno dos pracinhas. Esse objetivo desdobra-se nos objetivos específicos, a seguir: 1) verificar como, a partir dos documentários em torno dos pracinhas paranaenses, o acontecimento histórico, advindo da Segunda Guerra Mundial e da entrada do Brasil na Guerra, estrutura e sustenta a constituição de sujeitos e de identificações entre brasileiros e italianos; 2) destacar o funcionamento da memória na rememoração/comemoração dos brasileiros como heróis pelo discurso *de* (memória), ancorando/atualizando o discurso *sobre* (atualidade); 3) pensar nesses documentários como *lugar de memória* e no seu funcionamento discursivo, destacando o trabalho da língua na história, e sua relação com a ideologia. Para dar conta desses objetivos buscamos o modo de estruturação dessas materialidades, enfocando o discurso (lugar material da ideologia), os documentários e o funcionamento do sujeito, como organizador do texto, enquanto sujeito-autor, as identificações que se constituem entre os pracinhas brasileiros/paranaenses e os sujeitos italianos; a mídia (espaço de circulação dos documentários); as formações sociais, imaginárias e discursivas. Enfocamos: o espaço urbano, a história e a memória e em suas diferenças, abarcando as noções em torno do discurso *de* (rememoração) como o que se repete nesse discurso, pelos processos parafrásticos e o discurso *sobre* (comemoração), que rompe com a repetição e instaura o novo, pelos processos polissêmicos, do que demandou abordar o documentário como *um lugar de memória*; e o primeiro recorte em torno do funcionamento das cidades na constituição de efeitos de verdade e de objetividade em torno dos discursos veiculados nos documentários analisados. No terceiro capítulo, recortamos sequências discursivas (SD) a partir de dois enfoques que

concorrem para o imaginário positivo dos pracinhas e da participação deles no conflito da Segunda Guerra: os testemunhos materializados sob a forma de depoimentos, como um modo de organização da textualidade, regulada pelo sujeito-autor; os silêncios e apagamentos constitutivos dessas materialidades, naturalizando a entrada do Brasil no conflito, os quais maximizam a importância da participação brasileira na guerra e apagam os problemas internos do Brasil, nesse período.

Palavras Chaves: sujeito, identidade; imaginário; documentários; memória.

GUIMARÃES, Eunice Pereira. THE DOCUMENTARIES IN THE IMAGINARY CONSTITUTION OF SUBJECTS AND IDENTIFICATIONS. Number of sheets (112 f).

Dissertation (Master of Letters) - University of the Midwest.

Advisor: Maria Venturini Cleci. Guarapuava 2013.

ABSTRACT

This study entitled the documentaries in imaginary constitution of subjects and identifications focuses documentaries in its discursive function . The analytical corpus consists of four documentaries aired by RPC / TV (Paranaense Communications Network) , affiliated to Brazil South Television Network (RBS) on four consecutive Saturdays in the month of August 2011, in the program My Paraná , focusing the participation of Brazilians soldiers in World War II , in 1944 , in northern Italy , highlighting Paraná soldiers, members of the FEB (Brazilian Expeditionary Force). The research question that gives unity and coherence to the research and we seek to answer is: How it is constituted from these four documentaries, imageries of heroism, courage and solidarity around the Paraná soldiers, who participated in the World War II? The theoretical grounding comes from Discourse Analysis, founded by Michel Pecheux, from the 60s and constructive as a disciplinary field from projects developed by Eni Orlandi , at UNICAMP. The main objective is to address the discursive function of documentaries in the constitution / establishment of imaginary heroism, bravery and solidarity around these soldiers. This will encompass the following specific objectives: 1) checking how, from the documentaries, around the Paraná soldiers, the historical event arising from the Second World War and the entering of Brazil in the War, supports and structure the constitution of subjects and identifications between Brazilians and Italians; 2) highlighting the memory operation in remembrance / commemoration of Brazilians as heroes by discourse *of* (memory) , anchoring / updating the discourse *about* (present); 3) thinking these documentaries as a *place of memory* and its discursive function, highlighting the work of language in history, and its relationship to ideology. To realize these goals we seek the way of structuring these materialities, focusing on discourse (material place of ideology), the documentaries and operation of the subject, as the organizer of the text, while author-subject, the identifications that are among Brazilian / Paraná soldiers and Italian subjects; the media (circulation space of documentaries); the social, imaginaries and discursive formations. We focus: the urban space, the history and memory, and their differences, embracing the notions surrounding the discourse *of* (remembrance) how what is repeated in this discourse, by paraphrastic processes and the discourse about (commemoration), that breaks the repetition and introduces the new, by the polysemic processes, which required addressing to the documentary as a *place of memory*; and the first clipping around the functioning of cities in the constitution of truth and objectivity effects, around the discourses conveyed on the documentaries analyzed. In the third chapter we clipped discursive sequences (SD) from two approaches that contribute to the soldiers positive imaginary and their participation in the Second War conflict: the testimonies materialized in the form of attestation, as way of textuality organization, regulated by the subject-author; the constitutive silences and erasures of these materialities, naturalizing

Brazil's entry to the conflict, which maximize the importance of Brazilian participation in the war and erases Brazil's internal problems in this period.

Key Words: subject, identity, imaginary, documentaries, memory.

AGRADECIMENTOS

À professora Dr^a. Maria Cleci Venturini pelo acolhimento, pela orientação e pela presença constante durante o mestrado e por ter-me apresentado os textos de Michel Pêcheux e de Eni Orlandi.

Às Profas. Dr^a. Amanda Eloína Scherer por ter deixado os seus muitos compromissos para fazer a leitura do texto e, posteriormente, participar da banca avaliadora desta dissertação, contribuindo para a sua finalização.

À Profa. Dr^a. Célia Bassuma Fernandes pela participação na banca de qualificação e de defesa, especialmente, pela dedicada leitura.

A Profa. Dr^a. Carme Regina Schons, pelo apoio e incentivo e pela participação na Banca de Qualificação.

Agradeço, também, aos meus amigos e Professores da UNICENTRO, que me incentivaram; em especial, à Prof. Dr^a. Neide Garcia Pinheiro, à Prof^a. Terezinha M. Diniz Biasi e à Prof^a. Ana Lucia Bittencourt.

Aos meus colegas do mestrado, especialmente, à Adriana Bernardim, à Maria Cláudia Teixeira, ao Leandro Tafuri, ao Márcio Winchuar, à Loide Salache e à Thais Gravlon pelo companheirismo e amizade demonstrados nas aulas, nos encontros do Grupo de Pesquisa e em nossas participações em eventos científicos, quando dividimos ansiedades, sonhos e pequenas, mas significativas vitórias.

Aos meus irmãos **David, Dorli, Alice e Terezinha** e a suas famílias pelas recepções em suas casas, quando eu precisava de descanso ou de carinho e apoio, e a todos aqueles que acreditaram e apoiaram esta minha jornada.

À minha querida família, formada por meu esposo **Haroldo**, pelos filhos **Eucimar** e **Ciro**, pela minha nora **Daniele** e pela queridíssima netinha **Mariana**, pelo apoio e presença constante, sem o quê, com certeza, teria sido bem mais difícil concretizar o sonho mais sonhado do mestrado, realizado (e este é o maior sonho) na minha/na nossa UNICENTRO.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1.SOBRE O OBJETO DE ANÁLISE: OS DOCUMENTÁRIOS EM TORNO DOS PRACINHAS PARANAENSES.....	23
1.1 Discurso no movimento dos sentidos	24
1.2 A mídia como lugar de circulação e de filiação de discursos e sujeitos.....	30
1.3. Documentários e as formações imaginárias no acontecimento	32
1.3.1 Sobre as condições de produção dos documentários	38
1.3.2 Os documentários e os modos de constituir efeitos de sentidos	41
1.3.3 Procedimentos metodológicos: questão de pesquisa, objetivos, recortes	43
2. ESPAÇO URBANO E O FUNCIONAMENTO DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA ...	46
2.1 Espaço urbano e funcionamento nos monumentos/documentos.....	47
2.2 Discurso de e discurso sobre: funcionamentos da memória.....	51
2.3 A História/historicidade e os lugares de memória na análise dos documentários	57
2.4 Funcionamento enunciativo e discursivo dos monumentos e dos documentos.....	60
2.5 A cidade em sua ordem e organização: praças e monumentos	69
2.6 Recorte 01: Efeitos de sentidos de monumentos no espaço urbano em/nos documentários	71
3. DEPOIMENTOS E TESTEMUNHOS E EFEITOS DE SENTIDOS PELO FAZER-VER PARA FAZER-CRER.....	81
3.1 Recorte 2: Testemunho/depoimentos de italianos em torno dos pracinhas parananenses/brasileiros e da Segunda Guerra	82
3.2 Brasil e Itália: espaços imaginários de conquistas e de identificações	92
3.3 Recorte 3: Efeitos de Silenciamentos/Apagamentos da história Oficial em documentários.....	98
CONCLUSÃO	102

REFERÊNCIAS	108
ANEXOS	112
1. CD com os documentários veiculados pela RPC/TV.	112

ÍNDICE DOS TEXTOS IMAGENS

Texto-imagem 01: Monumento em que a mãe chora a saudade do filho que partiu para a guerra.	73
Texto-imagem 02: Monumeto em homenagem aos mortos na Itália.....	74
Texto-imagem 03: Monumento do Cemitério de Pistóia	76
Texto-imagem 04: Monumento aos Mortos no Rio de Janeiro.....	77
Texto-imagem 05: Capela brasileira construída pelos Pracinhas	79

INTRODUÇÃO

“A história é um imenso sistema natural-humano em movimento, cujo motor é a luta de classes. Portanto, a história, ainda uma vez, isto é, a história da luta de classes, isto é, a reprodução/transformação das relações de classe - com os caracteres infraestruturais (econômicos) e superestruturais (jurídicos-políticos e ideológicos) que lhes correspondem” (PÉCHEUX, 2009, p. 138).

A memória em torno dos ex-combatentes brasileiros, membros da Força Expedicionária Brasileira (FEB), despertou minha atenção por três modalidades distintas de presença: de um lado, os pracinhas vestidos com o uniforme, segundo eles, da guerra e ostentando medalhas, fazendo-se visíveis, pela presença na praça central da cidade de Guarapuava/Paraná e, de outro, legitimados pelo exército, a presença na participação em desfiles militares nas datas comemorativas nacionais, especialmente, no dia 07 de setembro e 15 de novembro. O terceiro modo de ser presença está no fato de os pracinhas serem nome de ruas e de vilas, na cidade, na qual os sujeitos cidadãos, nem sempre sabem quem foi o sujeito que dá nome à rua em que moram, constituindo, assim, a ausência, apesar da presença que não chega a constituir-se em memória.

Além da presença e da ausência em torno dos ex-combatentes brasileiros, funciona, não só na cidade, mas também, nacionalmente, o que entendo como esquecimento/apagamento, de um lado e, de outro, como contradição em torno da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, na Itália. Essa constatação adveio da escassa bibliografia disponível em torno da presença e da participação brasileira, na Segunda Guerra Mundial. Nos trabalhos advindos das Ciências Sociais (especialmente da História), as referências a esse evento são raras e as referências aos pracinhas, mais raras ainda. No que tange à FEB, as informações são contraditórias, pois vão de um extremo ao outro: ou apagam a sua existência e participação na Segunda Guerra, no Norte da Itália, ou supervalorizam a sua criação, atuação e participação no único conflito mundial em que Brasil teria participado.

As teses e dissertações defendidas e que enfocam a Segunda Guerra e os ex-combatentes – que designamos como pracinhas paranaenses/brasileiros – a partir dos documentários que

constituem nosso *corpus* analítico¹, advêm da História, das Ciências da Comunicação e da Biblioteconomia e isso tornou o trabalho mais instigante e difícil. Há, também, artigos científicos que enfocam a temática, mas a interpretação, tanto da Força Expedicionária Brasileira (FEB), quanto da participação dos pracinhas brasileiros e das enfermeiras na Segunda Guerra são contraditórios², tendo em vista que, em uma mesma Formação Discursiva (doravante FD)³, há identificações distintas, sinalizando para a heterogeneidade, para o funcionamento em um mesmo discurso, do ‘mau sujeito’ e também do ‘bom sujeito’, tal como são definidos por Pêcheux (2009).

O interesse pela memória em torno da participação dos pracinhas brasileiros, na Segunda Guerra Mundial, em 1944, e a possibilidade de focar essa temática na dissertação de mestrado tornou-se possível pela veiculação de quatro documentários pela RPC/TV (Rede Paranaense de Comunicação), afiliada à Rede Brasil Sul de Televisão (RBS), em quatro sábados consecutivos, no mês de agosto de 2011, no programa *Meu Paraná*. Vale destacar, ainda, em relação a esses documentários e à motivação para o desenvolvimento dessa investigação, a relação história *versus* discurso e o fato de, nessas materialidades, os pracinhas paranaenses serem apresentados como sujeitos corajosos, valorosos e, além disso, plenamente identificados com a FD representada pelos italianos. Esses sujeitos, de acordo com os depoimentos recortados dos documentários, identificam-se com os sujeitos-italianos e são rememorados/comemorados, especialmente, nas cidades que dedicam a eles monumentos, os quais tomamos como *lugares de memória*, num esforço pela manutenção da memória em torno da Segunda Guerra Mundial.

¹ Em anexo o CD com os quatro documentários veiculados pela RPC/TV, vinculada à Rede Brasil Sul de Televisão (RBS), a partir dos quais recortamos as sequências discursivas (SD), que estruturam o *corpus* discursivo da dissertação.

² A noção de contradição, de acordo com Zandwais (2009) instaura não só a reprodução, mas também, a transformação, pelo funcionamento de diferentes posições sujeito em uma mesma FD. Desenvolveremos mais detalhadamente essa noção, considerando que, em relação à FEB, de acordo com Meron (2009), ocorre a divisão entre os que promovem a reprodução, aceitando a participação na Guerra e o acordo econômico e político celebrado pelo Presidente Getúlio Vargas com os Estados Unidos, que consistiu na convocação, pela FEB, de jovens brasileiros obrigados a servir o exército (serviço militar obrigatório) apesar do despreparo bélico e instrucional do Estado Brasileiro. De acordo com Silva (2012), nem todos os integrantes da FEB aceitaram as condições impostas e foram expulsos da corporação após a volta da Itália. Isso significa que uma parte dos pracinhas identificou-se à FD militar e à condição imposta pelo governo e outra parte se contraiu, passando eles a serem considerados comunistas, por adotarem um posicionamento antivarguista.

³ As noções Formação Discursiva, e modalidades de identificação do sujeito serão desenvolvidas mais adiante, mas vale destacar que essas noções são produtivas, nesta dissertação, tendo em vista o tratamento diferenciado dado à temática, em tela, e aos efeitos de sentido que resultam desse tratamento em dissertações e teses consultadas.

Os documentários em tela foram produzidos e veiculados pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC/TV), no programa *Meu Paraná*, que vai ao ar todos os sábados e dedica-se a divulgar, de acordo com o site em que a emissora se discursiviza, as riquezas e as idiossincrasias do Paraná. Essa é uma das razões pelas quais não enfocam os pracinhas brasileiros, mas os paranaenses, constituindo um imaginário positivo desses sujeitos. Diante disso, a questão que permeia este trabalho é: **Como se constitui, a partir dos documentários veiculados pela RPC/TV, o imaginário de heroicidade, de coragem e de solidariedade em torno dos pracinhas paranaenses, que participaram da Segunda Guerra Mundial, em 1944, no Norte da Itália?** Para responder a essa questão, ancoramo-nos nos pressupostos da Análise de Discurso, tal como foi desenvolvida por Michel Pêcheux, a partir da década de 60 e 70, do século XX e, no Brasil, por Orlandi e pesquisadores que a seguem na transformação, renovação e consolidação da teoria.

No Brasil, Eni Orlandi é o nome ligado aos fundamentos da Análise de Discurso, denominada brasileira, filiada aos estudos desenvolvidos por Pêcheux. Coube a ela a tradução e a publicação dos seus textos (juntamente com os pesquisadores da AD), e a consolidação desse campo disciplinar. Segundo Scherer (2008, p. 137-8), a AD brasileira constituiu-se a partir de duas ordens: uma interna e outra externa. A ordem interna encaminha por Orlandi – possibilidade de os brasileiros conhecerem Pêcheux e a formação de “um número imenso de analistas de discurso”. A ordem externa recobre as diferenças, o que é próprio da AD brasileira, e se estrutura por encontros de pesquisadores da área, que discutem com persistência os rumos da teoria e suas transformações, instaurando e fazendo funcionar contradiscursos, replicadas e contradições.

A Análise de Discurso funciona nos entremeios, questionando as demais disciplinas com vistas a questionar o que elas deixam de lado. Caracteriza-se, também, pela retomada das noções fundadoras que a estruturam, pelo deslocamento de noções e de saberes advindos das Ciências Sociais, da História, da Antropologia, e da Psicanálise, colocados para funcionar no âmbito do discurso. A constante renovação da AD pode ser comprovada pelas materialidades analisadas no seu interior, dentre elas as materialidades não verbais, os documentários, músicas, dentre outras.

É importante, com vistas a delimitar territórios e abrangências, destacar que o sujeito que permeia nosso enfoque não é o individual/empírico, mas aquele interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, do que se pode dizer que o sujeito e a ideologia são noções chaves

para a Análise de Discurso e isso justifica iniciar esta dissertação, abordando o discurso, considerando-o o objeto da Análise de Discurso e, também porque o objeto dessa dissertação é o discurso nos documentários. Entendemos que, nos documentários, há o trabalho da língua na história e, pelo trabalho da ideologia, esse discurso “parece” isento de intencionalidade, mas pela inscrição a um lugar institucional, no caso a RPC/TV, filiada à Rede Brasil Sul de Televisão (RBS), encaminha os efeitos de sentidos para um determinado lugar e sentido.

O foco da investigação é a desnaturalização das evidências de homogeneidade desse discurso, sinalizando que as suas condições de produção são constitutivas dos efeitos de sentidos, tendo em vista que a língua falha e falta e que um discurso faz sentido porque outros discursos já circularam antes e ressoam nele, seja para sustentá-lo e atualizá-lo ou para dar visibilidade ao que foi silenciado, apagado; significaram e continuam a significar como memória, como o que faz sentido em uma formação social. A possibilidade de focar os documentários na perspectiva discursiva veio de Orlandi (2011), mais precisamente, do texto em que a autora analisa um documentário e o toma como acontecimento discursivo, tendo em vista que se pauta em um acontecimento histórico e rompe com as regularidades desse acontecimento, inaugurando uma nova série: o acontecimento discursivo. O *corpus* discursivo constitui-se de quatro documentários que circularam na RPC/TV, *sobre*⁴ a participação dos brasileiros/Paranaense na 2ª Guerra mundial, na Itália.

O objetivo geral da dissertação foi o funcionamento discursivo dos documentários na constituição/instauração de imaginários de heroicidade, bravura e solidariedade em torno dos pracinhas. Esse objetivo desdobra-se nos objetivos específicos, quais sejam: 1) verificar como, a partir dos documentários em torno dos pracinhas paranaenses, o acontecimento histórico⁵,

⁴ Neste trabalho, destacamos dois funcionamentos do discurso *sobre*: um, em que ele é tomado como assunto, como o falar *de*, e outro, em que recobre a atualidade em relação a um discurso *de*, que funciona como memória, conforme destaca Venturini (2009a, 2013), sustentando e ancorando o dizer. Nesse sentido, discurso *de* e discurso *sobre* funcionam juntos no eixo da formulação, o primeiro, como efeitos de pré-construídos, como o que ressoa e o segundo, como o que se lineariza, mas que constitui efeitos também pelo que não está dito, pelo que falta/falha, pelo que vem de outros lugares.

⁵ Pensamos a Segunda Guerra como acontecimento histórico à medida que a guerra não faz parte de uma ficção, ao contrário, é apresentada como um acontecimento, destacando os efeitos históricos desse acontecimento para a humanidade. Quanto à participação dos pracinhas, ligados à FEB (Força Expedicionária Brasileira) e, mais especificamente, a participação dos pracinhas paranaenses, é possível dizer que participaram desse evento, mas não se pode destacar a importância e o alcance dessa participação, tendo em vista as contradições em torno da atuação deles e das razões que impulsionaram essa ida para o Sul da Itália. Nesse caso, o acontecimento histórico funciona

advindo da Segunda Guerra Mundial e da entrada do Brasil na Guerra, estrutura e sustenta a constituição de sujeitos e de identificações entre brasileiros e italianos; 2) destacar o funcionamento da memória na rememoração/comemoração dos brasileiros como heróis pelo discurso *de* (memória), ancorando/atualizando o discurso *sobre* (atualidade); 3) pensar nesses documentários como *lugar de memória* e no seu funcionamento discursivo, destacando o trabalho da língua na história, e sua relação com a ideologia.

Para dar conta desses objetivos, estruturamos o texto em três capítulos. No primeiro capítulo, enfocamos o discurso (lugar material da ideologia), a mídia, os documentários. Tratamos o discurso, como a possibilidade de constituição de efeitos de sentidos entre interlocutores, nos documentários em análise, entre os italianos, os pracinhas brasileiros/paranaenses e os sujeitos que os assistem. A mídia (espaço de circulação dos documentários), enquanto veículo responsável pela circulação das materialidades recortadas e, também, por constituir um arquivo em torno das temáticas abordadas.

Nos documentários, em tela, alguns modos de dizer são recorrentes, mas há recortes em torno da Segunda Guerra, mostrando flashes de batalhas, da atuação dos pracinhas e também dos monumentos que os rememoraram/comemoraram e fazem retornar, pelo discurso da história, alguns eventos que servem para dar visibilidade ao conflito. Discursivamente, os documentários funcionam como materialidade discursiva e as teorizações vêm de Orlandi (2011 e 2012). Nessa direção, propomos pensar o sujeito, como organizador do texto, enquanto sujeito-autor, as modalidades de identificações, propostas por Pêcheux (2009), destacando os pracinhas brasileiros/paranaenses como sujeitos que se identificam com a formação discursiva dominante, apagando aqueles que resistiram às determinações sócio-históricas. Finalizamos o capítulo com procedimentos teórico-metodológicos.

O segundo capítulo tem como fio condutor o espaço urbano e o funcionamento da memória, diferenciando-a do funcionamento da história que, na perspectiva discursiva, não contempla fatos datados e espacializados, mas a historicidade⁶. Faz parte desse capítulo o

como pano de fundo e, nos documentários desenvolve-se uma narrativa que foge aos acontecimentos bélicos, tendo em vista que a visibilidade maior é dada às relações pessoais, às relações sociais e às práticas religiosas.

⁶ A historicidade desloca os sentidos dos dados e encaminha para os fatos, de acordo com Orlandi (2012, p. 35), “de compreender como a matéria textual produz sentidos”, isto é, o movimento dos sujeitos e dos sentidos afetados pelas relações sociais e suas contradições. Voltaremos a tratar dessa noção no corpo do trabalho, tendo em vista que ela é produtiva em nossas análises.

funcionamento das cidades em torno dos monumentos e dos arquivos, os quais legitimam/ancoram a narrativa que estrutura os documentários; o discurso *de* (rememoração) e o discurso *sobre* (comemoração), tal como foi trabalhado por Venturini (2009a), do que demanda a definição de monumentos e documentos diferenciado-os⁷, tendo em vista que os monumentos funcionam discursivamente como a materialidade da rememoração/comemoração, e os documentos como o que possibilita e ajuda a buscar, nos monumentos os discursos *de* (as memórias que os constituem) e os discursos *sobre* (a sua atualidade), que só podem ser lidos e interpretados a partir do discurso *de* e do discurso *sobre*, funcionando juntos. O discurso *de*, de um lado, estrutura-se pelo que se repete e ressoa na atualidade, sinalizando para regularidades e para repetições, que instauram processos parafrásticos; o discurso *sobre*, de outro, sustenta-se na possibilidade de os sentidos poderem sempre ser outros, pelos processos polissêmicos, do que demandou abordar o documentário como *um lugar de memória*. Enfocamos, no segundo capítulo, o espaço urbano, como o lugar em que monumentos circulam como discursos e inserimos o primeiro recorte, no qual buscamos o modo como nas cidades os monumentos constituem-se como procedimentos que fazem-ver os pracinhas positivamente, sustentando a versão apresentada nos quatro documentários que constituem e estruturam o *corpus* discursivo desta dissertação.

No terceiro capítulo, refletimos em torno do funcionamento dos testemunhos e dos depoimentos, no que tange aos efeitos de objetividade e efeitos de verdades que instauram no discurso. Para focar o que designamos de segundo recorte, buscamos as sequências discursivas (SD) recortadas dos documentários veiculados pela RPC/TV, que anexamos no trabalho. Os depoimentos reforçam o imaginário positivo em torno dos pracinhas brasileiros/paranaenses e a participação deles no conflito da Segunda Guerra Mundial, no norte da Itália, e se concretizam pelos testemunhos, materializados sob a forma de depoimentos, como um modo de organização da textualidade, regulada pela função-autor. Após, destacamos o funcionamento do silêncio e dos apagamentos constitutivos dos documentários, bem como os seus efeitos, a partir do discurso realizado nos/pelos documentários, naturalizando a entrada do Brasil no conflito e maximizando a importância da ida do Brasil à guerra. Vale destacar que os silêncios apagam os problemas internos do Brasil, no mesmo período da guerra.

⁷ Dosse (1994, p. 269) retoma Foucault e o paradigma estrutural, a partir dos historiadores e destaca o questionamento e mudança de estatuto do documento a partir da história nova, pois “esta o organiza, secciona, recorta, distribui, dispõe em séries [...] enquanto o historiador de ontem transformava os monumentos em documentos, a história nova transforma os documentos em monumentos”.

A conclusão a que se chega, ao final do trabalho, é que, nos documentários, muito provavelmente, pelo lugar que a RPC/TV ocupa na formação social do Paraná e por focar, mais especificamente os pracinhas paranaenses/brasileiros, há uma ideologização desses sujeitos, do que resulta a versão de um acontecimento histórico, datado, espacializado, mas nem por isso, comprometido com a verdade e a objetividade da história.

1. SOBRE O OBJETO DE ANÁLISE: OS DOCUMENTÁRIOS EM TORNO DOS PRACINHAS PARANAENSES

Quando um rio corta, corta-se de vez/ o discurso-rio de água que ele fazia; / cortado, a água se quebra em pedaços, em poços de água, em água parálitica. (João Cabral de Mello Neto, 1950).

O nosso objetivo, neste primeiro capítulo, é tratar *sobre* o objeto de análise dessa investigação: os documentários⁸ em torno dos pracinhas paranaenses que participaram da Segunda Guerra Mundial, em seu funcionamento discursivo. Trata-se de quatro documentários veiculados pela Rede Paranaense de Televisão (RPC/TV), em quatro sábados consecutivos, a partir de 06 de agosto de 2011. Os pracinhas paranaenses fizeram parte da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e, para recobrir esse objeto, iniciamos com o discurso, objeto da Análise de discurso. Essa noção é tratada enquanto materialidade da ideologia a qual tem como sua materialidade, a língua.

No discurso, a relação língua-discurso-ideologia, de acordo com Orlandi (2002, p. 17) ele “é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para sujeitos”. Outra razão para abordar a noção de discurso é a necessidade de diferenciá-lo de texto, segundo a mesma autora, “uma unidade imaginária com começo, meio e fim” e, no âmbito do discursivo, uma peça que o analista inscreve em domínios do saber, circulando em diferentes suportes, na investigação em tela, na mídia.

Em seguida, enfocamos a mídia, como o veículo que difunde e dá visibilidade aos documentários, os quais seguem a sua ordem e, nos quais o sujeito-autor organiza a textualidade, destacando, nos documentários em tela, os traços de identificação entre os brasileiros e italianos. A mídia é um veículo no qual os textos circulam, construindo, por vezes, o acontecimento discursivo, noção cara à AD, mas de difícil definição.

⁸ O *corpus* estrutura-se por quatro documentários, mas a modalidade discursiva que trabalhamos é o documentário – uma materialidade produzida e que circula na mídia.

Para abordar o documentário, ancoramo-nos em Orlandi (2011) e ressaltamos que essa modalidade discursiva vem de outros lugares e, nesses lugares, tem uma função comunicativa que, quando deslocada para funcionar discursivamente pressupõe sujeitos e conceitos que funcionam em rede. Por isso, pensamos no discurso, na mídia e, finalmente, nos documentários para dar visibilidade às materialidades constitutivas do nosso *corpus*, que se estrutura não somente no verbal, mas também pelo não verbal.

1.1 Discurso no movimento dos sentidos

Iniciamos o recobrimento ao dispositivo teórico-analítico pelo discurso, objeto da Análise de Discurso, e o fazemos para diferenciá-lo de texto, que é, de acordo com Orlandi (2012, p. 52), uma peça de linguagem, uma unidade, imaginariamente, com começo meio e fim, em cuja origem carrega elementos de curso, percurso, de correr por enfim de movimento. É pelo discurso que os sujeitos inscrevem as palavras em regiões do saber, caracterizando-as “como práticas de linguagens pelas quais é possível observar os homens falando”, como destaca Orlandi (2002, p.15). Empiricamente, podemos dizer que o discurso tem como objetivo central a transmissão de mensagens, mas isso seria reduzi-lo a um funcionamento pragmático, que facilita a comunicação, abrangendo uma ampla possibilidade do “*querer dizer*” como um instrumento. De acordo com Pêcheux (2009, p. 83), o instrumento de comunicação

[...] deve ser tomado em sentido figurado e não em sentido próprio, na medida em que esse ‘instrumento’ permite ao mesmo tempo, a comunicação e a não-comunicação, isto é, autoriza a divisão sob a aparência da unidade, em razão de não estar se tratando, em primeira instância, da comunicação de um sentido.

Na perspectiva da Análise de Discurso e nos termos de Pêcheux (2009), a discursividade funciona, a partir de processos de constituição de sentidos, pelo atravessamento do linguístico por meio da História e da historicidade. Nessa perspectiva, não há um sentido próprio dado pela comunicação, haja vista, a língua em sua heterogeneidade e a falha que a constitui, somando-se às questões relacionadas ao sujeito. Nesse sentido, Orlandi (2002, p. 21) diz que “no

funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, há um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão”. Trata-se do homem falando, de práticas permeadas pelo ideológico e pelo atravessamento do inconsciente.

Por meio dos discursos, procuramos, conforme Orlandi (2002), compreender a língua fazendo sentido, por meio do simbólico, considerando que os sujeitos, a partir do discurso, instituem-se por suas capacidades de ‘significarem-se’ e de ‘significar’, pela inscrição em formações discursivas. Isso implica olhar a língua em sua relação com a história, tendo em conta que o “trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (ORLANDI, 2002, p. 16). No que tange ao homem e à sua história, vale considerar as formas linguísticas produzidas pelos sujeitos, por meio de processos discursivos⁹ e pela análise da relação que se estabelece entre esses sujeitos e a língua, a partir de contextos sócio-históricos em que se estruturam e circulam os dizeres.

A língua é um processo no mundo, com homens falando; interessa-lhe o modo como os sujeitos se significam e, também, como são significados, considerando a produção de sentidos como parte de suas vidas, não como sujeitos empíricos, mas como parte de uma formação social que, de acordo com Pêcheux (2009), representam o exterior, o processo de assujeitamento, por meio da inscrição em formações discursivas. De acordo com Orlandi (2002), cabe ao analista de discurso, inserido em um sistema sócio-histórico-político, analisar a forma como a língua materializa-se na ideologia e como a ideologia manifesta-se pela/na língua.

Nesse funcionamento, o discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua a materialidade específica do discurso. O trabalho da Análise de Discurso, como teoria ligada ao Materialismo Histórico e ao Materialismo Dialético, configura-se no trinômio língua-discurso-ideologia, e é nessa relação que, segundo Pêcheux (2009, p. 135), “a língua faz sentido”. O mesmo autor afirma que: “1) só há prática através *de* e *sob* uma ideologia; 2) só há ideologia *pelo* e *para* sujeitos”, reiterando, com isso, a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia e pelo atravessamento do inconsciente. Orlandi (2002, p. 17) destaca que, no discurso, pode-se

⁹ Os processos discursivos abarcam o funcionamento do linguístico e das discursividades, ou seja, os modos de as materialidades estabelecerem relações, além da linearidade e do que é interno, conforme Pêcheux, (PÊCHEUX, 2009).

observar a relação entre língua e ideologia e analisar como a língua faz sentido “por/para sujeitos”, por meio de seus discursos.

Vale destacar, segundo Orlandi (2002, p. 22), no que tange à língua e ao discurso, que nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, sem as limitações linguísticas ou determinações históricas, nem a língua é totalmente “fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos”. As sistematicidades da língua são as condições materiais sobre as quais se desenvolvem os processos discursivos e a língua traz em seu bojo as condições e possibilidades do discurso, questionando as fronteiras entre língua e discurso em cada prática discursiva. De acordo com Orlandi (2002, p. 22), para Pêcheux (1975), as sistematicidades não existem sob a “forma de um bloco homogêneo de regras organizado à maneira de uma máquina lógica a relação é de recobrimento, não havendo, portanto uma separação estável entre eles”. A ancoragem em Pêcheux (2009) referenda, de um lado, a não intencionalidade do discurso e, de outro, a impossibilidade de negar que o sujeito tenha intenções, pois ele pode tê-las, mas não há garantia de que sejam alcançadas.

A reflexão em torno de discursos e de sujeitos interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente possibilita dizer que os discursos conduzem a espaços ocupados simultaneamente por sujeitos inscritos em diferentes formações discursivas e assujeitados a diferentes Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), instaurando o antagonismo¹⁰, tendo em vista que, em um mesmo aparelho, há diferentes práticas e relações conflitantes sob a aparência da concordância. No interior da AD, os sujeitos não possuem consciência plena do seu dizer; parte dele escapa, falha, desmanchando, com isso, a possibilidade de o sentido ser estanque e abarcar totalidades, conforme Orlandi (2002).

A inclusão, na AD, da interpelação ideológica e do atravessamento do inconsciente teve como consequência a alteração da “máquina lógica da leitura”, proposta por Pêcheux, na Análise Automática do discurso, em detrimento da concepção de discurso como prática de linguagem,

¹⁰ O antagonismo, de acordo com Zandwais (2009, p. 34), ocorre pelas relações conflitantes entre as classes sociais no interior de um mesmo Aparelho Ideológico de Estado. Abordaremos essa questão nas análises, pois nos documentários, as materialidades analisadas, neste trabalho, funcionam como um imaginário de heroicidade, de um lado e, de outro, são apagadas, silenciadas as facções discordantes e contrárias a esse imaginário. O exército, enquanto AIE simula existência de concordância e de práticas de paz e de amizade no ambiente de guerra.

abarcando o movimento e a relação entre sujeitos. De acordo com Zandwais (2009, p. 25), Pêcheux

[...] busca estabelecer uma ponte entre ideologia, discurso e subjetividade, de modo a refletir sobre a conversão do indivíduo em sujeito pela interpelação (captura) deste como sujeito de uma formação social, e que se reconhece como sujeito pelas práticas que o interpelam no interior das formações ideológicas, as quais se referendam através de uma ou de outra formação discursiva, a que estão ligadas.

A reflexão em torno do modo como “a ideologia ‘apreende’ o sujeito e se corporifica na materialidade discursiva”, segundo Zandwais (2009, p. 25), ocorre pelo componente sintático e pelo componente linguístico. Nesse sentido, o componente sintático diferencia-se da prática corrente na Linguística, deixando de ser formal e se constituindo em uma nova materialidade, que funciona a partir de uma base linguística integrada a processos discursivos, designados por Pêcheux (2009, p. 148) como “[...] o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinônimas, etc, que funcionam entre elementos linguísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada.”

A base linguística integrada a processos discursivos sinaliza para a noção formação discursiva e para a sua produtividade no discurso, considerando que o sentido constitui-se, de acordo com Pêcheux (2009), por meio da inscrição do sujeito em regiões do saber e, também, pelas suas posições-sujeito, que determinam o seu olhar sobre o objeto material, impedindo que a língua funcione somente na transmissão de informações, conforme Orlandi (2002).

Para Pêcheux (2009, p. 148-149) “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela constitui-se, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas [...]”. Ele propõe chamar esse “todo complexo com dominante” das Formações discursivas, de interdiscurso, entendendo que ele se submete “à lei de desigualdade-contradição-subordinação”, que caracteriza o “complexo das formações ideológicas”, de acordo com Pêcheux (2009, p. 148-149).

Os processos de constituição de formação discursiva, tanto no domínio das ciências quanto no da política, conforme Pêcheux (2009, p. 197), mantêm entre si, “relações de

determinações dissimétricas” que acontecem pelos “efeitos de pré-construído” e “efeitos de discursos transversos” ou pela “articulação”, o que as caracteriza como o lugar de um “trabalho de reconfiguração” que, segundo o autor, configura um trabalho de “recobrimento – reprodução – reinscrição ou até mesmo um trabalho político ou cientificamente produtivo.” Mas, para que esses efeitos ressoem, há que se destacar a questão do discurso a partir da forma-sujeito, visto que não existe prática sem sujeito, o que nos conduzirá à “questão do efeito do complexo das formações discursivas na forma-sujeito”, em que os indivíduos inscrevem-se em práticas discursivas determinadas “pelo complexo das formações ideológicas”, no qual ele é interpelado pela ideologia em sujeito ilusoriamente responsável pelo dizer.

A abordagem em torno da ideologia demanda pensar o sujeito no discurso e destacar a tese defendida por Pêcheux na estruturação/configuração da teoria discursiva: “não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia”, sinalizando a filiação a Althusser e buscando destacar, de acordo com Pêcheux (2009, p. 119-120), que a ideologia relaciona-se a forças materiais e não a ideias e de que a ideologia constitui indivíduos em sujeitos e não se origina neles.

Para Pêcheux (2009), o interdiscurso é um saber que retoma dizeres já-ditos, antes em outro lugar, e que ainda continua ali, segundo Orlandi (2006); os sujeitos estão ligados a esse saber discursivo que não se adquire como conhecimento, mas que produz seus efeitos através da ideologia e do inconsciente. A autora destaca que o interdiscurso está ligado à formação ideológica, pois o “sentido”, tão explorado por Pêcheux, “é sempre uma palavra por outra, ele existe em relações de (transferências) que se dão nas formações discursivas que são seu lugar histórico provisório”.

O autor destaca a possibilidade de entender o discurso, não apenas como uma materialidade que une um significante e um significado, mas como uma materialidade histórica significante. Segundo o autor, o discurso significa, por um lado, como uma materialidade constituída por uma estrutura e por um acontecimento e, por outro, que a estrutura desse discurso nem sempre acontece na estabilidade da veiculação de valores ideológicos, mas, na instabilidade ocasionada pela tensão, pelo conflito, pelo contínuo atravessamento de/entre esses valores.

Com isso, Pêcheux (2008, p. 16) introduz a reflexão sobre o discurso como estrutura e como acontecimento e exemplifica esse duplo e tensivo sentido do discurso com base na análise do funcionamento discursivo do enunciado “On a gagné” [Ganhamos], repetido insistentemente,

na Praça da Bastilha, em Paris, em 10 de maio de 1981, ressaltando que “a materialidade discursiva desse enunciado coletivo é absolutamente particular: ela não tem nem o conteúdo nem a forma, nem a estrutura enunciativa de uma palavra de ordem de uma manifestação ou de um comício político” (PÊCHEUX, 2008, p. 21).

Entendemos que a expressão “*On a gagné*” [ganhamos] abarca os discursos que retornam e sustentam a atualidade, inscrevendo-a em diferentes domínios do saber, referendando, com isso, que o sentido sempre pode ser outro, devido, especialmente, a esses retornos, que sinalizam para o duplo e para a tensão do discurso no acontecimento. Esse funcionamento não ocorre somente no discurso político, mas também, nos discursos em geral, ratificando o que diz Orlandi (2011), segundo a qual, todo o discurso é um ato político. Acrescentamos que isso acontece porque o sujeito sempre se “coloca” no discurso, inscrevendo-se na ilusão de ser a origem do dizer.

On a gagné [Ganhamos], cantado com um ritmo de uma melodia determinados (on-a-gagné/dó-dó-dó-sol-dó) constitui a retomada direta no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar. Este grito marca o momento em que a participação passiva do espectador-torcedor se converte em atividade coletiva gestual e vocal, materializando a festa da vitória da equipe, tanto mais intensamente quanto ela era mais improvável (PÊCHEUX, 2008, p. 21).

No campo político, o enunciado “*On a gagné*”, pode ser traduzido pela equação “X diz X” e significar, a partir de diferentes formações discursivas em que se inscreve. Assim sendo, as argumentações e relações derivam de um universo logicamente estabilizado, e podem ser descritas inúmeras vezes por meio de respostas que manterão o mesmo sentido mesmo que empregadas diferentemente.

Desse modo, a mídia, ao trabalhar o enunciado no domínio do político desloca-o, conduzindo tanto para negação como para o equívoco e, desse modo, ele deixa de ser um enunciado estabilizado, isto é, ao fazer circular esse enunciado, a mídia nega a possibilidade de gerenciamento dos sentidos, abrindo para o equívoco. Para Pêcheux (2008, p. 53), “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois linguisticamente descritível como uma série

(léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva passíveis, oferecendo lugar à interpretação”.

O exemplo do acontecimento do dia 10 de maio de 1981, na França, conduz a uma reflexão sobre o estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento discursivo, entrecruzando proposições de aparência logicamente estáveis, suscetíveis de resposta unívoca e formulações irremediavelmente equívocas ao mesmo tempo [...] (PÊCHEUX, 2008, p. 28).

1.2 A mídia como lugar de circulação e de filiação de discursos e sujeitos

A mídia funciona como suporte, no qual os discursos materializados como documentários significam e são visibilizados a partir de sujeitos. Nos termos de Orlandi (2001), é o lugar em que os discursos circulam e, em função disso, significam de um modo ou de outro, dependendo da legitimidade do veículo e dos sujeitos e memórias que ele convoca. Ainda, segundo a mesma autora (ORLANDI, 2012, p. 16), “a mídia é um lugar de interpretação que funciona pelo Ibope”. Por esse funcionamento, ela promove a estabilidade, apaga o político e, com isso, busca gerenciar os sentidos, sendo responsável pela circulação de discursos, os quais, como observa Nora (1976, p.183-193), trouxeram de volta à cena, o acontecimento, possibilitando a vivência da história contemporânea.

O autor afirma que “o acontecimento é projetado, lançado na vida privada e oferecido sob a forma de espetáculo” (NORA, 1976, p. 183). Os discursos constituídos pela mídia são determinados por posições ideológicas estabelecidas em um processo sócio-histórico, no qual os sujeitos, enquanto posição, de acordo com Pêcheux (2009, p. 147), e a partir de uma formação ideológica dada, inscrevem-se em formações discursivas que determinam o que pode/deve ser dito e, também, o contrário.

Na perspectiva discursiva, pensamos na determinação dos efeitos de sentidos pelo domínio em que os discursos se inscrevem, e pela dependência dos sujeitos em formações discursivas. De acordo com Mariani (1999), a mídia deve ser enfocada, considerando as formas pelas quais as instituições tornam-se, elas mesmas, discursos, pois essas formas constituem-se

pelo modo institucional de significar-se, impedindo que se desconsiderem as correlações entre instituição e os discursos por ela proferidos. Assim,

Um trabalho de análise que tome como objeto os discursos institucionais precisa considerar a historicidade do processo da constituição da própria instituição, ou seja, o modo como a instituição ao se constituir como tal, discursivizou-se. E a historicidade desse processo de constituição no funcionamento dos discursos institucionais. Desse modo, torna-se possível refletir sobre a tipologia dos discursos institucionais e não partir dela como já dada consensualmente (MARIANI, 1999, p. 47).

A autora destaca que, nas análises de discursos institucionais, uma das principais dificuldades é filiar o discurso a um determinado grupo social ou a uma formação discursiva, nos termos de Pêcheux (2009), e de descrever o que faz com que o discurso pertença a uma instituição e corresponda a essa instituição. O que acontece, segundo Pêcheux (idem), é que a simplificação leva a correlacionar e a apagar a heterogeneidade constitutiva da produção dos discursos, fazendo parecer que eles são homogêneos. “Não é porque há normas institucionais organizando os poderes e o dizer, que a prática discursiva pode ser reduzida a um espelho de tais normas” (MARIANI, 1999, p. 49).

O lugar em que o dizer se constitui significa como posição a partir das formações discursivas. Com isso, Pêcheux (2009, p. 160) refere ao todo complexo das formações ideológicas, destacando que os sentidos das palavras, dão concretude e materialidade aos discursos; não têm existência e nem relação com a literalidade, mas são determinados pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras, expressões e proposições são (re)produzidas. Ressalta, com isso, a produtividade das formações discursivas, que determinam “o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc)”, conforme Pêcheux, (2009, p. 147).

Mariani (1999) destaca que não há correlação mecânica entre o dizer e o lugar institucional e que as concepções não são fixadas *a priori*, a partir das instituições, pois os sujeitos inscrevem-se em FDs, decorrendo dessa inscrição; a interpelação ideológica ocorre diferentemente, impedindo a homogeneidade e a formatação de discursos, sem promover o social

em sua individualidade. A autora destaca que há uma formação discursiva dominante “na qual se configuram as fronteiras sempre móveis de produção de sentidos e a compreensão de um funcionamento de discurso institucional” (ibidem, 1999, p. 49), mas essa “dominância” não é plena, do que se pode sustentar que os sentidos sempre podem ser outros.

No que tange às formações discursivas, deve-se considerar que a posição-sujeito refaz a distinção e a relação existente entre o “mundo” exterior, em estado natural que, diante da ação das instituições, harmoniza-se a uma norma. Por meio dessa norma, os sujeitos seriam ajustados e, por fim, seriam os discursos que explicariam as relações e não a norma. Vale destacar que, no âmbito discursivo, não podemos correr o risco de abordar “os lugares sociais marcados por falas prévias e automaticamente institucionalizadas” porque, se assim o fizessemos, estaríamos aceitando a literalidade dos sentidos, tomando-os como verdades decorrentes de discursos institucionais. Isso significaria aceitar efeitos imaginários da “existência” de um sentido literal, relacionado a conteúdos institucionais já “fixados em função da ilusão da objetividade do real”, de acordo com Mariani (1999, p. 49).

No *corpus* selecionado para análise, há funcionamento de imaginários em torno dos pracinhas paranaenses participantes da Segunda Guerra Mundial, buscando fortalecer os laços identitários entre eles e os italianos. Esses laços, entretanto, ancoram-se/sustentam-se em outros discursos fundados na história da imigração italiana, nas semelhanças territoriais, de língua, de costumes e de religião.

1.3. Documentários e as formações imaginárias no acontecimento

A Análise de Discurso, de acordo com Orlandi (2002), Malidier (2005) e Courtine (1999) trabalha entre disciplinas, mais especificamente, entre a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise. No entanto, de acordo com Orlandi (idem), como campo disciplinar, não se subordina às demais disciplinas, ao contrário, questiona o que elas deixam de fora. A sua especificidade está, de acordo com autora (idem, 2002), na problematização dos modos de ler, o que permite incluir, entre as materialidades que podem constituir o seu objeto, os documentários, estruturados não só pelo verbal, mas também pelo não verbal, além de outras materialidades,

deixadas de lado, quando a disciplina foi pensada e organizada por Pêcheux e os pesquisadores que com ele trabalhavam, conforme destaca Maldidier (2003).

O documentário, enquanto modalidade textual, é uma materialidade significativa da mídia e, nele, instaura-se a relação entre o fato e a realidade, constituindo efeitos de verdade. O acontecimento da ordem do político, instaurado por ela, está além da “intenção” declarada de seus participantes, de acordo com Orlandi (2011, p. 53). Para a autora, o documentário é um objeto de arte, essencialmente memorial, pois, a partir dele, a memória movimenta-se, alterando-se. A autora define o documentário como discurso, ancorando-se em Pêcheux (2002, p.16), na proposta em torno do discurso como estrutura e como acontecimento. Alicerçada nessa definição, Orlandi (2011) salienta que o documentário analisado por ela é um acontecimento, pois se caracteriza por ser “o ponto de encontro entre uma memória e uma atualidade”, tal como afirma Pêcheux (2002) quando se refere ao enunciado “On a gagné”, que “atravessou a França no dia 10 de maio de 1981”.

De acordo com Pêcheux (1990, p. 56), o discurso relaciona-se e depende de redes de memória, de trajetos sociais nos quais ele acontece, promovendo uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos, buscando estabelecer filiações sócio-históricas de identificação e, ao mesmo tempo, um trabalho de deslocamento no seu espaço. Esse deslocamento da memória, no espaço, e a independência discursiva ligam-se à memória discursiva e ao interdiscurso, que são irrepresentáveis. Nesse sentido, de acordo com Orlandi (2011, p.55), o documentário

[...] quando recorta, sem o saber, essa memória em algum ponto, produzindo um acontecimento, não “representa”, produz um efeito, inserindo por seu gesto a memória em uma atualidade. E o que é essa atualidade assim produzida e sujeita a equívoco, como em todo acontecimento? Um/esse efeito. Uma formulação (ORLANDI, 2011, p. 55).

Essa materialidade constitui-se a partir do recorte de um acontecimento, propondo o seu funcionamento no simbólico, e seus efeitos de sentidos a partir do/no discurso, lugar em que significa pela historicidade, pela memória (interdiscurso).

No documentário, como em todo discurso, há um posicionamento político que se manifesta por sujeitos, sinalizando para a interpelação ideológica e para a inscrição dos sujeitos em formações discursivas. Trata-se, na perspectiva discursiva, de um posicionamento político e não de uma representação. Segundo Orlandi (2011, p. 53),

O político, tal como o pensamos discursivamente, está presente em todo discurso. Não há sujeito nem sentido que não seja dividido, não há forma de estar no discurso sem constituir-se em uma posição-sujeito e, portanto, inscrever-se em uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, é a projeção da ideologia no dizer. As relações de poder são simbolizadas e isso é o político. A análise do discurso, por sua vez, como diz Courtine (1982), trabalha com a textualização do político.

Diante do que propõe Orlandi (idem) e das materialidades que estruturam o nosso *corpus*, entendemos que a os sujeitos, que exercem a função-autoria nessas materialidades, tomaram uma decisão política no momento em que optaram por priorizar aspectos ligados a sujeitos a sentimentos, comportamentos e à exploração de aspectos ligados ao religioso em detrimento da guerra e dos conflitos bélicos. O que há, nessas materialidades, são versões e histórias, nas quais são simuladas sequências de fatos, que se desenvolvem organizadamente e atendem a posicionamentos políticos, no discurso.

De acordo com Orlandi (1996, p. 21-22), “dizer que os sujeitos e os sentidos são divididos e têm uma direção que não é indiferente à sua relação com a ideologia” e, por isso, instauram-se uma série de efeitos de sentidos, em detrimento de outros, “determinados pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, e proposições são produzidas, (isto é reproduzidas)”(PÊCHEUX, 2009, p.146-7).

Essas proposições, de acordo com o mesmo autor, advêm de formações discursivas, originadas de “formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada”. Essas formações são definidas pelo “estado da luta de classes”, que determinam o dizer. O político, no documentário, relaciona-se ao processo de inscrição dos sujeitos em formações discursivas, que comportam a ideologia. Assim, os discursos que circulam nos documentários devem ser analisados, tendo em conta o pode ou não ser dito, estabelecendo seus critérios de análise. De acordo com Pêcheux (2009, p. 147), considerar as formações discursivas

[...] equivale a afirmar que as palavras, expressões proposições etc, recebem seu sentido na formação discursiva, na qual são produzidas”, porque “os indivíduos são interpelados” em sujeitos falantes (em sujeitos do seu discurso) pelas FDs, que representam na “linguagem” as formações ideológicas que lhe são correspondentes.

Referimo-nos ao sentido em relação às formações discursivas que estruturam os documentários para mostrar, em primeiro lugar, as estreitas relações das materialidades discursivas com o mundo, designado por Pêcheux (2009), de “normatizado” e, em segundo lugar, para destacar a interpelação de sujeitos pela ideologia, que não representam ideias, de acordo com Althusser (1985, p. 91), mas referem-se a “atos, inscritos em práticas”, as quais são reguladas por rituais em que se inscrevem. Os sujeitos que dão depoimentos e testemunhos¹¹ manifestam, ainda que de modo inconsciente, as suas interpelações ideológicas, pelas suas escolhas políticas.

Nesse modo de pensar os documentários como escolha política, nós os significamos como materialidades discursivas determinadas pela ideologia, e que pela inscrição de sujeitos em de FDs, sinalizam para as relações com o acontecimento histórico, quer inscrevendo-se em uma ordem de verdade, quer rompendo com esse acontecimento ou com esse efeito de verdade e de presentificação. Orlandi, (2011, p. 56) assinala que

A história, entre outras coisas, busca documentar um acontecimento. Ao falar de um fato coloca-o na história. O Documentário busca na memória (dos sujeitos que, ao mostrar/ dizer/significar, ele põe na história. Ele faz “acontecer” uma versão (trabalho de efeito metafórico, deriva). O documentário é um acontecimento discursivo que faz com que *algo* apareça como acontecimento. Ele constrói o acontecimento que mostra. E o que mostra é um efeito de presentificação (atualidade) produzido, como disse, pelo jogo do interdiscurso (Memória discursiva) e a memória institucional (a de arquivo) postas em contradição. E por este gesto ele *produz* um passado.

¹¹ Os depoimentos em forma de testemunhos se constituem como um dos procedimentos presentes e recorrentes nas materialidades analisadas nesta dissertação, constituindo, conforme análises realizadas, um imaginário de heroicidade em torno dos pracinhas, apagando, com isso, aqueles que foram para a Segunda Guerra, no norte da Itália e se desidentificaram com as FDs representadas pela/na Era Vargas.

Há, nos documentários, a proposição de um problema ou tópico acompanhado de informações históricas sobre esse tópico e, na sequência, um exame de seriedade ou complexidade da temática enfocada. Essa apresentação traz, no seu bojo, uma recomendação ou solução conclusiva, que o espectador é convidado a assegurar ou adotar como sua.

Nesse sentido, também no documentário, “[...] as coisas-a-saber são tomadas como redes de memória dando lugar a filiações identificadoras e não aprendizagens por interação”, conforme Orlandi (2011, p. 56). Pêcheux (2008, p. 54), assevera que “a transferência não é uma interação, e as filiações históricas nas quais se inscrevem os indivíduos não são máquinas de aprender”. A autora destaca que, nas filiações sócio-históricas, o autor do documentário vale-se das coisas a saber, que se inscrevem pelas cores e formas, movimentos, técnicas; referenda Pêcheux (1994, p. 54), considerando que ele “joga todo o tempo com as relações entre memória estruturada pelo esquecimento”, designa essa memória de “memória institucional a que não esquece”, e acrescenta que, “para significar o acontecimento, o documentário põe em contradição o que se esquece e o que não é para esquecer” (ORLANDI, 2011, p. 56).

Os discursos, nos documentários, complementam-se e materializam imaginários, ou a qualidade daquilo que pertenceu a outros tempos e a outros espaços e significam por meio dessa nova construção discursiva, como uma configuração de mundo. Ao referir-se ao processo de construção discursiva do documentário, Orlandi (2011) menciona João Massarollo¹², e aborda o documentário intitulado São Carlos /68, dizendo que,

[...] sob o ponto de vista discursivo há uma fala cristalizada, sobre este acontecimento, que o despolitiza por assim dizer, e que faz parte do imaginário da cidade, circulando o já significado. A dificuldade sendo, portanto, a de atravessar a circularidade desse imaginário que prende os dizeres no mesmo lugar e encontra-se com o real do acontecimento, o real dessa história (ORLANDI, 2011, p.54).

Neste trabalho, considera-se, então, o documento pelo viés discursivo, recortando aqueles veiculados pela RPC/TV, os quais enfocam o acontecimento histórico da Segunda Guerra mundial, destacando, especialmente, os Pracinhas paranaenses, integrantes da Força

¹² João Massarollo - cineasta e professor em Comunicações e Artes. Seu documentário tem como título São Carlos /68.

Expedicionária Brasileira (FEB). Souza (2009) analisa os documentários como discursos complexos, pensando-os a partir da sua ligação a sujeitos que se inscrevem em formações discursivas, significando essas materialidades como uma representação da realidade, que se estrutura por meio de gravações ao vivo de depoimentos em forma de testemunhos e de redes parafrásticas, que estruturam “verdades” ou “ficções”. A mesma autora aborda os documentários como materialidade discursiva permeada pela incompletude, pela desestabilização de sentidos, pela ruptura com a ordem vigente e pela possibilidade de os sentidos poderem sempre ser outros.

Já Mello (2010) sustenta que os registros históricos em funcionamento nos documentários recortam fragmentos da realidade e só se constituirão em documentário se conduzidos por uma narrativa que constitui unidade em torno do que é contado, destacando a produtividade da narrativa, nessa modalidade discursiva. Embora a estrutura narrativa seja considerada a organização básica do documentário, há necessidade de identificar o que a diferencia de uma narrativa puramente ficcional. Ainda de acordo com a mesma autora, o documento, como um discurso sobre o real, enfoca a apresentação de uma documentação, a partir de um processo de fabricação de valores e significados, sinalizando para o documentário como um instrumento em uso pelos Aparelhos ideológicos de Estado (AIE), nesse caso, a mídia, que interpreta e representa o mundo, fazendo com que o tempo se amplie ou se constitua uma atemporalidade, que instaura efeitos de sentidos ligados à objetividade.

O documentário caracteriza-se pela repetição, que reconstrói o já-dito e assenta-se, na reformulação, um novo dizer. Nesse processo de reformulação do já dito, ocorrem deslocamentos de sentido, do que decorre o processo parafrástico e polissêmico, de modo que essa materialidade, em sua produção discursiva se faça numa tensa relação entre o mesmo e o diferente (ORLANDI, 2002), sendo o processo parafrástico o que permite a produção do mesmo sentido por meio de várias formas e o polissêmico responsável pelo fato de os sentidos poderem sempre ser outros. Interessa, pois, investigar, através de fenômenos como a repetição e paráfrase, como se constituem redes de sentidos nos documentários televisivos e o estabelecimento de sentidos.

1.3.1 Sobre as condições de produção dos documentários

Antes de teorizar em torno das condições de produção dos documentários, cabe salientar, a relação das materialidades com as condições de produções em que se realizam, considerando-as como parte dos sentidos, pois, segundo Pêcheux (2009, p. 146), “o caráter material do sentido – mascarado por sua evidência transparente para o sujeito - consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos “o todo complexo das formações ideológicas”, explicadas pelo autor por meio de duas teses: a primeira, dando conta de que o sentido não existe em si mesmo, mas em relação às posições ideológicas, em jogo nos processos discursivos, sinalizando para a mudança de sentido de acordo com as condições de produção, as posições sujeito, a relação base linguística e processo discursivo, entre outros. A segunda tese diz respeito às formações discursivas e ao modo como, no interior delas, é dissimulada a sua dependência ao todo ‘complexo com dominante’.

No que se disse anteriormente, cabe destacar as condições de produção que, segundo Orlandi (2002), recobrem as condições em que as materialidades textualizam-se, enquanto materialidades significantes, que resultam de redes significantes, sinalizando para as relações internas e externas, que estruturam e sustentam a interpretação. Isso significa considerar não só a linearidade, mas também, os sujeitos, a partir de suas posições na formação social e as suas identificações ou não com a forma-sujeito em funcionamento.

Vale destacar, em função disso, a partir dos desdobramentos dos sujeitos propostos por Pêcheux (2009), quem são os sujeitos que respondem pelo conteúdo do dizer, ocupando o lugar de locutor, assumindo-se como ‘eu’ e respondendo, ilusoriamente, pelo que é dito. Trata-se daquele que se ‘vê’ como a origem do dizer, a partir de inscrições em formações discursivas¹³, que determinam o que ele pode/deve ou não dizer. Diante disso, é possível entender que esses documentários significam pelo lugar em que são produzidos, ou seja, em uma rede de televisão do Paraná, a quem interessa dar visibilidade aos sujeitos-pracinhas em seus efeitos de

¹³ A noção formação discursiva é bastante produtiva na Análise de Discurso, tanto que Pêcheux e Gadet (2004) se perguntaram se ainda valia a pena lutar por ela e Indursky (2007) fez o mesmo. A primeira referência de Pêcheux a essa noção foi em 1969, no texto escrito juntamente com Catherine Fucks – Por uma análise automática do discurso - quando propôs pensar mais detalhadamente a teoria do discurso.

heroicidade, enquanto paranaenses, interpelando, com isso, os paranaenses, pelas projeções imaginárias, de acordo com Orlandi (2002), a partir das quais o sujeito projeta-se para o lugar onde o interlocutor o ouve, direcionando o dizer por meio dessa antecipação.

As condições de produção, ainda de acordo com Orlandi (2002), abarcam as condições sócio-históricas, possibilitando destacar os apagamentos e, principalmente, os direcionamentos desse discurso, constituindo imaginários em torno dos pracinhas e da atuação deles na Segunda Guerra Mundial, deixando de dizer, por exemplo, que esses sujeitos e que a Força Expedicionária Brasileira não possuía ‘força’ bélica e nem preparo militar; apagando, enfim, o fato de que os americanos é que financiaram a Guerra, o que pode indicar as razões pelas quais, de acordo com os documentários, os italianos viam os brasileiros como libertadores e heróis. Considerando as condições de produção, passamos a falar da RPC/TV e o programa *Meu Paraná*, responsável pelos documentários, veiculados em 2011.

Ainda em torno das condições de produção dos documentários que constituem o *corpus* desta dissertação, destacamos o fato de a Rede Paranaense de Comunicação - RPC TV ser, no Paraná, “a maior rede de televisão”, destacando em seus anúncios publicitários, o funcionamento em uma rede que congrega oito afiliadas da Rede Globo no Paraná. Ela é apresentada como líder absoluta no estado e a causa dessa liderança está no fato de levar “diariamente para mais de 10 milhões de telespectadores, uma programação de qualidade, que valoriza assuntos de interesse da população e incentiva a participação da comunidade, com conteúdos nacionais e locais”.

A emissora responsável pela programação constitui-se como sujeito e, enquanto tal, assume a organização das materialidades veiculadas, uma posição-sujeito, a partir da qual, ilusoriamente, organiza a textualidade e imaginariamente representa-se como a emissora que prioriza os interesses e preferências dos telespectadores e das comunidades.

As afiliadas da RPC/TV estão localizadas em Curitiba, Londrina, Maringá, Ponta Grossa, Foz do Iguaçu, Guarapuava, Cascavel e Paranavaí, distribuindo o sinal para 382 municípios. No site em que o órgão se mostra, diz como se vê e se significa. No esquema analítico abaixo, recortamos os sentidos da emissora, sinalizando para o imaginário dela em relação à distribuição de riquezas no estado do Paraná, à identificação com os telespectadores, à comunicação, ao conteúdo, à interação e aos recursos. Esse imaginário concretiza-se pelo enunciado definitório que ressoa a partir de -Ela é:

- distribuidora de riquezas no Estado do Paraná
- identificada com os telespectadores
- maior rede de comunicação no Paraná
- a que oferece maior conteúdo
- a que é mais interativa
- a que possui mais recursos

Esquema analítico: imaginários da RPC/TV

O modo como a RCP/TV se significa a partir do seu site oficial possibilita a identificação de uma rede parafrástica pela qual se constitui um imaginário favorável aos pracinhas, legitimando e autorizando a emissora a determinar o que pode/deve ser visto/dito pelos sujeitos paranaenses, consolidando-se como quem sabe o que é bom para todos. A emissora veicula o programa *Meu Paraná*, o qual por meio de reportagens temáticas interpreta o Paraná, os sujeitos que o estruturam e os acontecimentos pelos quais o estado paranaense é representado.

No esquema analítico que significa RPC/TV, os sentidos em torno da emissora se constituem por enunciados definitórios, que se materializam pelo enunciado, nem sempre linearizado, “ela é...”. Por esses enunciados constitui-se um imaginário favorável em torno do aparelho midiático em tela. Ele é superior em tudo: na distribuição de riquezas, na identificação com os sujeitos-interlocutores, maior meio de comunicação, a que possui mais recursos e é mais interativa. Trata-se de trabalhar sob a base linguística e por processos discursivos que permitem ler/interpretar/compreender também o que não está dito, mas que ressoa e é constitutivo do sentido.

O programa é exibido em rede estadual, aos sábados, dando visibilidade ao Estado do Paraná por meio de cenários diferenciados, que priorizam o que, de acordo com a interpretação da emissora, valoriza o Estado do Paraná, dá visibilidade ao que ele tem de melhor e apaga o que não tem interesse divulgar. No ano de 2011, o programa levou ao ar uma programação composta por quatro documentários, que foram apresentados em quatro sábados consecutivos, a partir do mês de agosto, com a finalidade de divulgar a participação dos pracinhas paranaenses na Segunda Guerra, no norte da Itália, destacando o lado humano desses sujeitos e apagando o conflito

mundial e os pracinhas que se desidentificaram da formação discursiva ligada ao estado Novo e a Vargas e à expulsão dos combatentes da corporação. De acordo com Silva (2012, p. 352), “a FEB foi dissolvida antes mesmo de pisar em solo nacional”, já que a sua atuação na Itália e a socialização com os norte-americanos (seus aliados) foi quase nula, pois não falavam a língua inglesa, dependiam de instrução militar americana e de seus equipamentos bélicos.

1.3.2 Os documentários e os modos de constituir efeitos de sentidos

Temos enfatizado, desde o início desta dissertação, que olhamos o nosso objeto pelo viés da teoria do discurso filiada a Pêcheux e a Orlandi, e que os analistas filiados a esse campo teórico, não buscam os conteúdos, mas o modo como determinados efeitos de sentido se constituem. Mais precisamente, de acordo com a autora (2006, p. 13), “na perspectiva que trabalha o sujeito, a história e a língua” e assume as consequências resultantes do trabalho entre disciplinas, que redundam na ocupação do lugar da resistência, especialmente porque questiona a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo, perguntando pelo, enquanto disciplinas, elas deixam de fora.

Os documentários, tratados como textos que encaminham para discursos, conforme Orlandi (2012), fazem sentido a partir da língua em funcionamento na história, abarcando sujeitos filiados em formações discursivas e, por isso, interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente. No que tange aos efeitos de sentidos, vale ressaltar as condições de produção, que resultam da materialidade e a sua constituição, buscando as relações parafrásticas e o retorno de memórias, pelo que retornam discursos pelos quais a memória trabalha, convocando diferentes domínios de saber.

Para exemplificar o funcionamento das redes parafrásticas, retomamos o esquema analítico nº 01, em que a RPC/TV se significa, cujas significações ocorrem pelas relações que se constituem, de modo que a emissora, segundo o que está no site em que se apresenta, distribui riquezas, identifica-se com os telespectadores, é a maior rede de comunicação, oferece mais conteúdo, é interativa e possui mais recursos. Por meio de todos esses enunciados, os efeitos de sentidos que se constituem, são os de que a emissora é um sucesso, fazendo retornar discursos

que reforçam esses efeitos. O reforço do sucesso da RPC/TV dá visibilidade às emissoras que não são um sucesso, sinalizando que sempre há quem domina e quem é dominado.

Outro modo de instaurar efeitos de sentidos a partir de documentários tem a ver com a realidade e a objetividade, destacando que os documentários, ao contrário do que o senso comum faz acreditar, não se centram em verdades e nem sempre abarcam a cientificidade, mesmo quando são enfocadas textualidades ligadas à história. Trata-se do trabalho da língua na história, em que o sujeito funciona como mediador entre a pretensa realidade e a ficcionalização. Nesse funcionamento, as definições são produtivas, ainda mais quando se estruturam por enunciados com o verbo “ser”, que encaminham para efeitos de objetividade e de verdade.

Os procedimentos relacionados ao “ver” para “fazer crer” relacionam-se aos efeitos de verdade e foram trabalhados por Venturini (2009) a partir de De Certeau (1984) que designa de “fazer crer” o modo como determinadas situações são dadas a ver e a significar pelo trabalho da língua na história, instituindo efeitos de realidade e de objetividade. Nos documentários analisados, esses procedimentos funcionam a partir dos monumentos presentes nas cidades que “mostram” a passagem dos pracinhas na cidade, com o objetivo de significá-los como heróis libertadores, conforme o documentário que foi ao ar no dia 06 de agosto de 2011, quando a repórter que apresenta os documentários diz: “‘Libertadores’ é assim que os italianos chamam os pracinhas...¹⁴”.

Os depoimentos e testemunhos constituem-se, assim como as imagens da cidade, como modos de “fazer crer”, encaminhando para um imaginário positivo dos pracinhas, destacando-se que se trata, talvez, não de uma intenção deliberada por sujeitos que assumem a responsabilidade pelo que é veiculado por meio dos documentários, mas e, principalmente, como resultado da identificação entre sujeitos que se filiam a um mesmo Estado e movem-se pelo desejo de construir imaginários positivos do Estado e de si mesmos. Trata-se do mecanismo de antecipação pelo qual, de acordo com Orlandi (2002, p. 39), “todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor “ouve” suas palavras.

¹⁴ No terceiro capítulo desta dissertação, analisamos os depoimentos dos italianos, tendo em vista que esses depoimentos são um forma de fazer-crer, por meio dos documentários, que os pracinhas são bem vistos pelos italianos, atendendo aos interesses da RPC/TV que é paranaense e os pracinhas destacados nessas materialidades também o são.

Ele antecipa-se a seu interlocutor quanto ao sentido que elas produzem.” É por meio desse procedimento que o dizer se encaminha em uma direção e não a outra.

Trata-se do funcionamento do imaginário, em que o sujeito se significa e, nesse movimento ou gesto de leitura, significa o outro, significando, também, o seu dizer e os possíveis efeitos que esse dizer instaura. O imaginário é produtivo, em nosso trabalho, pelos documentários, tomados como materialidades discursivas, a partir dos quais os sujeitos, enquanto interlocutores, tomam posições, identificando-se, contraindificando-se ou se desidentificando, conforme tratamento dado por Pêcheux (2009) às modalidades de identificação do sujeito com a forma-sujeito que o interpela. Vale destacar, retomando Orlandi (2002), que as projeções imaginárias são responsáveis pela passagem do sujeito empírico ao sujeito discursivo, que inclui as condições de produção, a língua perpassada pelo equívoco e a historicidade, separando o institucional do não institucional.

1.3.3 Procedimentos metodológicos: questão de pesquisa, objetivos, recortes

Olhamos para o nosso objeto de análise a partir do viés da Análise de Discurso, iniciada com Pêcheux, na França e desenvolvida, no Brasil, a partir de Orlandi, a quem coube reler e transformar a teoria, constituindo um campo disciplinar que se diferencia daquele que se desenvolveu na França, à medida que atende às especificidades do Brasil. O presente trabalho tem como objeto de análise o documentário (modalidade discursiva) e os documentários, recortando quatro materialidades veiculadas pela RPC TV (Rede Paranaense de Comunicação), durante quatro semanas consecutivas (início em 06 de agosto de 2011), em torno da participação dos pracinhas paranaenses/brasileiros na Segunda Guerra Mundial. O enfoque midiático em torno desses sujeitos constitui-se como uma versão em torno do acontecimento histórico enfocado, buscando constituir determinados efeitos de sentidos, apagando outros, os quais, discursivamente, estruturam-se pelo real da língua e pelo real da história.

Na perspectiva discursiva, não se buscam verdades e conteúdos, mas os processos discursivos, isto é, os efeitos de sentido dos documentários, enquanto materialidades constituídas como homogêneas, em que os sentidos constituem-se pelo trabalho da língua na história, em seu

funcionamento lacunar, permeada pela ideologia e atravessada pelo inconsciente. A questão de pesquisa que justifica o trabalho e que buscamos responder é: Como se constitui, a partir dos documentários veiculados pela RPC/TV, o imaginário de heroicidade, de coragem e de solidariedade em torno dos pracinhas paranaenses, que participaram da Segunda Guerra Mundial, em 1944, no Norte da Itália?

O objetivo geral da dissertação gira em torno do funcionamento discursivo dos documentários na constituição/instauração de imaginários de heroicidade, bravura e solidariedade em torno dos pracinhas. Esse objetivo desdobra-se nos objetivos específicos, quais sejam: 1) verificar como, a partir dos documentários em torno dos pracinhas paranaenses, o acontecimento histórico advindo da Segunda Guerra Mundial e da entrada do Brasil na Guerra, estrutura e sustenta a constituição de sujeitos e de identificações entre brasileiros e italianos; 2) destacar o funcionamento da memória na rememoração/comemoração dos brasileiros como heróis pelo discurso *de* (memória), ancorando/atualizando o discurso *sobre* (atualidade); 3) pensar nesses documentários como *lugar de memória* e no seu funcionamento discursivo, destacando o trabalho da língua na história, e sua relação com a ideologia.

O texto estrutura-se em três capítulos. No primeiro, enfocamos o discurso (lugar material da ideologia); a mídia (espaço de circulação dos documentários), enquanto veículo responsável pela circulação das materialidades recortadas; os documentários que funcionam como materialidade discursiva e as teorizações que vêm de Orlandi (2011 e 2012). Com vistas a mostrar como os documentários instauram uma versão da história, refletimos em torno do sujeito-autor, que organiza a textualidade, as modalidades de identificações, propostas por Pêcheux (2009), os procedimentos de constituição de efeitos de verdade e de objetividade, destacando os processos parafrásticos e polissêmicos, os procedimentos de “fazer-creer”, pelos enunciados definitórios, pelos testemunhos e depoimentos, que destacam os pracinhas brasileiros/paranaenses como sujeitos que se identificam com a formação discursiva dominante, apagando aqueles que resistiram às determinações sócio-históricas e romperam com o que é estabilizado, nesses documentários.

O segundo capítulo tem como fio condutor o espaço urbano e o funcionamento da memória, diferenciando-a do funcionamento da história que, na perspectiva discursiva, não contempla fatos datados e espacializados, mas a historicidade. Nesse segundo capítulo, pensamos

na cidade e nos monumentos que constituem o arquivo urbano e sinalizam para a passagem dos brasileiros pelo espaço social da Itália. Enfocamos, nesse capítulo, o funcionamento da memória na estruturação do discurso estruturado pelos documentários, notadamente, o discurso *de* (memória) e o discurso *sobre* (atualidade), funcionando juntos no eixo da formulação. Inserimos, nesse capítulo, o primeiro recorte, no qual buscamos o modo como, nas cidades, os monumentos se constituem como procedimentos que fazem-ver os pracinhas positivamente, sustentando a versão apresentada nos quatro documentários que constituem e estruturam o corpus discursivo desta dissertação.

No terceiro capítulo, refletimos em torno do funcionamento dos testemunhos e dos depoimentos, no que tange aos efeitos de objetividade e efeitos de verdades que instauram no discurso. Para focar o que designamos de segundo recorte, retiramos dos quatro documentários veiculados pela RPC/TV, que anexamos no trabalho, sequências discursivas (SD) que resultam de depoimentos e testemunhos de sujeitos italianos, reforçando o imaginário positivo em torno dos pracinhas brasileiros/paranaenses e da participação deles no conflito da Segunda Guerra Mundial, no norte da Itália. O terceiro recorte realiza-se a partir do que entendemos como silenciamentos e apagamentos constitutivos dos documentários, naturalizando a entrada do Brasil no conflito, com vistas a dar visibilidade ao que interessa às instituições.

2. ESPAÇO URBANO E O FUNCIONAMENTO DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA

O gesto de interpretação, fora da história, não é formulação (é fórmula), não é re-significação (é rearranjo). Isto não quer dizer que não haja produção de autoria. Há. (ORLANDI, 2004)

Neste capítulo, enfocamos o espaço urbano, a memória como discurso *de* e discurso *sobre*; a história e, por ela, os *lugares de memória*, a partir de Nora (1984); os monumentos/documentos e arquivos em seu funcionamento nos documentários, enquanto materialidades que constituem efeitos de verdade e de objetividade em torno do que é abordado neles, caracterizando o que Pêcheux (2009. P. 240) chama de “pequeno teatro teórico da interpelação”, como uma crítica ao teatro da consciência. Nosso objetivo, neste capítulo, é relacionar história e memória, priorizando as semelhanças, aproximações e diferenças em seu funcionamento a partir de monumentos, testemunhos/depoimentos e arquivos que ilustram o que os documentários apresentam para sustentar o que é dito/veiculado, buscando significar os pracinhas brasileiros/paranaenses como libertadores.

Vale sublinhar, já no início deste capítulo, que o primeiro documentário abre com o enunciado “Libertadores – é assim que os italianos chamam os soldados brasileiros que expulsaram os nazistas de suas cidades [...]”¹⁵. Retomamos esse enunciado com o objetivo de justificar o primeiro recorte realizado na dissertação, mais especificamente, a cidade em sua ordem e organização e os monumentos e praças como um modo de construir o imaginário heroico em torno dos pracinhas.

É preciso destacar, de início, que a memória e a história não se complementam. Há entre elas diferenças e oposições, dependendo do viés pelo qual são teorizadas. A memória, segundo Venturini (2009, p.85), é “a reconstrução sempre incompleta do que não existe mais”, ou seja, o

¹⁵ Com este enunciado são apresentados os quatro documentários veiculados pela RPC/TV, que faz parte dos anexos desta dissertação. No primeiro documentários são destacados os objetivos dos documentários, as cidades visitadas pela equipe da emissora, dando visibilidade aos lugares por onde andaram os pracinhas brasileiros, destacando os paranaenses.

retorno do que fez parte de uma formação social, vivida por sujeitos, retornando em discurso porque faz sentido para sujeitos, ressoando a partir da interpelação ideológica e do atravessamento pelo (in)consciente. Já a história, segundo a mesma autora, “diz respeito ao que significa nas formações sociais, é da ordem do vivido, está em permanente evolução, aberta a lembranças e ao esquecimento. Diz respeito a grupos sociais, unindo os sujeitos desses grupos por laços identitários e de representação”.

2.1 Espaço urbano e funcionamento nos monumentos/documentos

O espaço urbano está vinculado, primeiramente, à questão histórica e ao sujeito, estabelecendo a relação língua/sujeito/história e, por essa relação, convocando os espaços sociais, nos quais os sujeitos habitam/vivem/significam, estruturando espaços históricos, pelos quais retornam discursos e ressoam memórias, por vezes, apagadas/silenciadas na sua formação política e ideológica. De acordo com Orlandi (2011, p. 2), é necessário “[...]rever, re-significar teoricamente a relação indivíduo/sociedade”, o que possibilita trabalhar as “relações urbanas/relações sociais e os acontecimentos discursivos que se produzem no espaço de significação”.

Segundo Rasia (2006), em seu artigo, *Semântica do Acontecimento: Um Olhar Sobre a Cidade, Seus Nomes e Suas Práticas Política*, Guimarães (2002) retoma a relação indivíduo e sociedade para relacionar “[...] a enunciação ao acontecimento de linguagem, instância que temporaliza e pela qual o sujeito é tomado. Para ele, a temporalização do acontecimento *recorta um passado como memorável e simultaneamente instala uma latência de futuro*”. Ainda no mesmo ponto reflexivo, Guimarães (2002, p.11) relaciona a enunciação a um *acontecimento linguístico*, que funciona por ter um passado com efeitos de memória e por idealizar, em si mesmo, um futuro. Ele considera o passado enquanto memória, não como lembrança (individual), mas como rememoração de enunciações, e o futuro como “o tempo da interpretação” (GUIMARÃES, 2011, p. 35).

O espaço de significação – o espaço urbano – segundo Venturini (2009, p. 137), passou por transformações, deixando de ser visto simplesmente como uma delimitação espacial do

objeto de estudo do historiador, para ser considerado como questão e como memória de onde emergem as tensões urbanas, conduzindo-nos a um retorno e a uma reflexão, sobre as relações sujeito/indivíduo/sociedade, para compreender como esse sujeito assujeitado se significa e é significado, num espaço “em que há uma sobredeterminação do social pelo urbano” (idem, p. 137).

Em seu conjunto, o espaço urbano colabora para a produção dos discursos como o lugar em que se descortinam, segundo Venturini (2009, p. 137), “tecidos de memória do passado, que se recuperam ao longo da existência humana”, referidos por Matos (2002). Essa memória passa a ser analisada, como “uma materialidade complexa cuja ênfase recai sobre a relação existente entre o texto e a imagem para a passagem do visível ao nomeado” (ORLANDI, 1999, p. 8).

Para fazer a distinção entre a cidade e o urbano, Orlandi (1999, 2004c) a enfoca em termos de ordem e organização. A organização funciona em relação ao administrativo, “diretivo, e ao imaginário, como o arranjo das unidades, por sua vez a ordem é do domínio do simbólico” A autora assevera que é “a relação com o real da história (a sistematização sujeito e a sua relação com o equívoco), articulação necessária e contraditória entre a estrutura e o acontecimento” (ORLANDI, 2001b, p. 13). O discurso urbano é, então, a organização da cidade em discurso e o silenciamento do real desse espaço. Para Orlandi, (2004a, p. 68)

[...] o discurso é constituído a partir da sobreposição do acontecimento urbano sobre a própria realidade da cidade. Nessa distinção, aquilo que seria realidade urbana é substituída pelas categorias do saber urbano, seja em sua forma erudita (discurso do urbanista) seja no modo do senso comum em que este discurso é incorporado pela política pelo administrativo, pela ‘comunidade’ convertendo sentidos no imaginário urbano.

Nessas reflexões, consideramos os espaços urbanos do Brasil e da Itália no tempo presente, a partir dos efeitos de sentidos que ressoam da época da Segunda Guerra Mundial, enfocando o contexto sócio-histórico das cidades brasileiras e italianas que ancoram e sustentam o discurso *de* e o discurso *sobre* os quais são sustentados pelas materialidades verbais e não verbais através das quais é possível estabelecer filiações e aproximações e que nos encaminha para a visibilidade dada ao espaço urbano em nosso *corpus* de análise.

Destacamos o espaço urbano, em nosso trabalho, tendo em vista a relação dos pracinhas na Segunda Guerra Mundial, conforme os documentários apresentados pela RPC/TV, tanto com

as cidades brasileiras quanto com as italianas, envolvendo a memória e os discursos *de e sobre*, como uma forma de arranjar e dispor eventos e fatos históricos, independentemente da significação dos mesmos, de maneira a se buscar a identificação, as representações sociais, bem como seu vínculo com os espaços urbanos, além da necessidade de resgatar o pertencimento social, dos ex-combatentes da guerra, dando visibilidades aos monumentos, bem como à denominação de praças que rememoram os feitos e os nomes dos expedicionários. Os monumentos possuem uma estreita relação com o olhar que aqui se expressa, como um olhar voltado sobre as cidades, sobre o urbano, tendo como fim específico a história e a memória e os sentidos que daí ressoam “nas imagens, nos gestos, nos ritos, nas festas e nas próprias palavras”.

A história dos Pracinhas da FEB (Força Expedicionária Brasileira) e os monumentos/textos–imagens, como prática simbólica de sua participação na Segunda Guerra Mundial e da constituição imaginária de sua glorificação ao longo do tempo, relacionando aquilo que Venturini, (2009. p.60) interpreta como “passíveis de constituir arquivos e de se tornar documentos históricos dados como herança a gerações futuras”, buscando estabilizar e concretizar discursos que encaminham para efeitos determinados pelas instituições. Nesse sentido, Catroga (2001a, p. 46) assevera que o passado retorna de acordo com as demandas do tempo presente. No contexto bélico, isto se dá por meio de textos-imagens, e conduzem os seus efeitos de sentido a um tempo no futuro, ao devir.

Os sujeitos que se significam pela história e pela memória, quer seja ela documental ou imagética, encaminham para os sentidos da imagem, segundo Davallon como “operadora de memórias” e que, segundo Orlandi (2008. p. 57), coloca como “parte do funcionamento da memória discursiva [...] na relação com o acontecimento”. De acordo com a autora (Idem, p. 57), “[...] para que haja memória é preciso que o acontecimento, ou o saber registrado, saia de indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância”, deslocando-a para o presente, entrecruzando a memória coletiva e histórica. A autora destaca que a imagem, além de expressar a realidade da história, mantém a “força das relações sociais”, o que, no caso dos documentários, reforça os efeitos de realidade e de objetividade, destacada também por Souza (2009).

É quase consenso o esforço institucional em significar os pracinhas paranaenses/brasileiros positivamente, como heróis libertadores, que se pautavam em um espírito humanitário. No documentário, há visibilidade para as cidades, buscando nelas o modo como se

constroem monumentos que rememoraram/comemoram os pracinhas. Isso acontece pela repetição, pela refacção do percurso feito por eles (os lugares por onde passaram e o que fizeram nesses lugares), construindo, por meio desse discurso, um imaginário positivo.

A memória em torno dos pracinhas da FEB ressoa de uma versão histórica, que simula ser a história desses sujeitos, visibilizada por textos-imagens recortados e veiculados pelos documentários de responsabilidade da RPC-TV, no Programa *Meu Paraná*. Os efeitos de sentidos decorrentes desses textos-imagem são de identificação entre brasileiros e italianos que, hoje, fazem parte da paisagem urbana das cidades do Paraná e, também de cidades da Itália, dando visibilidade a sua participação na Segunda Guerra Mundial, na Itália. Esses sujeitos que, nos documentários, são significados como heróis, companheiros, libertadores, assim são significados por meio do espaço urbano, mais precisamente, pelas instituições militares de suas cidades, objetivando a preservação de memórias e a construção de versões históricas que apagam a história oficial. Desse modo, essas materialidades- objetos, unidas num mesmo propósito, que é a da preservação da memória, bem como os documentos de uma história particular das cidades, são resultados de uma preservação memorial específica.

Os efeitos de sentidos que ressoam desses monumentos, em específico, são a da história presentificada e do espírito de sacrifício cívico das forças armadas brasileiras e, por força de seu significado, têm um objetivo a cumprir, o que não significa que todos tiveram o mesmo sentido. Assim sendo, visitantes dessas cidades ou os espectadores dos documentários da RPC/TV poderão constituir diferentes efeitos de sentidos. Na preservação da memória, os monumentos funcionam como citação que, pelo contato do olhar, se dão a ver e, com isso dotam esse discurso de efeitos de concretude.

As cidades significam-se, de acordo com Orlandi (2004a, p.31), pelo interdiscurso e os sujeitos que nelas habitam, reafirmam o seu pertencimento ao espaço pelas filiações identitárias que os inscrevem em redes de memória. Nesse sentido, Venturini (2009, p. 140) define a cidade como um “espaço simbólico cuja materialidade é marcada por formas específicas de significar, por meio da ‘relação constitutiva’ de espaço com a linguagem e com os sujeitos/cidadãos que a habitam num tempo determinado”. Ainda segundo a autora, é “pelo discurso, aparentemente homogêneo e linear, que a realidade imaginária da cidade liga o espaço urbano aos sujeitos no movimento descontínuo da história em sua relação com o real” (idem, p. 140).

A cidade constitui-se por um lado, pela sua ordem e, por outro, pela sua ligação com os sujeitos que nela habitam e a constituem como texto. Nessa perspectiva, os discursos, em especial, os de rememoração/comemoração que emanam do espaço urbano insurgem-se contraditoriamente como um texto saturado, simulando que tudo já foi dito, fazendo crer em sua objetividade.

Todo sujeito, para que possa partilhar do mesmo espaço social, precisa conhecer a sua ordem. Na esteira de Venturini (2009, p. 141), “a cidade e o sujeito mantêm uma relação de dependência”, pois, por um lado ela só existe porque os sujeitos a constituem e, por outro, ela só existe porque os sujeitos que a habitam constituem/estruturam o seu corpo social, podendo-se dizer que a cidade estrutura sujeitos e se estrutura por meio deles. Ainda conforme a mesma autora, não são os saberes de um sujeito em específico e individual que formam a memória da cidade, ao contrário, ela se constitui pelos saberes de uma formação social em sua totalidade, pois “o passado retorna – pelos enunciados fundadores – não com o mesmo sentido, mas transformado, a partir de recordações, (memórias) e do conhecimento transformado e deslocado pelo funcionamento discursivo (historicidade)” (VENTURINI, 2009, p. 140).

2.2 Discurso de e discurso sobre: funcionamentos da memória

A memória, neste trabalho, é a que se relaciona a sujeitos e, segundo Pêcheux (2008, p. 52), é um ponto de “estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida a uma dialética da repetição e da regularização”. Na formulação do autor, é o que, diante de um texto que se apresenta à leitura, reconstrói “os implícitos” necessários para que a leitura faça sentido e se inscreva como “condição do legível em relação ao próprio legível”. Ela se constitui em “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas de conflitos de regularização [...]. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 56). Não se trata, portanto, de linearidades, mas de retornos, retomadas, de discursos que preenchem furos e atualizam sentidos pelo que não está dito, mas significa.

Para Pêcheux (1999, p. 53), “a noção de memória discursiva, diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de suas práticas discursivas, reguladas pelo aparelho ideológico”.

Não se trata, portanto, somente do trabalho da memória e da filiação em formações discursivas, mas de movimentos e de práticas a partir das quais as regularidades promovem a estabilização ou rompem com a ordem institucionalizada, dando início ao novo, não raro, à resistência ao que está posto, ao cristalizado.

De acordo com Pêcheux (2009), a repetição cristaliza sentidos de um lado e, por outro, é responsável pela sua movimentação ou alteração do que circula como verdade, tendo em vista que os sentidos e as fronteiras entre formações discursivas movimentam-se/deslocam-se. A razão desse movimento/deslocamento decorre da mobilidade do sujeito, de uma posição-sujeito a outra ou de uma matriz de sentidos a outra, promovendo rupturas. O *corpus* desta dissertação - documentários em torno da participação dos pracinhas paranaenses, na Segunda Guerra Mundial - rompe com a repetição e com o que se espera de documentários em torno dessa temática, pois, no lugar de conflitos e batalhas, o que se tem é a supervalorização dos pracinhas e o apagamento de tudo que não interessa às instituições veicular/divulgar. Contraditoriamente, ressoam discursos inscritos aos domínios do religioso, do político, entre outros.

Podemos dizer, então, que os sentidos não podem ser gerenciados, valendo destacar a sua relação com o sujeito para destacar o fato de que este último constitui-se pelos esquecimentos, notadamente o esquecimento que Pêcheux (2009, p.161-162) denomina de esquecimento nº 1 e, Orlandi (2002, p. 35) de esquecimento ideológico, da instância do inconsciente. Na memória coletiva, ela se faz por raízes que se configuram na formação social, envolvendo sujeitos que formam grupos específicos e que estão ligados pelos mesmos laços identitários, aproximando-se, portanto, do discursivo, em que o sujeito nunca é individual, mas interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente.

Para uma melhor compreensão desses processos de “regularização” e de “desvio” trazemos Indurski (2011, p. 76) para discordar de suas posições, tendo em vista que, para ela, “os sentidos depois de cristalizados não podem mais se alterar”, apagando o que diz Pêcheux em torno do sentido, destacando que eles tendem a se modificar, por meio da repetição, da inscrição do sujeito em formações discursivas e pelo modo como as redes discursivas de formulação, formadas por meio da repetição, vão se filiando às formações discursivas já existentes, atualizando as redes de memórias, que por sua vez, podem instaurar um mesmo sentido, instaurando a relação metafórica, pela qual uma palavra é tomada por outra, instaurando a

desestabilização nos processos de normatização. As transformações de sentido não acontecem “na” memória, mas nos discursos, no que retorna, posto que o sentido não é neutro, ao contrário, depende de sujeitos e da filiação deles em FDs, determinando, como diz Pêcheux (2009, p. 147), “o que pode e deve ser dito”.

A referência a uma formação discursiva, na qual enunciados, independentemente de quais sejam, remetem a posições-sujeito diversas, sinalizando para o fato de os discursos se constituírem como o a base da ideologia. Isso implica pensar que não haverá mais um efeito metafórico simples, mas um deslocamento que acontece devido à alteração na posição-sujeito daquele que assume a responsabilidade pelo que é dito, ou seja, a passagem de uma posição-sujeito à outra. Nesse funcionamento, um efeito de sentido é tomado por outro, embora as duas posições estejam inscritas/filiadas à mesma FD, fazendo o primeiro sentido refletir por trás do segundo, produzindo o que Courtine (1981) chamou de “efeito de memória”. O autor destaca essa relação entre interdiscurso e intradiscorso que se representa no/pelo efeito discursivo, por ocasião da qual uma formulação-origem retorna na atualidade de uma “conjuntura discursiva”, designada como efeito de memória.

O efeito de memória constitui-se pelos objetos/enunciados, em uma formação discursiva em que se constitui o saber próprio dela, que existe no tempo longo de uma memória, ao passo que as formulações são tomadas no tempo curto da atualidade de uma enunciação. O efeito de memória, segundo Courtine (2009, p. 106), decorre da relação entre interdiscurso e intradiscorso, ou seja, ocorre sempre que uma formulação-origem retorna na atualidade de uma “conjuntura discursiva”.

Quando afirmamos que o objeto da nossa dissertação são os documentários *sobre* os pracinhas paranaenses/brasileiros e *sobre* a participação deles na Segunda Guerra Mundial, destacamos, em nota de rodapé, a ancoragem em Venturini (2013), que enfoca dois discursos *sobre*: um referindo a assunto ou um discurso em torno de um tema ou evento e o outro, enquanto atualidade, como um funcionamento de memória que abarca a atualidade (comemoração), no tratamento do espaço urbano. Vale salientar, em relação ao funcionamento do discurso *de*, que ele, assim como o discurso *sobre*, possui dois funcionamentos: um como discurso que vem de algum lugar e outro como memória, que sustenta e ancora o discurso *sobre*, como atualidade.

Para chegar ao funcionamento do discurso *de* (rememoração) e discurso *sobre* (comemoração), a autora ancorou-se em Nora (1984) que cunhou o lugar de memória para ser o lugar da contramemória e não da celebração, destacando o discurso *sobre*, como o lugar da institucionalização. De acordo com Orlandi (1990, p. 37), o discurso *sobre* organiza as vozes do discurso *de*, referendando o funcionamento desse discurso em torno de um tema e o discurso *de* como aquele que advém de algum lugar, conforme referido por Venturini (2013), quando diferencia os diferentes funcionamentos do discurso *de*. Mariani (1998) enfoca o discurso *sobre* a imprensa e, Indursky (2002) utiliza esse conceito em relação aos membros do MST, referindo ao que a imprensa diz *sobre* esses sujeitos, sinalizando para o discurso *sobre* como assunto ou temática.

Venturini (2009) ancora as reflexões em torno do funcionamento da memória como discurso *de* (rememoração) e discurso *sobre* (comemoração), funcionando na linearidade como rememoração/comemoração, em Courtine (1999), quando se refere aos eixos horizontal (intradiscurso) e vertical (interdiscurso). A rememoração acontece no universo do “já dito” e do significado, na dimensão não linear do dizer, retornando ao discurso pela repetição, estabilizando os sentidos por um lado e, por outro, instaurando o novo a partir de redes parafrásticas, pelas quais de acordo com Orlandi, (2002, p. 36) fica assegurada a repetição, tendo em vista que “em todo o dizer há algo que se mantém, isto é o dizível, a memória”, assegurando o retorno e a sedimentação do dizer, que estabiliza o dizer.

Nesse funcionamento, os sujeitos, de acordo com Venturini (2009, p.74), filiam seus dizeres a certas FDs pela “rememoração como discurso *de*”, movimentando a rede de filiações e de sentidos com palavras já ditas, as quais podem “tanto cristalizar os sentidos como fazendo intervir o diferente, instaurando o novo, pelo processo polissêmico”. Nesse sentido, o discurso *de* estrutura-se pelas repetições – paráfrases – e o discurso *sobre* recobre a polissemia. Em relação à repetição e ao novo, Orlandi destaca que

É nesse jogo entre paráfrase e polissemia que entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. Se o real da linguagem não fosse sujeito a falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem aos sujeitos nem aos sentidos. É porque a

língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito ao significar se significa. (ORLANDI, 2002a, pp. 36-37).

De acordo com Venturini (2009, p. 74), a rememoração apresenta-se sob duas modalidades: “como discurso, enquanto pré-construído e como discurso fundante”. No primeiro funcionamento - pré-construído - ela significa como memória e materializa-se no discurso como efeito do discurso transversal. Ou seja, quando outros discursos advindos de outros lugares e outros tempos interferem no intradiscurso, e instituem novos efeitos de sentidos, que se colocam contrários à homogeneidade, e se formulam por discursos já enunciados e que, pela repetição, constituem uma nova enunciação, um movimento que vincula o já-dito à atualidade, passando a construir redes de memória, Pêcheux (1997, p. 167) refere a redes de memória como “incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso: a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura”. O discurso fundante funciona como o que sustenta o dizer em sua materialidade, constituindo efeitos de verdade e de autoridade.

Pela comemoração, considera-se o texto em sua linearidade e Venturini (2009, p.75) propõe para enfocá-la, a noção de *discurso sobre*, formado pelo *discurso de*, caracterizado como “a memória que o constitui e como discurso fundante que retorna e o ancora no eixo da formulação”. Para que haja a construção de um evento a ser comemorado, os sujeitos inscrevem-se em “espaços discursivos, como domínios do saber relacionados ao lugar do evento comemorado”. A autora destaca que o discurso *sobre* sustenta-se na memória histórica e tem relação com os esquecimentos, referidos por Pêcheux (2009), como da ordem da enunciação (esquecimento no. 02) e da ordem do inconsciente (esquecimento no. 01), que ocorrem como representações imaginárias estabelecidas pelas posições econômicas e que são consideradas como falhas do domínio desses sujeitos, e igualmente acontecem pelas marcações de homogeneidade e de linearidade, porque, ao compartilharem as várias memórias, dotam o discurso de objetividade e de raízes em outros discursos que estruturam a memória, linearizando o dizer e apagando a memória (rememoração). A partir da relação do discurso *sobre* com a memória e com os esquecimentos constitutivos dos sujeitos, Venturini (2009, p. 78), em relação ao discurso *sobre*, salienta que

[...] esta característica do discurso *sobre* diz respeito aos pilares que o sustentam: o sujeito e a formação discursiva em funcionamento no discurso. A FD legitima a posição que o sujeito ocupa e permite-lhe dizer o que diz sobre algo que ele acredita conhecer e que lhe confere autoridade para dizer o que diz.

Com isso, destaca o discurso *sobre* como um modo de institucionalizar o dizer, tendo em vista a sua origem em um sujeito imaginário que ao se pronunciar, coloca-se no lugar do interlocutor, e materializa, no discurso, o que ele próprio gostaria de ouvir. Orlandi (2002) retoma as palavras de Pêcheux (1997b, p. 82) e lembra que essa antecipação constitui no processo discursivo, a posição que locutor e interlocutor ocupam, designando um ao outro e o imaginário que possuem desses lugares, pela mobilização de determinados imaginários, a partir de seus lugares e dos lugares de seus interlocutores, por meio das normas estabelecidas pelas formações sociais, através das quais os sujeitos sabem o que lhes é permitido ou não dizer ou interpretar.

Segundo Pêcheux (1997), “um discurso remete a outro com o qual mantém relações de sentido, respondendo direta ou indiretamente por ele”. Assim, as “visibilidades, os silêncios e os apagamentos no discurso *sobre* deve-se ao compromisso do enunciador com o dizer a partir do lugar que ocupa e de onde enuncia” (VENTURINI, 2009, p. 79). Nesse sentido, destaca que o sujeito só pode se constituir sujeito na ordem do dizer se foi autorizado a isso, inscrevendo-se em novas Formações discursivas. É na materialidade do discurso que os novos sentidos se constituem como efeitos de memória, como uma narrativa que se produz a partir do intradiscorso, no qual ressoam saberes, que se encontram no eixo vertical, o interdiscorso.

Nesse funcionamento, o relato de memórias vividas, são reconstruídas, reinventadas, pela rememoração e pela comemoração, atualizando o presente pela representação de nomes e de eventos que constituem os acontecimentos discursivos que se abrem para o futuro, fazendo com que os mesmos discursos retornem e se repitam e pela repetibilidade, movimentem a memória histórica, não podendo ser considerados como literais ou homogêneos.

O discurso *de* (memória) e o discurso *sobre* (atualidade), em relação ao documentário em torno dos pracinhas paranaenses/brasileiros e a participação deles na Segunda Guerra Mundial, é produtiva em nossa investigação, pois há discursos que funcionam como memória e que retornam ancorando e atualizando o discurso *sobre* em relação ao que seja um herói e libertador, modos como os pracinhas da FEB são designados. Há, igualmente, discursos funcionando como anterioridade e exterioridade que, possibilitam que no documentário, legitimem-se as

identificações entre os pracinhas da FEB e os sujeitos italianos. Dentre esses discursos, está o da imigração e dos espaços ocupados, no Brasil, pelos italianos¹⁶.

2.3 A História/historicidade e os lugares de memória na análise dos documentários

A História para a AD relaciona-se ao texto, o qual, segundo Orlandi (2004, p. 14), “não é uma superfície plana, nem tampouco uma chapa linear [...] ele é um bólido de sentidos”, e como tal, parte em inúmeras direções “em múltiplos planos significantes”, constituindo-se como um objeto sócio-histórico, em que “o linguístico intervém como pressuposto” (ORLANDI, 2004, p. 53), porque ele só existe na conjunção entre o real da língua e as regularidades daí decorrentes e as redes de sentido, incluindo, de acordo com Pêcheux e Gadet (2004), o real da história, isto é, a contradição, que apaga o efeito de unicidade.

Os fatos históricos e os dados que os estruturam destacam a dependência de um ao outro, sinalizando que um só existe mediante a existência do outro, e é no estudo da linguagem que é visível essa interligação e/ou deslocamento, deslizando do campo do conhecimento linguístico para o do funcionamento discursivo. Mas é no domínio da história que eles se interligam e ressoam configurando, segundo Orlandi (2004. p.37), o “fato de linguagem”, que carrega consigo a “questão da historicidade”, e é no domínio da historicidade, que se destaca a noção de dados, que são os discursos, que “por sua vez, não são os objetos empíricos, são efeitos de sentido entre locutores, sendo análise e teoria inseparáveis”.

Nessa linha de pensamento, de acordo com Henry (1994), a história, para a AD, não é aquela que deriva de fatos cronológicos em processos de evolução, mas, aquela que resulta porque os fatos reclamam sentidos. Desse modo, não existe nenhuma separação entre sujeito x objeto, interioridade x exterioridade. O que é exteriorizado pelo sujeito já existe no seu interior, apresentando relação entre interdiscurso e intradiscurso, através do pré-construído, que aparece como o “já lá”, como “já dito”. A História caracteriza-se pela universalidade, envolvendo sujeitos assujeitados pela ideologia, onde “há voz de todos e há voz de ninguém” (NORA, 1993,

¹⁶ Os documentários e a constituição de identificações entre os pracinhas paranaenses e os sujeitos italianos são analisados no capítulo três.

p. 9), fazendo ressoar formulações já acontecidas. A história é, portanto, datada, e a historicidade são os efeitos de sentidos que ressoam dela.

Estudos realizados no campo das Ciências Humanas colocam a memória e a história como dois mecanismos diferentes voltados para a busca do passado. Nora (1984) aponta a memória representada por meio de monumentos, pinturas, documentos, caracterizando-os como lugares de memória por guardarem traços/resquícios reais constituídos pela tessitura de fatores sócio-histórico-cultural. Nesse sentido, os *lugares de memória* são lugares e funcionam como lugares em todos os sentidos do termo, abarcando, desde o mais simples objeto concreto até o mais abstrato, o simbólico e o funcional, coexistindo sempre de forma sincrônica nos mais diversos níveis.

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar (NORA 1993, p.21-22).

Um monumento, um museu, uma carta, símbolos entre outros, são considerados *lugares de memória*, porque guardam, em si, a natureza daquilo que representa para sujeitos, e os conduz de volta para a sua origem/volta ao passado, pois “se habitássemos ainda nossa memória não teríamos necessidade de lhes consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história” (NORA,1993, p.8). No entanto, *os lugares de memória* devem trazer, no seu bojo, uma “vontade de memória”, e devem ter por embasamento, o “propósito de memória”, que lhe consagra sua identidade. Cada gesto, desde o mais simples, pode se transformar em um movimento recíproco da memória e da história; sem essa vontade, os lugares de memória, segundo o autor, passariam a ser simplesmente lugares de história. A memória e a história não são expressões de sentidos semelhantes, pois

[...] a memória é um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado [...] a memória se alimenta de lembranças vagas, telescópicas,

globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas censuradas ou projeções [...] a história pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal é a reconstrução sempre problemática e incompleta daquilo que não é mais [...]. A memória é um absoluto e a história não conhece outra coisa que não o relativo (NORA 1993, p. 9).

O *lugar de memória* deslocado da história para a análise de discurso, segundo Venturini (2009, p. 167), “é tomado como um lugar em que os saberes da FD dominante – a da rememoração/comemoração – organizam-se e circulam. Nessa perspectiva, novas FDs irrompem e se repetem nela,” pelo efeito do discurso transversal, sob a forma do pré-construído, tal como é trabalhada por Pêcheux (1997).

A origem do lugar de memória e o seu desenvolvimento resultam dos sentimentos ausentes da memória voluntária, o que encaminha para a necessidade de se criarem arquivos, tendo em vista, segundo Nora (1993, p. 13) que “é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais [...]”. O autor destaca que os *lugares de memória* seriam inúteis se continuássemos a viver todas as lembranças que eles englobam, pois o seu papel é guardar o que resta, aquilo que se perpetua de um outro tempo. Mas se a história não se ocupasse deles para desfigurá-los, metamorfoseá-los, moldá-los, eles não viriam a ser *lugares de memória*. São essas atividades que os configuram como “momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos” (NORA 1993, p. 13).

Na perspectiva discursiva, segundo Venturini (2009, pp. 71-72), o *lugar de memória* não é natural, nem tampouco artificial, pois decorre do desejo de fazer memória, mas também da repetição, “o que resulta em efeitos de verdade, dados pela legitimação e sustentação institucional”. Tanto numa abordagem histórica como numa abordagem discursiva, o lugar de memória é material, funcional e simbólico; e guarda vestígios históricos de memória, especialmente o que não existe mais e que, por isso, necessita de um “lugar para lembrá-lo”. Somente existe lugar de memória se existir, no âmbito imaginário e simbólico, um acontecimento que venha a construir laços que estabeleçam vínculos de identificação e de representação entre os sujeitos de um grupo social, porque uma das características marcantes do *lugar de memória* está

relacionada à construção sócio-histórica da memória pela intencionalidade que vem destacar e estabelecer a contradição na criação desses lugares (VENTURINI, 2009).

Se de um lado, a ausência da intencionalidade é o fator caracterizador da história, por outro, a falha da intencionalidade, rompe com a continuidade institucional caracterizando a memória. Assim, o *lugar de memória*, a partir da rememoração/comemoração desencadeia o novo, pelos espaços de memória que por ela são formados, fazendo emergir outros discursos, através dos quais são atualizados os já-ditos e ressoam novos sentidos, iniciando o ciclo da repetibilidade. Venturini (2009, p. 72-73) destaca que, como processo discursivo, o *lugar de memória* e o lugar da história conduzem para outros dois conceitos determinantes, que funcionam juntos no intradiscorso: a rememoração e a comemoração, mais precisamente a memória e a atualidade.

Na rememoração - “discurso *de*” - o *lugar de memória* funciona como um espaço discursivo, um domínio de memória, tendo em vista que “o funcionamento dessa noção a partir do interdiscurso como pré-construído, ou seja, como o” ‘sempre já aí’ da interpelação ideológica”, que fornece-impõe a “realidade”, o “mundo das coisas” (Pêcheux, 1997, p.164). Por esse processo, ajustam-se, no fio do discurso, pontos de equilíbrio que o tornam legítimo e o sustentam pela repetição, pelos procedimentos que instauram, no fio do discurso, os efeitos de sentido. O *lugar de memória* encaminha para a constituição de arquivo, como o lugar que a História designa como o que guarda memórias, mantendo-as, resguardando-as do esquecimento.

2.4 Funcionamento enunciativo e discursivo dos monumentos e dos documentos

Nesta parte do trabalho, dedicamo-nos aos monumentos e aos documentos, objetivando mostrar que se trata de duas instâncias, de modo algum sinônimas e com funcionamento diferenciado. Os monumentos têm como materialidade específica o passado e são enunciadores da história, que jamais teria sido possível se não houvesse traços de sua existência, e a permanência deles pela sua materialização, concretização. Como lugares que “guardam” memórias, passaram a ser considerados eixos de sustentação da memória coletiva, evidenciados pela verificação e reflexão elaborada por historiadores, que sinalizam para os vestígios pelos quais retornam discursos ditos e significados “antes em outro lugar independentemente”, como

efeito do pré-construído, nos termos de Pêcheux (2009, p. 142). Em relação a isso, podemos dizer que alguns discursos são apagados em detrimento de outros, pelo trabalho da ideologia, que trabalha na/pela língua, saturando os sentidos. Isso acontece, principalmente, nos documentos escritos.

Para uma melhor compreensão dos acontecimentos enunciativos, voltamos às bases para mostrar como concebemos a teoria da enunciação que, segundo Guimarães (2002), é tida como acontecimento que se refere à produção do enunciado. Nesse sentido, conforme ele, a “enunciação, enquanto acontecimento da linguagem se faz pelo funcionamento da língua” (GUIMARÃES, 2002, p. 11), e passa a ser conduzido por uma memória de dizeres sociais, a partir dos quais pela língua estruturam-se os significados.

O acontecimento enunciativo não pode ser visto em sua transparência, mas no âmbito de múltiplos entrecruzamentos, que instauram dizeres e produzem sentidos outros. Por esse funcionamento, as relações parafrásticas relacionam o já lá, o já estabelecido, destacando o acontecimento que faz surgir o novo, por uma atualidade. O “acontecimento é constitutivo do sentido, mas enquanto configurado pela relação do presente com a memória do interdiscurso e as regularidades da língua.” (GUIMARÃES, 2005, p. 86). Como acontecimento da linguagem, só pode cristalizar-se no lugar em que a língua está em funcionamento permeada por uma memória de dizeres, na qual ressoam da memória social e fazem com a língua signifique em sua falta/falha.

Podemos dizer que é a relação entre o presente do acontecimento enunciado e as condições históricas que sustentam o acontecimento e dão lugar à enunciação. Deste modo, deve-se considerar que a língua comporta, em si mesma, a memória desta história, ou seja, a língua carrega na sua estrutura as marcas de um passado”, de acordo com Guimarães (1996, p. 27). Os sentidos que daí ressoam vão se construindo nesses encontros com outros sentidos. Mesmo que o sujeito responsável pelo dizer não esteja consciente de tudo que é dito, os sentidos fluem e se constituem pelo funcionamento do interdiscurso.

No que tange ao acontecimento, vale destacar que o trabalho dos historiadores, na modernidade, altera a significação dos documentos, considerando-os como monumentos, isto é, selecionando-os de acordo com a sua categoria e tratando-os de forma quantitativa com vistas a inseri-los, então, nos conjuntos já formados por outros monumentos, categorizando-os por meio

de “vestígios da cultura material”, por exemplo, a paisagem, os objetos de coleção e outros. Vale ressaltar, ainda, que todo documento pode ser verdadeiro ou falso e isso é possível pela inscrição dos eventos no seu tempo histórico, o que, no âmbito do discurso, refere-se às suas condições de produção, pelo que é possível analisar as memórias que retornam e as que são apagadas, bem como o alcance e produtividade do trabalho da língua na história, determinantes para verificar em que medida o documento é ou não instrumento de um poder (LE GOFF, 2010, p. 525).

As materialidades referentes à memória coletiva, segundo o autor, “podem se apresentar de duas formas específicas: os monumentos como herança do passado e os documentos como uma escolha do historiador”. Os monumentos sempre se caracterizam pela ligação que possuem com o poder de se perpetuar, voluntária ou não, de fatos históricos que assim passa a ser um legado da memória coletiva, bem como o de (re)afirmar um testemunho (LE GOFF, 2010, p. 525) . A memória coletiva e a história aplicam-se tanto a monumentos quanto a documentos, como acontecimentos do passado, que retornam como um discurso *de*, sinalizando, conforme Venturini (2009) para aquilo que sustenta a atualidade, dando visibilidade ao que retorna como memória e aos discursos que circulam na atualidade. Portanto a atualidade e, conseqüentemente, o discurso, ocorre a partir de escolhas feitas ou pelas forças sociais ou por historiadores.

Os monumentos, segundo Le Goff (2010), são “materiais de memória” e a partir deles ressoam as heranças do passado, diferenciando-se dos documentos que são os materiais selecionados pelo historiador, em última instância, os resultados, os produtos. Conforme ele, “O monumento tem como característica principal o de estar vinculado ao poder de eternização voluntária ou não, das sociedades históricas, como um legado à memória coletiva” (LE GOFF, 2010, p. 526). A definição de monumento ou documento não se restringe ao espaço e ao tempo, pois o seu maior objetivo é evitar que a revolução documental necessária acabe desviando a atenção do historiador de seu papel fundamental, que é a crítica do documento enquanto monumento, pois o documento não é simplesmente algo que permanecerá no passado, mas um produto da sociedade, que o fabricou sob a influência da força que detinha e poder. (idem, 2010, p. 535-536).

Mesmo com as transformações que o tempo provoca, os monumentos e os documentos sustentam/atualizam memórias e constituem efeito de resistência à passagem do tempo, porque neles estão presentes as memórias vivenciadas por sujeitos daquele período de transformações,

portadores de outras histórias nas reconstruções sobre o passado: a história que permanecerá na memória coletiva, como forma de rememoração/comemoração. Dessa forma, na análise de monumentos, tendo como enfoque principal a perspectiva discursiva, o sujeito está representando não um efeito que vai perpetuar-se, mas um imaginário em torno de um acontecimento.

De acordo com Lefebvre (1971, p.17), “não há notícia histórica sem documentos”, “pois fatos históricos que não foram registrados documentos, ou gravados ou escritos, aqueles fatos perderam-se”. Le Goff (2010, p. 531) reforça que “não há história sem documentos”, segundo o qual “há que se tomar a palavra ‘documento’ no seu sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira”. Com isso, conforme o autor (idem, 2010, p. 531), o “conteúdo do termo *documento* foi apenas uma etapa para a explosão do documento, que se produziu a partir dos anos 60 levou a uma verdadeira revolução documental”. De acordo com o autor

Esta revolução é, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa. O interesse da memória coletiva e da história já não se cristaliza exclusivamente sobre os grandes homens, os acontecimentos, a história que avança depressa, a história política, diplomática, militar. Interessa-se por todos os homens, suscita uma nova hierarquia mais ou menos implícita dos documentos; por exemplo, coloca em primeiro plano a história moderna, o registro paroquial que conserva para a memória todos os homens [...]. O registro paroquial, em que são assinalados, por paróquia, os nascimentos, os matrimônios e as mortes, marca a entrada na história das “massas dormentes” e inaugura a era da documentação de massa (LE GOFF, 2010, p. 531).

A revolução da consciência, que permeia a História, faz com que os historiadores sustentem que a ‘história se faz com documentos’ no sentido nocivo/prejudicial, lamentando não somente que já não mais existia, nos historiadores, o sentido crítico, já que estavam praticando a crítica de documentos estabelecida pela linha positivista do século XIX, mas o fato de que os documentos fossem colocados em pauta para discussão como tal. Le Goff (2010, p. 534), diz que a ausência de arquivos depende das causas humanas e através de gerações leva a outra relação entre estas duas materialidades, instituindo efeitos de sentidos constituídos pela memória, que pode ser individual ou coletiva, abrindo uma nova perspectiva para o campo da distinção

entre monumentos linguísticos e aqueles considerados simples documentos. Le Goff (2010, p. 537-538) afirma que o documento não é inócuo

[...] é, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante os quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhes o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades histórias para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite não existe um documento verdade. Todo documento é mentira. [...] porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo talvez sobretudo os falsos – e falso porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar a desmontar, a demolir essa montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.

No funcionamento enunciativo dos monumentos e dos documentos, há que se considerar os campos de conhecimento que abrangem a enunciação, a pragmática, a argumentação, o discurso, porque “o que eles têm comum é que os fatos de linguagem por eles tratados se referem à linguagem ao seu exterior” (ORLANDI 2002, p. 91). Há que se pensar, como diz Le Goff (idem), que o monumento é uma “montagem”, e que só pelas condições de produção, nos termos de Orlandi (2002), é que se pode chegar a efeitos de sentidos, buscando pelos sujeitos e pela memória.

A pragmática, de acordo com a autora, passou a ter uma maior relevância no que tange aos monumentos e a constituição deles por meio de documentos, que se estruturam como enunciação, que comporta a argumentação e encaminha para o funcionamento discursivo. Disso decorre a necessidade de proceder à distinção entre os métodos e as teorias necessárias para trabalhar o discurso – objeto específico da Análise de Discurso, tendo em vista o homem falando e as particularidades do discurso, cuja singularidade está no adentramento de distintos campos disciplinares, pois a concepção de linguagem é distinta em cada abordagem linguística. (ORLANDI, 2002, p.91)

Segundo a autora, ao considerarmos tais campos de conhecimentos, observamos diferenças marcantes entre eles, e uma das características diferenciadoras é a maneira de como o sujeito é concebido, pois, na “enunciação o sujeito é um sujeito origem de si; na argumentação o sujeito é um sujeito psico-social; na análise do discurso, como vimos, o sujeito é um sujeito linguístico-histórico, constituído pelo esquecimento e pela ideologia”. Acresce a isso, o modo de definir o exterior, pois “na pragmática o exterior é o fora e não o intercurso”. Esses fatores que determinam procedimentos analíticos e, conseqüentemente, práticas distintas, tendo em vista que, as principais diferenças recaem sobre a própria noção “da língua trabalhada na análise do discurso como um sistema sujeito a falhas – e o da ideologia como constitutiva tanto do sujeito quanto da produção dos sentidos” (ORLANDI, 2002, p. 92).

Pêcheux (2009, p. 58-59) afirma que a enunciação consiste no fato “[...] do sujeito ser o suporte do seu enunciado e o conjunto dos efeitos subjetivos (conteúdos psicológicos variados) subjacentes a esse enunciado”, ou seja, é a posição tomada pelo enunciador que ao proferir suas sentenças, assume toda a responsabilidade pelo seu dizer, ora com mais ora com menos intensidade, ora comprometendo-se, ora afastando-se, contudo, ele está sempre seguindo as normas ditadas pela comunidade na qual está inserido.

Vale destacar em torno da enunciação e do funcionamento discursivo que os monumentos são representados materialmente por textos-imagens e, segundo Venturini (2011, p. 160-161), definem-se como “textos a serem lidos/interpretados/compreendidos” pelo sujeito-leitor de modo a instaurar efeitos de sentidos que, conforme Orlandi (1993) “se constitui por uma leitura efetivada, por meio do interdiscurso, enquanto memória do dizer”, que determina “a dominação da forma-sujeito [...] enquanto relação de desdobramento entre sujeito de enunciação e sujeito universal”, (PÊCHEUX, 1997, p. 215), e este é o posicionamento do individual do sujeito-leitor, que passa ter uma compreensão que decorre de “gestos de interpretação” estimulados pelo entendimento dos saberes constituídos pelo interdiscurso, isto é, eles constituem a partir das formações discursivas em que os sujeitos se inscrevem.

Segundo Venturini (2009), “a leitura que se realiza em torno desses monumentos, privilegia, não somente a língua, mas a linguagem simbolizadora/constituidora de realidades”, sinalizando para as contradições dadas pelo efeito de real, decorrente do funcionamento da língua na história. Esse funcionamento autoriza e legitima os sentidos de monumentos a partir da

inscrição dos sujeitos em formações discursivas. Assim, apesar das interdições, das coerções e do discurso autoritário pré-colocado pelas instituições, os funcionamentos discursivos, apresentam rupturas, e instauram o novo, o inusitado, em que os sujeitos, apesar de assujeitados em formações discursivas e atravessados pelo inconsciente, se ‘pensam’ livres e ilusoriamente origem do dizer, conforme Pêcheux (2009).

Para falar de acontecimento, Pêcheux (1999, p. 52), retoma o termo “regularização discursiva”, introduzido por Achard (1999), para referir-se à repetição em série, que “pode ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo”. Trata-se de como abordar as condições pelas quais um acontecimento histórico é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade externa e no espaço da coerência própria de uma memória, no sentido de memória mítica, de memória social e de memória construída pelo historiador. Contudo, a diversidade das condições supostas por todas essas inscrições leva a correremos o risco da “dificuldade” de nos confrontar com “[...] um campo de pesquisa que vai desde a referencia explícita e produtiva à linguística, até tudo o que toca as disciplinas da interpretação: logo a ordem da língua e da discursividade, da “língua”, e da “significância”, do simbólico e da simbolização (ACHARD, 2007, p.50).

Devido a essas condições, a ideia de fragilidade, no procedimento da inscrição do acontecimento, no espaço da memória, é constante, “sob uma dupla forma-limite que desempenhou o papel de ponto de referência: o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever; e o acontecimento que é absorvido pela memória, como se não tivesse ocorrido”. Para o autor, esses múltiplos registros colocam a disciplina de interpretação e a linguística em constante confronto, o que leva a questionar em que medida a linguística é uma disciplina de interpretação. Tal fato desencadeou inúmeras discussões de ordem propriamente linguística, e Milner (1984) refere-se a esse funcionamento, tratando-o como variação combinatória, em relação à ordem do discursivo, à do icônico, do simbólico ou da simbolização.

No que tange ao funcionamento das imagens, há traços distintivos e de oposições que funcionam neles, mas isso não instaura um imaginário, que determina uma sincronia já especificada, caso não haja “universais icônicos”. Achard (2007) destaca que, “pessoalmente a impensabilidade de uma sintaxe do icônico me parece marcada pela inexistência da negação e da interrogação no interior da imagem”. No simbólico, há

[...] o choque de um acontecimento histórico e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem, com efeito, colocar em [...] jogo a nível crucial uma passagem do visível ao nomeado, na qual a imagem seria um operador da memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso inscrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito. (ACHARD, 2007, p.51).

As imagens funcionam e significam pela memória discursiva, definida por Achard (1999, p. 52), como “aquilo que diante de um texto surge como acontecimento a ler, como aquilo que vem recompor os “implícitos”, ou seja, os pré-construídos, como fatos citados e relatados de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Já para Orlandi (2002, p. 31), a memória discursiva é aquela que autoriza todo o dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, “o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Nessa perspectiva, a memória é tratada como interdiscurso.

As palavras adquirem significados pela língua na história, e o dizer não é nosso, como dizer particular, pois as palavras não nos pertencem. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Assim, é inútil tentarmos questionar o que o locutor quis dizer em uma determinada interpretação. De acordo com Orlandi (2002), existe uma relação entre aquilo que já foi enunciado, o já-dito, e aquilo que se está dizendo, que é a relação que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, “entre outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação” (idem, 2002, p. 32).

Achard (1999), sobre o que diz Orlandi pontua que, nesses casos, há “um jogo de memória sob o choque do acontecimento”, que teria como objetivo manter “uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula”, ou seja, uma estabilização parafrástica, trabalhando com a integração do acontecimento, até exauri-lo e até mesmo dissolvê-lo. Contudo, o contrário também pode acontecer, quando um “jogo de força de uma desregulação” acaba por perturbar a “rede dos implícitos”.

Para Indursky (1999, p. 6), “o acontecimento discursivo é uma ruptura nos modos estabelecidos de enunciar que faz surgir um novo sujeito, o que se encontra fora das redes dominantes”. Isso significa romper com as regularidades, instaurando uma nova série, “que possibilita outros sentidos, mas não consegue produzir o esquecimento do sentido – outro, que o

precede” (INDURSKY, 2003 p. 107). O acontecimento a ler refere ao fato de o sujeito-leitor entrar em contato com um *novo* texto, buscando romper com a repetição, esquecendo-se, inconscientemente, que aquilo que é dito, no texto, não é novo é o já lá.

Orlandi (2002, p. 35) chama de esquecimento, o “fato de termos a ilusão de ser a origem do que dizemos”, ou seja, o esquecimento número um ou esquecimento ideológico, “situa-se no inconsciente e resulta do modo como somos afetados pela ideologia, pois embora o que é dito realize-se nos sujeitos, os sentidos apenas se representam como se fossem originados em nós; eles são determinados pela forma como nos “inscrevemos na língua e na história e é por isso que eles significam, e não pela nossa vontade”. Desse modo, haveria sempre um jogo de memória, sob o choque do acontecimento, pois, de acordo com Orlandi (2002), as palavras não se originam em nós, não somos o seu início nem seremos o seu fim, elas se realizam em nós pela sua materialidade, e daí dizer que o esquecimento é estruturante, e só por ser assim, é possível termos sentidos e sujeitos. Ele é parte dos sujeitos e dos sentidos. Ainda afirma a autora que

As ilusões não são “defeitos” são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos. Os sujeitos “esquecem” que já foi dito – e este é um esquecimento voluntário – para ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que suas palavras constituem sentido, e é assim que eles se significam tomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentido e sujeito estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas ao mesmo tempo outras. (ORLANDI, 2002, p. 37)

Nesse sentido, Pêcheux (2009, p. 161-162) refere à oposição entre o “sistema pré-consciente-consciente” e o “sistema inconsciente” para definir as duas formas diferentes de “esquecimentos” inerentes aos discursos. Conforme ele, o esquecimento nº 1, caracterizado pela noção de “sistema inconsciente”, diz respeito ao fato de que o sujeito se inscreve em dada FD que o domina e, a partir dela, enuncia. Para esse autor, não existe fronteira ou continuidade, no interior de uma FD, pois o “não dito” como “dito de outro modo” ou “aceito de outro modo” vai permanecer “constitutivamente aberto”. Quanto ao esquecimento nº 2, caracterizado pelo sistema “pré-consciente-consciente”, o autor ressalta que os enunciados são previamente selecionados dentro da FD que os dominam, ou seja, são formas e sequências de enunciados que já se encontram em relação à paráfrase.

2.5 A cidade em sua ordem e organização: praças e monumentos

O enfoque das cidades na análise das praças e monumentos se justifica e é pertinente, nesta dissertação, por várias razões e a primeira dessas razões tem a ver com o retorno dos pracinhas paranaenses/brasileiros ao Brasil, significados imaginariamente como heróis, do que decorre a visibilidade deles na cidade, contrapondo-se ao campo, lugar em que esses soldados devem ter vivido, antes de terem sido convocados pela Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Há que se destacar, que os documentários estruturam-se a partir de um acontecimento relacionado à história oficial, mas devido a sua inscrição e à filiação a um lugar institucional, encaminham esse acontecimento para a ficcionalização, que é dada, não porque há necessidade de `inventar` uma nova história, mas porque os laços identitários resultantes do fato de a emissora que os veicula ser paranaense e os pracinhas também o serem, encaminha para a idealização desses sujeitos, significando-os como heróis. Os quatro documentos enfocam os pracinhas paranaenses/brasileiros, a participação deles na Segunda Guerra Mundial e os discursos que ressoam a partir desse acontecimento e os rememoram/comemoram, significando-os positivamente, buscando apagar acontecimentos e fatos históricos e dar relevância ao que interessa às instituições. A sustentação dessa versão advém dos depoimentos, dos monumentos e das cidades, dando visibilidade aos domínios ligados a aspectos humanos desses sujeitos, em detrimento da História que, enquanto disciplina, se inscreveria no discurso científico que se centra em efeitos de objetividade.

Mas o que é o oficial institucionalizado, e o que efetivamente pode significar necessita que se considere a história, realizando os deslocamentos necessários para, só então, pensarmos em seus efeitos discursivos. Tanto na Itália como no Brasil, após o final da Segunda Guerra Mundial, desencadeiam-se tentativas de preservar parte da história do conflito, por meio de museus, monumentos e textos escritos, estruturando lugares de memória, com a finalidade de manter uma versão da história que interesse ao exército, enquanto instituição, e aos sujeitos que se identificam com a formação discursiva dos pracinhas. Estes, nesse embate, representam os dominados em relação aos alemães (inimigos dos italianos) e aos norte-americanos, que são aliados, mas pertencem à FD dominantes, pelo preparo bélico e pelas condições favoráveis em

relação à guerra. Os monumentos destacados, no primeiro documentário veiculado pela RPC/TV, dão visibilidade aos ex-combatentes brasileiros, buscando torná-los presentes nas cidades italianas, pelo que ressoam discursos em torno da participação do Brasil na Segunda Guerra, configurando-se como um modo de enaltecer os brasileiros, valorizando a nacionalidade brasileira.

No documentário que foi ao ar no dia 06 de agosto, os monumentos se constituem como um modo de “fazer ver” para “crer” a quem visita o norte da Itália, que os pracinhas estiveram lá e que, são considerados heróis pelos italianos. Com isso, constituem o efeito de eternização da relação marcada pela aliança entre os brasileiros e os italianos, os quais, apesar das transformações que o tempo provoca, sustentam-se como memória pelos monumentos e pelos documentos, que resistem ao tempo na formação social. Essas memórias permanecem por meio de memórias vivenciadas por sujeitos, constituindo-se como memórias pelas quais ressoam por outras histórias e discursos que reconstróem o passado.

A presença dos monumentos em praças do espaço urbano, não apenas, reconstrói uma memória, mas também dá visibilidade a um passado em torno desses sujeitos, e realimenta a história, pois constitui versões em torno da Segunda Guerra e da participação dos pracinhas paranaenses/brasileiros, instaurando efeitos de heroicidade em torno deles, pelo que ressoam memórias sócio-históricas, sustentando a identificação entre brasileiros e italianos. Não se trata de acontecimentos do passado, mas de uma escolha de sujeitos, como vistas a organizar a história contada e monumentalizada, que resulta em efeitos de sentidos ligados ao que se quer rememorar/comemorar.

Antes de proceder às análises dos monumentos e documentos que instauram feitos de sentidos de heroicidade em torno dos pracinhas, buscamos definir os monumentos, os quais de acordo com Le Goff (2003, p.525),

[...] são materiais de memória, dos quais ressoam as heranças do passado enquanto que os documentos são materiais selecionados pelo historiador [...] (p. 526). Monumentos são sinais do passado que voltados para suas origens filosóficas tem a função de perpetuar a memória, dos quais ressoam os fatos e feitos do passado possibilitando através de seus efeitos de sentido perpetuar, voluntária ou involuntariamente a história, tornando-a presente na memória coletiva [...].

Para esse autor, a definição do que seja documento ou monumento, não se restringe ao espaço, nem ao tempo, tendo em vista a necessidade de evitar que os documentos transformem-se em lugar da celebração, desviando a atenção da crítica, de acordo com o autor, fundamentais para que se promova a resistência e, a partir dela, a transformação. Le Goff (idem, 526) ressalta que o documento “não é simplesmente algo que permanecerá no passado, mas sim uma criação da sociedade sob a influência da força que aí detinha e poder”.

O documento e o monumento trabalhados, por esse viés, diferenciam-se do enfoque teórico da Análise de discurso, pautado na passagem do empírico para o discursivo, em que o documento é uma materialidade acabada, que estrutura os museus e os monumentos, pelos quais ressoam discursos que fazem sentido nas formações sociais, portanto, ele funciona como memória. As cidades, nesse sentido, são os lugares em que os documentos estruturam os monumentos.

2.6 Recorte 01: Efeitos de sentidos de monumentos no espaço urbano em/nos documentários

Nosso objetivo, com este recorte, é buscar os efeitos de sentidos dos monumentos erigidos em cidades italianas com vistas a dar visibilidade aos pracinhas brasileiros na Segunda Guerra Mundial e as razões pelas quais essas cidades e as imagens delas fizeram parte do primeiro documentário exibido pela RPC/TV, em 2011, buscando pelos discursos e memórias que retornam, sustentando o imaginário positivo dos pracinhas, destacando a atuação deles na Segunda Guerra Mundial, no norte da Itália.

As informações veiculadas por esses documentários sinalizam para a presença de monumentos e de praças que rememoram/comemoram esses sujeitos e filiam o dizer a distintos domínios discursivos pelo funcionamento da memória e pela constituição de redes parafrásticas. A partir dessas redes, os efeitos de sentidos em relação aos domínios convocados por essas materialidades e que trabalham nelas, naturalizam-se e se legitimam por meio de narrativas urbanas, constituindo, em torno dos brasileiros e dos italianos que falam deles, um imaginário de glórias, apagando a guerra.

Nos documentários veiculados pela RPC/TV, há uma profusão de monumentos que sustentam um imaginário, o qual sustenta em efeitos de verdade sobre esses sujeitos, suas famílias, intercalando junto com as imagens das cidades e das materialidades monumentais, os fatos da história que rememoram/comemoraram brasileiros e italianos com ênfase na convivência e na amizade, mais do que na atuação na guerra. Vale destacar que esse imaginário se constitui a partir do outro – os italianos – nem sempre envolvidos diretamente com os brasileiros durante o conflito.

Recortamos cinco textos-imagens para pensar as cidades e os monumentos nos documentários, priorizando diferentes domínios discursivos, para pensar que esses textos-imagem se constituem em um modo de ‘mostrar’, dar visibilidade ao que está ausente, mas que, em presença, funciona como memória, por meio da qual ressoam discursos que ancoram atualidades e trabalham no sentido de “fazer-lembrar”, “fazer-criar” pelo que é visto. No primeiro texto-imagem, ressoam os discursos em torno dos sentimentos de família e o apelo ao amor materno; já no segundo, há destaque para o elo existente entre os países, como uma memória que ultrapassa o que está nos documentários, fazendo ressoar, pela identificação com os países de origem italianos no Brasil e brasileiros na Itália. Esse monumento refere à morte e não à vida, do que decorre o efeito de sentido de que em um contexto de guerra, vale mais a morte do que a vida e isto pelo funcionamento da memória, que, como pré-construído, significa antes em outro lugar e tempo.

O terceiro e o quarto textos-imagens escapam aos sentimentos de Estado/Nação e funcionam contraditoriamente, pois, no terceiro, ao mesmo tempo em que se mantém no domínio da individu(a)lização, como diz Orlandi (1999), em que o sujeito é tomado pelo Estado e, nessas materialidades, a morte ressoa pelo destaque ao cemitério de Pistóia. Nessa materialidade, funciona contraditoriamente a humanização de sujeitos e a relação guerra X vida X heroicidade. O quarto texto-imagem, assim como o terceiro, destaca o sujeito e a morte, mas destacando a homenagem brasileira, ressoando que os que morreram na Itália ficaram lá enterrados, e os que vieram para o Brasil, também não escaparam à morte. O quinto texto-imagem retoma o místico, a individualização, fazendo-os funcionar no coletivo, significando os pracinhas humanizados, na construção de uma capela.



Texto-imagem 01: Monumento em que a mãe chora a saudade do filho que partiu para a guerra.

O primeiro texto-imagem recorta o monumento *Alla Libertà*, esculpido pelo artista Italo Bortolottie, que se situa no Largo Brasile, na cidade de Montese. Foi construído em abril de 1995, para comemorar os cinquenta anos da desocupação da cidade pelos soldados alemães. De acordo com o primeiro documentário veiculado pela RPC/TV, é uma homenagem aos pracinhas brasileiros. Tanto que no primeiro documentário, o sujeito que ocupa o lugar de narrador destaca que “os pracinhas expulsaram os alemães da cidade”. O que funciona nesse enunciado e em relação ao monumento é o que Orlandi (1999) chama de passagem do lugar no mundo (lugar social) para a posição sujeito, funcionamento discursivo.

A ancoragem para a constituição de efeitos de sentidos, nessa materialidade, ocorre pela sua inscrição no domínio da individualização do sujeito, tomado pelo discurso como lugar da subjetividade, em que memórias e discursos em torno da mulher, ocupando a posição-sujeito de mãe, e do funcionamento imaginário desse sujeito quando da ausência do filho, pela participação dele em um conflito bélico.

Um efeito de sentido forte, no texto-imagem em análise, é a individualização do sujeito pelo Estado – **a mãe chora a ausência do filho ausente devido à guerra, relacionando mãe – ausência – pracinhas brasileiros, mais especificamente, os paranaenses**, e a universalização, decorrente do imaginário, segundo o qual **toda a mãe, chora a ausência do filho**, funcionando em torno do que seja ou não verdade no mundo, escapando, desse modo, ao funcionamento discursivo. Vale destacar, a partir desse texto encaminhado e inscrito em discurso, que o sentido sempre pode ser outro, podendo significar também, que o monumento poderia não estar

retomando os pracinhas, para presentificá-los e dar visibilidade à presença deles na Segunda Guerra, mas funciona como homenagem às mães, sendo trabalhado ideologicamente, nos documentários, com o objetivo de criar/instituir efeitos de verdade e de ancoragem, em relação aos objetivos dos documentários.

Esse último efeito de sentido sustenta-se nas/pelas condições de produção dos documentários, envolvendo a RPC/TV e a identificação dos sujeitos que assumem a função discursiva de autores, lugar a partir do qual organizam o dizer. Funcionam, igualmente, as projeções imaginárias em relação a quem fala e aos interlocutores, considerando que as lágrimas da mãe atingem os sujeitos, tanto na individualidade, como no coletivo, tendo em vista os discursos que retornam e ressoam como memória. Ainda em relação ao imaginário e em referência ao texto-imagem em tela, destacamos o lugar do outro, considerando que se mãe chora, o filho se desespera, é o que está posto no enunciado-imagem, significado como espaço interdiscursivo, pelo qual ressoa a memória que se sustenta no fato de o choro da mãe, na ausência do filho implicar o desespero dele. Esse processo encaminha, ao mesmo tempo, para sentidos outros e rompe com a linearidade, convocando discursos outros. Vale destacar, a construção de evidências, pelo que funciona de acordo com Pêcheux (2009), o esquecimento número um, em que o sujeito “esquece” que o sentido sempre pode ser outro, pois o dizer significa antes em outro lugar, independente de sujeitos empíricos.

Nessa relação e dando continuidade aos monumentos recortados do primeiro documentário, veiculado pela emissora paranaense, encaminhamos para o texto-imagem dois. Trata-se de um monumento erigido pelo governo brasileiro, na base do Monte Castelo, para homenagear os brasileiros e outros combatentes que lá estiveram e morreram nesse período. Nessa batalha, de acordo com o documentário, muitos soldados morreram e é isso que os governos brasileiros e italianos, pelo menos na ordem oficial, buscam significar.



Texto-imagem 02 – Monumento em homenagem aos mortos na Itália

Trata-se do Monumento construído por Caduti Brasiliani¹⁷, inaugurado ao pé do Monte Castello, em 21/06/200, projetado pela brasileira Mary Vieira. Ele estrutura-se por dois arcos brancos, sendo um que aponta para a terra, representando a morte e outro voltado para o céu, isto é, para a transcendência relacionada à morte. Pela morte, retornam memórias e discursos do domínio do religioso, que constituem efeitos de que a morte vale a pena porque os sujeitos terão a recompensa divina, apagando, com isso, a responsabilidade daqueles que respondem por decisões em torno da entrada ou não do país no conflito.

Para a construção do monumento, a escultora Mary Vieira, considerou o movimento contínuo do sol que, ao meio-dia, projeta, sobre o solo, uma cruz, representando o heroísmo brasileiro e fazendo retornar discursos inscritos no domínio do religioso que instauram, pelo menos, dois efeitos de sentidos: um relacionado ao sofrimento, à doação e outro ligado à irmandade, à divisão de bens, enfim à união de dois povos, representados nesses documentários, e nas narrativas ali desenvolvidas. Os dois elos podem ser lidos/interpretados/compreendidos como o entrelaçamento, o elo entre o Brasil e a Itália, apagando/silenciando o modo como o

¹⁷ <http://www.portalfeb.com.br/nos-passos-da-feb/> Colaborador: Alexandre Pouchain de Moraes (apmoraes@yahoo.com)

Brasil entrou no conflito e, também, o modo como os pracinhas foram submetidos, tanto na Itália, como no Brasil, a esse conflito.

O discurso *de* (memória) que sustenta o gesto interpretativo em torno da aliança entre Brasil e Itália, ultrapassa o acontecimento da Segunda Guerra Mundial e se consolida pelo que não está dito, mas significa nessa materialidade. Podemos referir, que, em termos de identificação entre os sujeitos-brasileiros e sujeitos-italianos, que ela perpassa os domínios linguísticos, do religioso e do político. Essas identificações é que sustentam as memórias em torno da passagem dos pracinhas pela Itália, haja vista as poucas referências nos documentos oficiais da participação brasileira nesse conflito. Os dois arcos, um voltado para a terra e outro para o céu, constituem, efeitos de sentidos relacionados à identificação entre brasileiros e italianos.



Texto-imagem 03: Monumento do Cemitério de Pistóia

O monumento de Pistóia funciona discursivamente como *lugares de memória*, tendo em vista que constituem arquivos em torno da presença de brasileiros na Itália e da morte de muitos deles durante essa estada na Itália; o relato das cenas ocorridas inserem o espectador no contexto sócio-histórico da Itália. Os efeitos de verdade e de realidade se constituem pelo funcionamento do interdiscurso que, pela memória de arquivo, vai gradativamente produzindo o efeito de presentificação por meio dos relatos de fatos.

O sujeito-entrevistador funciona, nesse discurso, como o organizador da narrativa em torno dos pracinhas paranaenses, destacando-os em relação aos demais brasileiros. Com isso,

retrata o imaginário de si, do outro e, também, da Pátria Nação, encaminhando para efeitos de sentidos de solidariedade, que ressoam pelo depoimento de Miguel Pereira, um nome próprio, colocado em um espaço, que dizemos de memória e uma temporalidade – 1960 – Somados a isso os fatos: transferência dos restos mortais dos combatentes da Itália para o Brasil, mais precisamente para estruturarem o monumento aos mortos, localizado no Rio de Janeiro, significando discursivamente a Pátria-Nação e os efeitos de sentidos que ressoam por essa designação.



Texto-imagem 04: Monumento aos Mortos no Rio de Janeiro

De acordo com os documentários da RPC/TV, o monumento é uma homenagem aos pracinhas, especialmente, aos paranaenses. Mas, é também um apelo para que essa história nunca deixe de ser contada, o qual se constitui e se ancora na posição-sujeito e no lugar de onde, respaldando a filiação de sujeitos a formações discursivas, lugar institucional, de onde o sujeito entrevistador fala.

O texto-imagem 05 filia-se aos domínios do discurso religioso, sinalizando para o funcionamento do imaginário de sujeitos em relação a quem os ouve ou assiste. A religiosidade marca a identificação, existente entre o sujeito-brasileiro e os italianos, ligando por essa identificação o religioso, significado como o espaço do sagrado, ligando o imaginário com o real, o mundo das concretudes. Um discurso *de*, enquanto memória, que sustenta e atualiza o discurso

sobre, enquanto atualidade que diz respeito ao que seja o sagrado, como aquilo que não pode ser explicado racionalmente porque envolve o tempo mítico, intemporal e inexplicável.

Nesse contexto sócio-histórico-cultural, o sujeito religioso tem necessidade de estabelecer aproximação entre a realidade e uma mística, apelando para o inexplicável, buscando entender a formação social por meio de divindades. Os pracinhas paranaenses/brasileiros, diante das adversidades, apoiaram-se nos italianos, porque se identificavam a eles. Partilhavam de uma língua semelhante e um espaço topográfico assemelhado. No entanto, o religioso, a que referimos na sequência discursiva nove, sinaliza que os pracinhas acreditavam que a ponte por haver sido construída pelo diabo nenhuma tempestade a derrubaria. E quando precisaram, passaram por ela sem medo porque tinham fé, e isso, é determinante para esse processo de identificação.

O sujeito interpelado ideologicamente pela FD ligada ao religioso ocupa um espaço aberto e ‘pensa’ comunicar-se com o que é divino, ou seja, busca a presença divina e a vida num mundo perfeito que se denomina Igrejas ou Templos. Como instituição, a igreja marca uma presença densa e consistente na sociedade. Segundo Valentini (2009, p. 1), “ela é um sujeito social, multifacetado”, basta conferir a diversidade de expressões sociais que a igreja incorpora. Multifacetado porque a sua personalidade jurídica, identifica-se como Dioceses, Paróquias e Comunidades, e também, com entidades derivadas de sua atividade, tal como escolas, hospitais e uma infinidade de outras iniciativas de caráter social.

Em torno do domínio do religioso, Orlandi (1987, p. 29) afirma que, ao enfocarmos os discursos que envolvem a fé, estamos tomando discursos proféticos como reflexão, e isso demanda o aprofundamento nas dimensões de espaço e de tempo para que possamos entender uma outra dimensão, a da fé que, em primeiro plano, parece não estar conectada com “a experiência histórica desse discurso”. Os discursos veiculados pela igreja significam como verdadeiras mensagens de fé e confiança que, segundo Orlandi (1987, p. 29) levam à reflexão, entre o apocalipse e a história, aquela específica dos discursos Apocalípticos que visualiza a “história como representação e não como acúmulo”.

A fé destaca-se como um elemento existente nos sujeitos e, por meio dela, acreditam no “mistério de uma Revelação Divina”, que é prescindida através dos tempos, conservando ou até construindo o que se “apresenta como característica fundamental do discurso profético” ou seja,

a dissimulação da relação estabelecida entre a fé e o momento histórico. O Poder da Fé estrutura materialidades monumentais e é recorrente “*Em Os pracinhas da FEB*”. Outro monumento relacionado à prática religiosa, nos documentários selecionados, é a da capela construída pelos pracinhas brasileiros, na Itália.



Texto-imagem 05: Capela brasileira construída pelos Pracinhas durante a Segunda Guerra Mundial.

Essa capela, conforme os documentários que estruturam o corpus de análise e que se encontram em anexo, teria sido construída pelos pracinhas brasileiros. O guardião da Capela brasileira, Giovanni Capelle, afirma cuidar dela como se fosse sua própria casa e essa afirmação é um argumento de peso, pelo funcionamento das projeções imaginárias, pois o sujeito coloca-se no lugar em que o outro o escuta, fazendo com que o dizer seja produtivo. De acordo com os depoimentos presentes nos documentários, a igreja permaneceu escondida em um bosque de pinheiros por mais de 5 décadas, até ser descoberta por italianos, que sabiam da sua existência, sem saber o ponto exato de sua localização. Esse bosque, depois da guerra, foi transformado em reserva florestal e hoje é lugar de visitas, constituindo-se como um lugar de rememoração/comemoração aos Pracinhas brasileiros, pelo povo italiano reforçando, com isso, os traços identitários entre duas nações.

A igreja funciona como documento (dado), que adquire o *status* de monumento. Podemos dizer, ainda, que a igreja constitui-se como um *lugar de memória*, pois a semelhança do que diz Venturini (2009, p. 72), “está relacionada à construção social da memória pela presença da

intencionalidade”, fazendo retornar como lugar, os pracinhas, como um lugar de ‘proferir a fé’. Esse lugar, constituído pela memória, instaura o novo pelos espaços de memória, que, segundo a autora, funcionam pela irrupção de outros discursos. As práticas religiosas e os ritos que a significam pelos documentários, não têm o sentido de algo feito a partir de uma realização material, mas de uma realização que atende a demandas sociais, criando laços identitários, supervalorizando os pracinhas parananenses/brasileiros. Segundo Orlandi (1987, p. 36), essas práticas passam a fazer “sentido a partir de sua representação: construção conjunta de uma prática e de efeitos de sentidos que se define mútua e continuamente”. Além disso, essas práticas rituais dos pracinhas adquirem estatuto de fé e de culto ao Templo, o que é reafirmado por meio da história desse acontecimento, que pode não ser histórico e nem discursivo, mas é um fato, do qual ressoam efeitos de sentidos, como discurso *sobre*, que se atualiza/ancora em um discurso *de* (memória), o qual ocupa um espaço que, segundo Venturini (2009, p. 73), é o “espaço do já-dito e do já significado antes”.

O objetivo deste capítulo foi continuar o trabalho teórico iniciado no primeiro capítulo e realizar o primeiro recorte, em torno dos monumentos que se localizam na cidade – espaço urbano – que constitui, juntamente com os sujeitos, um corpo social, mostrando como os documentários se constituem em lugar de memória e que discursos os sustentam como o que é digno de ser lembrado/comemorado.

3. DEPOIMENTOS E TESTEMUNHOS E EFEITOS DE SENTIDOS PELO FAZER-VER PARA FAZER-CRER

Como os pássaros que só põem seus ovos no ninho de outras espécies, a memória produz num lugar que não lhe é próprio. De uma circunstância estranha recebe a sua forma e implantação, mesmo que o conteúdo (o pormenor que falta) venha dela. (DE CERTEAU, 1994)

Neste terceiro capítulo, continuamos as análises discursivas, buscando pensar no discurso, como efeito de sentido entre interlocutores, conforme Pêcheux (1990) e Orlandi (2002), a partir dos depoimentos e testemunhos que se constituem, nesse discurso, a partir dos quatro documentários veiculados pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC/TV), com vistas a instituir um imaginário de heroicidade em torno dos pracinhas paranaenses, destacando, não só a atuação deles na Segunda Guerra, mas também, trabalhando a individu(aliz)ção dos sujeitos, de acordo com Orlandi, (1999) pelo Estado.

Vale salientar, como dizemos na introdução, que o suporte teórico para trabalhar com documentários, enquanto materialidades discursivas, têm origem em Orlandi (2011) que os significa como um acontecimento discursivo, tendo em vista que o documentário analisado por ela origina-se de um acontecimento histórico, mas rompe como esse acontecimento e instaura o diferente, inaugurando uma nova série, como um acontecimento discursivo. O acontecimento, mesmo rompendo com a memória, não se desvencilha da repetição, que faz com que uma materialidade inscreva-se na ordem do repetível. É possível dizer, ancorado nas questões teóricas desenvolvidas por Orlandi, que a materialidade tratada, nessa investigação, como nosso objeto, constitui-se como acontecimento à medida que rompe com a objetividade e os efeitos de verdade.

Os documentários veiculados pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC/TV) centram-se em testemunhos, retomadas, apagamentos e silenciamentos que redefinem a Segunda Guerra Mundial, os italianos e os pracinhas paranaenses/brasileiros. Nesses documentários, não há um acontecimento histórico funcionando, pois a história significa como pano de fundo, possibilitando e sustentando uma narrativa, que ficcionaliza os pracinhas e os transforma em heróis, uma vez que não há como inscrever essas narrativas na história, pois elas fazem parte da

organização de sujeitos que assumem, a partir da emissora, o lugar de sujeitos-autores. Nessa posição, eles organizam o dizer, constituindo-se a partir da função ligada à autoria, como organizadores da história, que adquire efeitos de verdade pelos testemunhos e depoimentos, de acordo com o segundo recorte realizado. Vale destacar que trabalhamos, também, nesse capítulo, os efeitos do silêncio, tal como é concebido por Orlandi (2002a). Esse se constitui no nosso terceiro recorte.

O segundo recorte, em torno dos quatro documentários que estruturam o nosso *corpus* analítico, tem como fio condutor os testemunhos e depoimentos que, no âmbito do discursivo, ancoram/atualizam a memória, pois o sujeito, a partir do lugar que ocupa na formação social, assume a responsabilidade pelo que é dito e, colocando-se no lugar onde o outro ouve suas palavras, conforme Orlandi (2002), re-significa o seu dizer, a si mesmo e o outro, organizando/reorganizando o dizer. Trata-se do funcionamento do olhar a partir do qual o sujeito que presta um testemunho/depoimento, simula verdades. Faz parte desse segundo recorte o imaginário do Brasil como uma terra que instaura identificações, cujo efeito de sentido mais evidente é que o Brasil é uma terra de perspectivas, à medida que é pelos testemunhos/depoimentos que esse efeito se sustenta a atualidade do discurso, como um discurso *sobre*.

O terceiro recorte recobre os apagamentos e silenciamentos evidenciados nos documentários em torno da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Esses processos são estruturantes das materialidades e se constituem como um modo de manter o imaginário de heroicidade dos pracinhas paranaenses/brasileiros e, também, de dar visibilidade e importância à presença brasileira na Itália, simulando que esse acontecimento tenha se constituído em um feito importante, patrocinado pelo governo brasileiro da época, Getúlio Dornelles Vargas.

3.1 Recorte 2: Testemunho/depoimentos de italianos em torno dos pracinhas parananenses/brasileiros e da Segunda Guerra

O *corpus* analítico desta dissertação constitui-se de narrativas que estruturam os quatro documentários; aproximam-se do que seja ficção, pois resultam da história imaginariamente vivida por sujeitos na Itália, funcionando como um elo entre o real e a realidade, portanto sem compromisso com a verdade, posto que o sujeito que exerce a função-autor, de acordo com

Orlandi (2004), atua como organizador do texto, dando a ele a pretensa unidade, o começo, o meio e o fim. Nos documentários, o sujeito que aparece como autor é aquele que assina como produtor das materialidades em tela. Nesse sentido, os sujeitos sobre os quais significam os documentários aparecem como personagens, mais do que como sujeitos interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente.

Nosso objetivo é saber como se constituem os efeitos de sentidos positivos em torno dos pracinhas e como se estruturam identificações entre eles e os italianos. Para dar conta desse objetivo, recortamos depoimentos e testemunhos de seus parentes, priorizando sujeitos que falam de diferentes lugares, tais como: adultos que, na época, eram crianças; membro do comitê de recuperação gótica; uma historiadora; um ex-combatente; um adido militar; uma enfermeira dos pracinhas italianos dos brasileiros que participaram da Segunda Guerra Mundial.

Os documentários dão visibilidade à atuação dos brasileiros na Itália, considerada gloriosa, pelo passado como tempo ideal, tendo em vista que “a volta ao passado de glórias é própria do ser humano que o vê, frequentemente, como o tempo ideal, o tempo que, por meio de um discurso doutrinário, ensina o presente a ser melhor, numa perspectiva de futuro melhor ainda” (VENTURINI, 2009, p. 86-87). Os episódios da narrativa relacionam-se a um tempo e a um espaço, em virtude, não das montagens, mas de suas ligações com versões históricas que fazem referência à história da Segunda Guerra Mundial e suas memórias.

Trata-se da implicação história *versus* memória com o real e a realidade, considerando que, conforme Lacan (1995), o real não existe e realidade é uma ilusão. Nesse processo, temos “um sujeito descentralizado, assujeitado a várias formações discursivas, do que, em relação aos efeitos de sentidos podemos sustentar a não transparência em detrimento da opacidade e do equívoco, próprios da memória, em sua descontinuidade.

Trata-se de buscar, no passado histórico, o tempo ideal, aquele que vai, através das formações imaginárias, vinculadas à formação social, presentificar os indivíduos interpelados em sujeitos, que seguem a ordem do vivido, do rememorado, fazendo-os querer “lembrar”, buscando, de acordo com Venturini (2009, p.86), “no presente, reconstruir o passado com vistas a transmitir ao futuro os valores caros à formação social; nela o sujeito da enunciação, do lugar que ocupa e da posição que assume numa FD como sujeito do dizer, é interpelado pela ideologia”.

O sujeito-produtor do documentário reuniu “personagens reais” e contou a história de cada uma delas, trabalhando com as projeções imaginárias, pelas quais os espectadores são convocados a colocar-se no lugar do outro, como sujeitos que foram para outro país, para viverem o desconhecido e o inusitado, em detrimento de suas vidas, de seus sentimentos. Por essas projeções imaginárias, os telespectadores significam os pracinhas brasileiros dentro de um contexto de memória, instaurando efeitos de objetividade e de verdade.

Por esse funcionamento, os documentários não estão isentos de sobredeterminações sociais e institucionais, dadas pelas evidências que se constituem pelo trabalho da ideologia. Na perspectiva discursiva, temos efeitos de realidade em torno de determinados acontecimentos e, segundo Orlandi (2011, p. 55), na formulação discursiva de um acontecimento, e na função social de “instituição-reinstituição do tecido social atribuída à memória, existe uma distância que separa a “realidade”, como efeito, e o “fato de significação”. A autora, em análise do documentário de João Massarollo, destaca que

[...] o documentário é ele mesmo um acontecimento discursivo. Ponto de encontro de uma atualidade e uma memória. Ele intervém no real do sentido. Nesse acontecimento discursivo não existe o neutro, o subjetivo, e até mesmo a arbitrariedade nas escolhas e as interferências inibem a pretensão de autenticidade ou neutralidade. (ORLANDI, 2011, p.55).

Vale sublinhar que, no documentário analisado por Orlandi (idem), há um acontecimento histórico que rompe com a repetição e instaura uma nova série. Nos documentários em análise, entretanto, o acontecimento histórico funciona como uma ancoragem do que designamos de real histórico, a partir do que os sentidos se sustentam e o que funciona no intradiscorso é a narrativa. Mesmo não se tratando de um acontecimento discursivo, entendemos que os documentários rompem com uma ordem estabilizada, com o que se espera quando se enuncia que a temática de que vão tratar os documentários é a Segunda Guerra Mundial.

As evidências de verdade e de objetividade constituem-se quando assistimos aos documentários *Os Paranaenses na FEB*, pelo fato de o sujeito-narrador dessas materialidades conduzirem a história, destacado os objetivos pelos quais ela foi produzida e circulam entre os paranaenses e brasileiros o imaginário de heroicidade. Logo no início do documentário, a narradora declarou que o objetivo da produção foi divulgar os Pracinhas brasileiros, mais especificamente, os paranaenses como libertadores, dizendo “Libertadores, é assim que os

italianos chamam os soldados brasileiros que expulsaram as tropas nazistas de suas cidades durante a batalha mais sangrenta da História da humanidade”. Os registros instauram efeitos de realidade que ressoam na memória social, justificando e ancorando os sentidos e a razão da presença do Brasil na Itália.

Nos quatro documentários veiculados pela RPC/TV, Programa “Meu Paraná”, a Segunda Guerra é designada como “episódio sangrento que abalou a humanidade”, entre os anos de 1940 a 1945. O Brasil, por tudo que é mostrado e destacado nos programas, teve uma atuação relevante na Itália, em que se vislumbra o papel fundamental dos soldados brasileiros que compunham a FEB – Força Expedicionária Brasileira – ou seja, os Pracinhas, no caso paranaenses/brasileiros. Mas o que é considerado nos documentários como atuação relevante, provavelmente, não é a mesma para todos, somente para os que se identificam com a formação discursiva relacionada aos pracinhas do Paraná e valorizam mais experiências pessoais do que a atuação no conflito.

Ressalte-se, também, que os registros de determinadas realidades e de memórias sociais estruturam a leitura discursiva, pela qual emerge a reprodução desse acontecimento (guerra), e que tem o respaldo do discurso institucional. Os registros de memória social veiculados nos depoimentos/testemunhos adquirem o status de verdade devido a suas fontes (pessoas conhecidas e respeitadas, que fizeram parte do cenário, alguns familiares, autoridade militares, e até mesmo alguns dos ex-combatentes na guerra) e, também, pelo discurso institucional, ou seja o discurso da RPC/TV. Depoimentos, imagens, cenas de guerra são apresentadas e reforçam que os fatos narrados formam, junto com a narração, um conjunto denso de informações pretensamente reais do acontecimento. Esse é um modo de constituir evidências de uma memória saturada e homogênea, que encaminha para sentidos previamente determinados. Os documentários veiculados pela RPC/TV utilizam depoimentos e testemunhos de diferentes sujeitos para significar os pracinhas paranaenses positivamente.

Entendemos que, por meio dos depoimentos, constituem-se famílias parafrásticas e materializadas por sequências discursivas¹⁸, que sinalizam não apenas para a repetição, mas também para a polissemia, tendo em vista que o sentido depende dos sujeitos e da inscrição deles em formações discursivas que determinam a interpretação. Dividimos os depoimentos e

¹⁸ As sequências discursivas se constituem por redes parafrásticas, que destacam as repetições e as regularidades, mas também o que foge à repetição e instaura outros distintos efeitos de sentidos. As redes sinalizam para processos discursivos, tais como retomadas, metáforas, metonímias e outras.

testemunhos em sequências discursivas (SD) e destacamos que os sujeitos que prestam os depoimentos ocupam diferentes posições-sujeito. Pelo que se repete, apesar das diferentes posições sujeito, constitui-se o efeito de unanimidade em torno do imaginário de heroicidade e bravura em relação aos paranaenses/brasileiros.

SD 1

1 - Claudio Careli

Agricultor italiano, na época com quatro anos, lembra **os tempos da guerra dos tiroteios intensos**. Ele e sua família não podiam sair de casa, mas eram **protegidos** pelos brasileiros. Diz, ainda, que lembra **bem até hoje**, dos rostos de dois soldados que faleceram durante as batalhas. **O nome dos soldados mortos** era Maier e Gulart. Conta que ficava no colo dos soldados e, também, que eles vinham **comer** na casa de seus avós e **brincavam** com ele. No depoimento diz que **não pode esquecer** dos brasileiros e que eles eram **parte da sua família**.

Os efeitos de objetividade e de verdade, na sequência discursiva 1, constituem-se pelas informações pontuais, apesar de terem decorridos, em 2011, sessenta e sete anos. O destaque para a idade do sujeito que presta o seu testemunho constitui o efeito de sentido de que há um esforço para manter viva a lembrança, fazendo ver para crer o quanto ela é forte. Esse sentido é dado, igualmente, pelo enunciado **lembrar bem até hoje**. Os efeitos de sentido dessa força advêm das palavras que destacamos e instauram redes parafrásticas que inscrevem o dizer no domínio da família, por ações como: **pegar no colo, comer na casa, brincar, fazer parte da família**, que ressoam como memória, e por discursos que fazem retornar a amizade e os efeitos de sentidos positivos em torno de quem trata bem as crianças, sinalizando para a casa, como o lugar em que só acolhe os que são de confiança e que merecem o apreço da família.

A sequência discursiva dois, assim como a anterior, desliza para depoimentos que se pautam mais em julgamentos empíricos, sem sustentação histórica. É por isso que os tratamos como ficcionalidade, como um texto em que são trabalhados os traços identitários entre os paranaenses/brasileiros e os italianos, ficando a história do segundo conflito mundial, em segundo plano.

SD 2

Marcelo Martini – Comitê de Recuperação da Linha Gótica
Ele diz: “A Força Expedicionária Brasileira é muito lembrada porque **os soldados brasileiros foram os primeiros a chegar aqui**. Então **temos uma dívida** com eles **porque foram os libertadores**”.

Marcelo Martini foi membro do Comitê de Recuperação da Linha Gótica. Na sequência discursiva 2, centra o seu testemunho no fato de os brasileiros terem sido os primeiros a chegar no lugar que estava sendo bombardeado e terem sido, segundo ele, libertadores. Entretanto, não há explicação em torno do sentido que se aplica a essa designação. Um elemento importante para entender o efeito de sentido da libertação é saber o que é linha gótica¹⁹ e entender que o sujeito que dá o depoimento deve atuar na recuperação de pontes e de estradas destruídas pelos alemães. A Linha Gótica é uma espécie de fronteira, de lugar construído pelos alemães, que se entrincheiravam e adquiriam vantagem sobre os italianos. Em resumo, eles ficavam protegidos e Marcelo Martini, que é do comitê, lutava pela recuperação desse espaço que representava, no contexto sócio-histórico da época, uma possibilidade de vida mais igualitária.

A rede parafrástica que se mantém entre essa sequência discursiva e a anterior diz respeito aos brasileiros e à identificação deles com os italianos, na sequência discursiva um, como parte da família e, nessa segunda, como aqueles que atacam em todas as frentes. Destaque-se o enunciado **foram os primeiros a chegar e então temos uma dívida de gratidão com eles porque foram os libertadores**. O dizer inscreve-se no domínio das relações individuais e não propriamente no domínio da guerra. O tempo transcorrido pode ser responsável por essa relação do dizer com o que é mais subjetivo e menos verificável. Não há referência aos significados de libertadores. Mas quando sujeitos são libertados, há provavelmente quem atua como dominador, aquele que prende.

A sequência discursiva 3, mantém-se no domínio discursivo relacionado ao que escapa à guerra e se inscreve no que é empírico e valoriza a amizade, os sentimentos de gratidão e as dificuldades. Carmem Rigoni é historiadora e refere às condições do tempo e na dificuldade de acesso aos lugares, dizendo que nem os jeeps chegavam. Discursivamente, referir a essas dificuldades pode constituir pelo menos dois efeitos de sentidos distintos: um é que, apesar de tudo ser difícil e de as barreiras intransponíveis, os brasileiros enfrentaram, com coragem.

¹⁹ Linha de frente entre as regiões sul e norte da Itália, situando-se Carmem Rigoni - historiadora do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Refere-se ao **inverno gelado**, que os pracinhas **enfrentaram** boa parte do tempo que passaram lá, e diz: “E nessas condições você lutar nos Apeninos, e **a questão topográfica é terrível**, houve momentos de combates perto de Monte Castelo ou perto de Montese em que os jeeps não passavam, nem trator, não passava nada, nem os tanques de guerra. **Todos na lama**”.

SD3

Entretanto, outro efeito pode ser o de que, como historiadora, Carmem Rigoni enfoca as dificuldades climáticas e não as lutas, pois nessas, os brasileiros podem ter sido pouco atuantes. Fazendo isso, ela não deixa de focar a temática, mas também, não fala das dificuldades dos pracinhas brasileiros durante o conflito. Outro possível efeito decorrente do depoimento é que o fato de estarem ou não na Itália é irrelevante, então só o que pode destacar são as relações em torno do que não depende deles, pois, se dependesse não teria sido resolvido de qualquer modo. A posição-sujeito de Carmem Rigoni, como historiadora constitui efeitos de verdade em torno dos fatos, de um lado e, de outro lado, reforça a narrativa sobre a presença dos brasileiros na Itália.

Na sequência 4, a narrativa continua a se constituir pelo processo parafrástico que inscreve as sequências discursivas em um mesmo discurso, destacando a coragem e a organização. Nessa sequência, é enfatizado e o que fica silenciado, mas significa. A sequência é: **mesmo nem sendo guerrilheiros experientes**. Além disso, a palavra 'guerrilheiros' mobiliza memórias e discursos de domínios relacionados mais com a defesa de interesses ligados a facções e não à defesa de um território nacional.

SD4

4- Alessandro Pauli - Ex-combatente – Italiano.
 Usou toda a sua experiência das montanhas para colaborar com os brasileiros e afirma: “Para mim os brasileiros eram pessoas de **muita coragem** e eram também **muito organizados**, porque se deslocavam com **muita rapidez** e

Quando abordarmos os apagamentos/silenciamentos que funcionam nos documentários como o que é silenciado, referimos à falta de treinamento militar dos brasileiros, do que decorre a

pouca participação nas batalhas, propriamente ditas. A sequência cinco segue na mesma direção que a anterior (quatro), dando visibilidade ao fato de os brasileiros terem vindo de longe e de colaborarem com comida, com calor humano. O que rompe com essa cadeia é a referência à resistência, sem referência a quem eles resistem. Ainda em torno do que rompe com as sequências anteriores, está o discurso em relação à família, aos descendentes que não esquecem o que os brasileiros fizeram em favor deles, na Itália, de acordo com os documentários. Destaque-se que o que não é esquecido é a história narrada, a que permanece como memória, porque continua fazendo sentido.

SD5

Coronel Orlando de Simoni - Adido Militar, na Itália diz: “Imagine você, um povo **ser colhido pela guerra** e de repente, chegam **homens de longe**, passam a lutar junto com seus partigianes, que eram aqueles **que faziam a resistência**, e, além disso, **passam a colaborar com comida, com roupa, com calor humano**. Foi isso que a Força Expedicionária Brasileira fez, e tenho a certeza de que é por isso que **eles** não esquecem jamais o que foi feito, pelos seus avós, pelos seus pais e por muitos deles também”.

O sujeito que se responsabiliza pelo dizer é um adido militar e, desse lugar discursivo fala da guerra, tratando-a como uma dificuldade a mais, sem abordar as consequências em relação aos países envolvidos, à destruição e demais perdas. Nesse depoimento, na ordem das evidências, rememora/comemora o lado humano. Essa rememoração/comemoração ocorre, também, nas cidades italianas por meio dos monumentos, a que referimos no capítulo II e que destacam, assim como os depoimentos, mais o lado humano (a mãe que chora, os dois arcos, os cemitérios, entre outros).

Destacamos, anteriormente, a pertinência do dizer em relação ao sujeito que se responsabiliza pelo que é dito e à posição que esse sujeito ocupa na formação social, destacando a inscrição desses sujeitos em formações discursivas, que determinam, de acordo com Pêcheux (2009), o que pode/deve ser dito e também o contrário. Na sequência seis o sujeito locutor é uma enfermeira, Virgínia Leite, que é paranaense da cidade de Irati. Ela destaca o espaço hospitalar e a chegada de um soldado brasileiro. Uma vez mais, o discurso em torno do sofrimento e do

comportamento do homem destaca-se, sinalizando para as condições de um sujeito sem braço e sem pernas, bem como a consciência de que estar nessas condições significa tornar-se menos ou menor, 'um naco de gente'. O discurso se constitui pela retomada do que ficou no passado e da referência à heroicidade, por isso há destaque para a superação: ele fala, ele nada, ele dança, come com as próprias mãos...

SD 6

6- Virgínia Leite – enfermeira – de Irati/PR

“Um soldado brasileiro chegou ao hospital **sem braço e sem perna**, e **quando ele escutava alguém falando em português** ele dizia assim: Por favor, **aplique uma injeção para eu morrer porque eu não quero ser um naco de gente**”. E continuou “Não faz muito tempo um expedicionário que esteve no Rio de Janeiro disse que ele nada, ele dança, ele come com as próprias mãos enfim”

Vale destacar, também, que os documentários dão visibilidade às mulheres que foram para a guerra, não para combater, mas para contribuir, ajudar a amenizar as dores e salvar vidas. Virginia Leite²⁰, ex-enfermeira da FEB, trabalhava nos hospitais da Campanha da FEB. Durante a gravação dos documentários destacou o que viveu na Itália.

Virginia faz parte da galeria das enfermeiras que atuaram na guerra. Outra enfermeira que teve a mesma atuação foi Aracy de Moebios de Carvalho, que foi para a Alemanha em 1935, e lá se tornou Chefe da Comissão de Passaportes do Consulado Brasileiro da Hamburgo. Segundo os documentários, muitos judeus tentavam conseguir vistos brasileiros nos passaportes para escapar da prisão nos campos de concentração nazistas, e ela se empenhou pessoalmente para obter os vistos de inúmeras famílias judias. Aracy foi casada com o escritor Guimarães Rosa, que na época era Vice Cônsul. Faleceu no Brasil em março de 2011. Pela sua atuação em defesa dos direitos humanos em plena guerra, recebeu o título de Anjo da Hamburgo, e o seu nome está inscrito no Museu do Holocausto nos Estados Unidos da América, e no Jardim dos justos em Israel.

²⁰ Virginia faleceu em 6 de janeiro de 2012 aos 94 anos de idade.

No depoimento da enfermeira Virgínia Leite, há destaque para o sofrimento do soldado, que estava sem braço e sem perna e que pedia uma injeção que o matasse, não o deixasse viver como um aleijado. Esse testemunho intensifica os efeitos de sentidos relacionados ao sofrimento dos pracinhas. Outro elemento bastante importante, nesse depoimento, é a relação do sujeito com a língua, pois, de acordo com esse depoimento, “quando ele ouvia alguém falando português”, ele se manifestava, buscando apoio, o que sinaliza para o funcionamento da língua como ligação, como identificação, em que os sujeitos, diante daqueles que falam a mesma língua, mesmo estando em espaços distantes e estranhos, sentem-se em casa, entre a família. Outro efeito decorrente dessa relação entre a língua e os sujeitos é o reconhecimento de si e do outro, reforçando os traços de identificação.

Os recortes realizados em torno dos depoimentos e dos testemunhos constituem-se, na dissertação, um procedimento que sustenta o imaginário de heroicidade e autoriza que eles sejam chamados, nos documentários, de Libertadores. Além disso, os testemunhos destacam o funcionamento dos documentários como uma narrativa que encaminha para a ficcionalidade e que, por isso, não demandam de comprovação, visto que o nome dos sujeitos, que se responsabilizam pelo dizer, e a inscrição deles em formações discursivas constituem-se como modalidades de fazer-crer, sustentando/legitimando filiações.

As sequências que resultam desses recortes sinalizam destacam que o dizer faz ressoar o não-dizer, o contraditório. **Eles não eram, mas são...**

Eles não possuíam experiência de guerra;
Eles não estavam preparados para enfrentar o clima frio e montanhoso da Itália;
Não foram atuantes, enquanto militares;

MAS

Eram corajosos, fortes, enfrentaram o frio;
Identificaram-se com os italianos, dividiam a ração com eles, visitavam as famílias;
Enfim, eram humanos...

Podemos dizer, então, que os imaginários de heroicidade de libertadores em torno dos pracinhas paranaenses/brasileiros se constituem a partir de domínios de memória que envolvem fatos ligados ao comportamento deles, de suas relações e de suas atitudes, em detrimento da atuação na guerra. Desse modo, podemos dizer que, nos documentários da RPC/TV, o fato de os pracinhas enfocados serem paranaenses é relevante para a sustentação/ancoragem desse discurso.

3.2 Brasil e Itália: espaços imaginários de conquistas e de identificações

O espaço brasileiro, numa abordagem discursiva, constitui-se como sendo o lugar em que os italianos, que deixaram a Itália, encontraram terras ainda sem cultivo e puderam trabalhar. No Paraná, espaço destacado nos documentários veiculados pela RPC/TV, há um número bastante grande de imigrantes, o que, talvez, possa explicar a identificação destacada nas materialidades analisadas, nas quais a guerra não foi destaque. Imaginariamente, então, o Brasil é um país de oportunidades e os brasileiros são significados, em vista disso, como hospitaleiros e de confiança. Talvez esse imaginário de oportunidades e de amizade tenha contribuído para as identificações narradas nos documentários em tela.

É importante sublinhar que a constituição desse imaginário resulta das projeções imaginárias em torno dos sujeitos interlocutores, tendo em vista a definição de discurso “como efeito de sentidos entre interlocutores”, em que um dos discursos que o sustenta é o da imigração, funcionando como um discurso *de*, pelo qual retornam as razões pelas quais os imigrantes italianos vieram para o Brasil, a partir de 1875, oriundos do Vêneto, norte da Itália, e concentrando-se no sul do Brasil, cuja topografia é semelhante a da Itália e em São Paulo, trabalhando nas lavouras de café. O processo imigratório sustentou e solidificou, durante muito tempo, o imaginário de um Brasil de oportunidades, de realizações, de possibilidades, enfim projeções imaginárias em torno de sujeitos, destacando como eles se veem e veem o outro e, desse modo, como se significam e significam o seu interlocutor.

Os laços de identificação entre brasileiros e Italianos começaram a se solidificar à medida que esses sujeitos passaram a assimilar a herança cultural brasileira, transformando-a como parte integrante da sua cultura. Logo, passou existir uma identificação de hábitos, usos e costumes,

bem como da língua e da religiosidade, estreitando os vínculos de amizade e companheirismo entre esses sujeitos.

A língua apresenta-se como um elo de identificação entre esses sujeitos, pois ela, como assevera Pêcheux (2009, p.81), tem uma base comum e se constitui por processos discursivos, aos se agregam diferenciadores, devido a sua formação e à interpelação ideológica. O processo de comunicação entre os brasileiros e os italianos não foi difícil porque, os dois idiomas (português e italiano) possuíam, no latim, as mesmas raízes linguísticas. No entanto, as línguas, mesmo as que possuem as mesmas raízes, apresentam, segundo o autor, “um conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas”, distintas e subordinadas a leis internas que as constituem.

No que tange à língua e aos modos de interdição de idiomas estrangeiros, ancoramo-nos em Payer (2006, p. 81), a qual destaca que, em 1938, Getúlio Vargas conduziu uma campanha nacional de combate ao analfabetismo, cujo objetivo maior era o de “nacionalizar integralmente o ensino primário de todos os núcleos de população de origem estrangeira”, seguindo um conjunto de orientações, que emergem de enunciados proferidos por Getúlio Vargas, dentre eles o que destaca que “um país não é apenas um conglomerado de indivíduos dentro de um trecho do território, mas, principalmente, a unidade da raça, a unidade da língua, a unidade do pensamento nacional [...]” (ARAÚJO, 1994, p. 204).

No contexto de censura, protagonizada pelo governo Vargas, a língua é tratada de forma autoritária e se instaura um processo determinante de nacionalização dos imigrantes, pois o governo Vargas, pelos mecanismos de poder, buscava impedir que línguas estrangeiras fossem praticadas como línguas nacionais, em oposição ao Português, língua nacional do Estado brasileiro. O governo Vargas protagonizou um processo de interdição e de silenciamento de tais línguas.

Outro elemento agregador e constituidor de identificações entre paranaenses/brasileiros é a religião católica, tendo em vista que o Brasil é um país eminentemente católico e essa condição aproxima os sujeitos das duas pátrias. Durante os sete meses que os pracinhas paranaenses/brasileiros permaneceram nos campos de batalha da Itália, eles viveram experiências significadas pelo religioso, conforme análises realizadas no segundo capítulo, desta dissertação, no que diz respeito às igrejas, enquanto monumentos e aos cemitérios. É possível visibilizar esses traços de identificação pelos depoimentos/testemunhos que sustentam os efeitos de objetividade e

de verdade veiculadas/constituídas pelos documentários e que decorrem das condições de produção desses relatos sobre a experiência de cada pracinha e dos italianos.

A religiosidade é um fator preponderante no ordenamento das experiências relacionadas à morte e à família, vista, de acordo com Zanini (2004), como patrimônio, por agregar valor às relações. São as memórias relativas às famílias que corroboram e evidenciam a construção da história e da memória religiosa, bem como reforçam e dão visibilidade à solidariedade, como um valor. A tensão decorrente da guerra levou alguns veteranos a solidificar sua crença religiosa em função da necessidade de amenizar o sofrimento, por meio de vivências fraternas. Os discursos que ressoam dos/pelos documentários veiculados pela RPC/TV, como discurso *de*, remetem-nos ao que Pêcheux (2009) define como o “‘sempre já-ai’ da interpelação ideológica”, que fornece e impõe a “realidade”, o “mundo das coisas”, pelos depoimentos de sujeitos que viveram a guerra, relatados pelos veteranos, em forma de cartas, diários, depoimentos, fotos.

Nos documentários, a relação de fraternidade humana é reforçada por discursos que destacam a religiosidade, ressoando como memória (discursos *de*) que sustentam o catolicismo predominante no Brasil e na Itália. O repórter Fernando Parracho, da RPC/TV, narra um depoimentos relacionado à estada dos pracinhas na Catedral de Pisa, relacionando os brasileiros à igreja para acentuar/dar visibilidade ao fato de assistirem a missas. Na sequência sete, descrevemos o depoimento.

SD 7

[...] uma dessas missas foi especial, quando quase 5000 soldados recém chegados do Brasil se reuniram **para rezar**. Não há notícias de uma imagem que tenha registrado esse momento, **mas existe uma gravação de um coro de soldados brasileiros nesse dia cantando o hino nacional**. De acordo com o que foi veiculado nos documentários, apesar dos ruídos da gravação é possível ouvir **o som das bombas ao fundo**.

O efeito de sentido da narrativa descrita, nessa sequência, fazer-ver que os pracinhas assim como os italianos eram religiosos, reforçando a identificação entre brasileiros e italianos pela religiosidade. Ainda em relação ao religioso, nos documentários, há referência a uma capela que teria sido construída pelos pracinhas brasileiros. Segundo os documentários, essa igreja permaneceu escondida em um bosque de pinheiros por mais de cinco décadas, até ser descoberta por italianos, que sabiam da sua existência, mas não do local exato. Esse bosque depois da guerra foi transformado em reserva florestal e hoje é lugar de visitas, constituindo-se como um lugar de rememoração/comemoração dos Pracinhas parananenses/brasileiros, pelo povo italiano.

É possível dizer que, pelos discursos em funcionamento, nos documentários, temos que neles constituem evidências de que não há somente glórias e vitórias relacionadas aos pracinhas brasileiros, pois, uma vez em solo estrangeiro, enfrentam todos os tipos de dificuldades. Essas dificuldades foram minimizadas pelo sentimento de ‘patriotismo e de solidariedade’ para com o povo italiano, que passava um dos momentos mais terríveis de sua história, segundo relatos de italianos que se dispuseram a ser entrevistados pelos repórteres da RPC/TV, e que significam os pracinhas como solidários na dor, na angústia, no temor e na fome. Afirmam, também, que o calor humano que receberam dos soldados brasileiros, tornaram os dois povos muito próximos, estabelecendo o que chamaremos de clima de “Guerra e Paz”.

Dessa forma, em *Os pracinhas da FEB*, há destaque para a história e a memória dos sujeitos brasileiros e italianos, que participaram da Segunda Guerra Mundial, e por esses discursos pelos quais ressoam efeitos de sentido que dão visibilidade à forte ligação identitária existente entre esses sujeitos, constituindo um imaginário de identificação que se estabelece pelo discurso *de* (memória) e pelo discurso *sobre* (atualidade) quando na estruturação de discursos em que há um funcionamento discursivo de pátria-nação, tanto no imaginário de si como no do outro.

Por essa relação ao simbólico/imaginário que entra em jogo nos efeitos de sentidos, compreendemos que o sujeito, ao se inscrever em uma FD, faz coincidir o olhar do outro e aquele que se volta para si próprio, e é assim que ele funciona como discurso ficcional, para edificar uma identidade possível e não a castração simbólica. O depoimento dos irmãos Barone, integrantes do grupo “*Os Paralamas do Sucesso*”, situa-se e (in)screve-se na temática em torno

da Guerra, destacando elementos que ajudam a entender um pouco essa história, um pouco do Brasil de hoje.

SD 8

João Barone

Eu sou parte da estatística das pessoas que gostam do tema “[...] **eu me senti naquela situação, que dentro da sociedade escolhe um parafuso para apertar...** **Manter viva essa história ajudar a entender um pouco essa história um pouco do Brasil de hoje.**

João Henrique Barone

“Meu pai teve que largar **o violão para pegar no fuzil e ir para a guerra**”.

Na sequência discursiva oito, os sujeitos significam-se imaginariamente e se veem como isentos de qualquer filiação ideológica. Falam de si mesmos. João Henrique, irmão de João Barone diz [...] acho que a gente precisa conhecer um pouco mais a importância que o Brasil teve e ainda tem nesse contexto internacional e o exército tem hoje uma participação como força da ONU, em um país como Haiti. João Barone e Henrique são filhos de expedicionário e, destacam a ida do pai para a guerra.

A partir de João Barone vale destacar o enunciado “[...] **eu me senti naquela situação, que dentro da sociedade escolhe um parafuso para apertar [...]** encaminhando para um dos apagamentos que resultam desses documentários, ou seja, o fato de que os pracinhas não escolheram ir para a Itália, eles foram recrutados. Nesse sentido, a sociedade seria como uma engrenagem e cada sujeito, um parafuso. Muitos ficam frouxos, sem que ninguém os apertasse, mas os escolhidos é que sofrem as consequências, quaisquer que sejam eles. Do mesmo sujeito, destaque-se o enunciado: **Manter viva essa história ajuda a entender um pouco essa história um pouco do Brasil de hoje**, que instaura diferentes efeitos de sentidos, dos quais destacamos dois: o primeiro, em torno das razões pelas quais o Brasil entrou na Guerra (teria sido atacado), conforme referimos anteriormente; o segundo, pela visibilidade dada ao gerenciamento de vidas privadas pelo Estado, mesmo que na Constituição esteja prevista a valorização e garantia das liberdades.

João Henrique Barone, afirma: “Meu pai teve que largar **o violão para pegar no fuzil e ir para a guerra**”, sinalizando para a falta de liberdade e, também, para a aproximação de dois objetos tão diferentes, como são o violão e o fuzil e os discursos e memórias que a partir deles retornam/ressoam. Funcionam, nesse enunciando, os contraditórios que resultam de PAZ e GUERRA e os domínios de memórias que as palavras convocam e fazem trabalhar, conforme Pêcheux (2008).

SD 09

Aristides Saldanha Verges, ex-combatente, brasileiro

[..] daí quando eu vi aquele movimento, as moças da LBA, colocando medalhinhas, e dando bolacha, cigarro e chorando que se Deus quiser não ia acontecer nada, pensei, ué! o que está acontecendo? A gente olhava para o companheiro assim, e as lágrimas começavam... eu também chorei. Foi a ocasião mais difícil que eu achei nesse meu tempo de exército, foi essa passagem de Curitiba.

A sequência discursiva nove sinaliza para um sujeito que fala de si e reinventa o outro, que ressoa no/em seu dizer. Ao falar de si, os sujeitos instauram o outro e os sentidos desse outro. Pelos depoimentos e testemunhos, os sujeitos têm a ilusão de poder gerenciar os sentidos, encaminhando para a objetividade. Esses testemunhos resultam de uma memória seletiva, de um imaginário de si, e do outro, da temática abordada e do ideológico, visto os sujeitos serem interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente e, apesar disso, ‘esquecerem’ que o sentido sempre pode ser outro e imprimem um efeito de sentido, que pensam inerente às suas representações. Disso decorrem faltas, falhas e equívocos.

Segundo Silva (2000, p. 3), a escritura de si materializa-se nos depoimentos pelo funcionamento do imaginário, pois os sujeitos, ao falar desvelam-se, significando-se, tendo em vista que a oralidade é mais distensa e facilita a comunicação e também a não comunicação, considerando que há apagamentos na documentação formal, deixando lacunas e esvaziamentos nas representações. Nos documentários veiculados pela RPC/TV, apesar dos efeitos de

“objetividade” e de verdade, o que funciona, em termos de discurso, são os imaginários, melhor dizendo, o modo como os sujeitos se veem e veem o seu interlocutor.

Dessa forma, os documentários *Os pracinhas da FEB*, veiculado pela mídia televisiva, constroem uma narrativa que se afasta da história e de sua memória, mas, ao mesmo tempo é por meio dela que ressoam outros discursos e se constituem efeitos de sentido, os quais dão visibilidade à forte ligação identitária existente entre brasileiros e italianos, instaurando um imaginário de identificação, que se materializa pelo discurso *de* (memória) e linearizam-se no discurso *sobre* (atualidade), textualizando-se como discurso *de*/discurso *sobre*, pois no intradiscurso é impossível saber o que é memória e o que não o é, considerando que toda materialidade se constitui de furos que necessitam ser preenchidos para que o gesto de interpretação se instaure.

3.3 Recorte 3: Efeitos de Silenciamentos/Apagamentos da história Oficial em documentários

O silêncio não fala. Esta é uma afirmativa constituinte da Análise de Discurso, contudo, apesar de “não falar”, ele **significa**, segundo Orlandi, (2002, p. 12). O estudo do silenciamento mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos fazem compreender a dimensão do *não-dito*, que é distinta do que se tem estudado sobre a “rubrica do implícito”. Assim, seguindo as orientações da autora, visando a um melhor entendimento em torno do silenciamento e da literalidade e completude do discurso e seus contrários: a memória, a incompletude. Na Análise de Discurso (AD), o sentido se faz em todas as direções, e não numa linha reta e é por meio do silêncio que essas possibilidades se constituem, posto que o dizer se estrutura pela falta, pela falha e pelo equívoco e encaminham para outras possibilidades de efeitos de sentidos.

Pelo silenciamento, ressoam questões estabelecidas nos limites das repetições de palavras, que, de acordo com Pêcheux (2009), não possuem um sentido próprio, posto que dependem de sujeitos e da filiação deles em formações discursivas. Nesse sentido, um apagamento específico da AD é o da divisão fundamental do sujeito, que se constitui pela ilusão de ser o centro imaginário e ideológico das significações. Para Orlandi (2002, p. 13), “o silêncio fundador

significa a garantia do movimento de sentidos, que é necessário e não originário, função da relação da língua com a ideologia”, porque este possui suas raízes na histórica, que produz “as representações do mundo e todas as espécies de crenças e de conhecimentos”.

Esses movimentos de sentidos estruturam-se pelo silenciamento, pois eles encaminham a um “sujeito nem tão distinto nem a um sentido específico” (Idem. p. 13), deixando ao analista a possibilidade da compreensão dos modos como esses sentidos se significam dentro do silêncio, cujas significâncias, conduzem a uma compreensão do *Não Dito* não como um fator estabelecido pelos sujeitos levados pela censura, mas como um fator estabelecido pela própria história atravessada pela ideologia. O silêncio e os apagamentos têm como um de seus efeitos, a limitação dos sujeitos nos processos de movimentação em torno dos efeitos de sentidos, que estão sempre em movimento.

Os programas da RPC/TV inscrevem-se nos discursos midiáticos e objetivam, segundo seus produtores, destacar as representações veiculadas pelos documentários e, como discurso, funciona como a atualização dos sentidos pela memória discursiva, pela qual se configura a não representação dos sujeitos pela produção de efeitos que, pelo gesto de interpretação, inscreve a memória em uma atualidade. Nesse sentido, Pêcheux (1990, p.56) destaca a filiação do discurso em redes de memória e a trajetórias sociais, nos quais ele se forma. Contudo, ele (o discurso) marca a possibilidade de uma desestruturação/reestruturação dessas redes e trajetórias, tornando-se um efeito das filiações sócio-históricas e de identificação entre sujeitos, conduzindo, ao mesmo tempo, para deslocamentos do dizer.

Nesse deslocamento de espaço, de temporalidades e de efeitos de sentidos ocorre a presentificação da história apresentada pela RPC/ TV, em forma de narrativa, reestruturando e constituindo efeitos de bravura, de coragem e de lealdade dos Pracinhas da FEB. Esse funcionamento ocasiona a transformação do fato histórico que, nas materialidades, em tela, funciona como pano de fundo, como um motivo que justifica a história narrada. Nos documentários, entretanto, tanto os silenciamentos como os apagamentos em torno dos fatos da História Oficial, instauram efeitos de sentidos outros e um dos mais relevantes é o de que essa não parece ser a história sobre a Segunda Guerra Mundial ou sobre os pracinhas.

Vale destacar que, nos documentários, não há referência a Vargas, nem às dificuldades financeiras do Brasil e muito menos à imigração italiana no país. A entrada na guerra aconteceu

porque navios brasileiros foram torpedeados, mas o foram, de acordo com Coggiola (1995, p. 295),

[...] por submarinos americanos e/ou ingleses e não pelos barcos da marinha alemã [...] também não falta quem pense que fomos à Itália por imposição dos americanos, para sangrar por eles, quando na verdade, não há razão para duvidar que foram os chefes do Estado Novo – isto é Vargas, absoluto, e uns poucos mais – os responsáveis pela criação da FEB, [...] calejadas tropas alemãs sobre um particularmente gélido inverno nas alturas dos Apeninos Tosco-Emilianos.

Outro silenciamento presente nos documentários são as referências escassas e sutis aos pracinhas negros, chegando mesmo a serem interpretadas como positivas. Isso se evidencia no depoimento do italiano Giorgio Serafini, integrante da Cruz Vermelha, na época com 18 anos, referindo à ausência dos negros como positiva, pois os americanos só falavam em cigarros e mulheres, coisa que não acontecia com os brasileiros...”. Destaque-se o depoimento de Iolanda Marata, na época com 10 anos de idade que, ao falar da chegada dos brasileiros, afirma ter levado um susto porque nunca tinha visto um homem negro diante dela: “me escondi atrás de minha mãe aí o sargento disse – não precisa ter medo é um soldado bom, uma boa pessoa - logo depois ele passou a brincar comigo, me dava chocolates e nos tornamos amigos”.

Os documentários silenciam o “racismo”, verificado, não só na história Oficial, mas na maioria das histórias. Segundo Coggiola (1995, p. 298), ao referir-se ao livro *Depoimentos de Oficiais da reserva sobre a FEB*, diz que a obra contradiz a versão Oficial da história da FEB, do início ao fim, fazendo acusações ao comando que vão desde a negligência ao racismo. Segundo Coggiola (1995, p. 299), “[...] o oficial de reserva José Alfio Piason conta que repetidas vezes, desde o começo da organização da FEB até o fim, houve preocupação em evitar que os negros ocupassem lugares nas colunas externas dos batalhões formados”.

Esses fatos constituem o rol dos muitos obstáculos a serem ultrapassados pelo Exército brasileiro para formação de uma Divisão Expedicionária, e para o cumprimento de sua tarefa. Todos eles, entretanto, foram, de certa forma, silenciados nos documentários da RPC/TV. De um lado, nesse discurso, está silenciada, a formação da FEB. Todos os relatos apresentados nos programas da RPC/TV dão visibilidade ao fato de a FEB ter sido a força militar brasileira que convocou mais de 25.000 homens para lutarem ao lado dos Aliados na Itália, durante a Segunda

Guerra Mundial. De outro lado, a dimensão desse silêncio e dos apagamentos remetem ao caráter de incompletude da linguagem, verificada pela intrínseca relação do *dizer* com o *não dizer*, pela qual, segundo Pêcheux (1999), ressoam os efeitos discursivos, que encaminham para o discurso institucional, com um aparente equilíbrio, que associa o discursivo ao histórico.

A sustentação para o que dizemos instaura-se pela ilusão de que é possível realizar uma vigilância na formulação dos enunciados por meio de uma leitura de pensamento velada, que Pêcheux (1999, p. 60) denomina de “um apagamento seletivo da memória histórica”. A RPC/TV, nos documentários veiculados em 2011, silencia fatos históricos, dentre eles, as dificuldades com a política externa no Governo Getúlio Vargas e o fato de a entrada na Guerra ter se constituído ‘como uma moeda de troca’ com os Estados Unidos, o país que se destacou no conflito e saiu fortalecido da guerra. A dimensão de silêncio *que leva a uma compreensão equivocada dos sentidos*, considerados “não como meros acidentes da linguagem, mas como o cerne mesmo de seu funcionamento” (ORLANDI, 2002, p. 12).

Nesse sentido, e referindo à atuação da mídia, Mariani (1999) ressalta que ela deve ser enfocada, considerando de acordo com as condições de produção, dadas pelo modo como as instituições tornam-se, elas mesmas, discursos, por se constituem pelo modo institucional de se significar, o que impossibilita a desconsideração das correlações entre a instituição e os discursos que dela emanam. No entanto, para um trabalho de análise que tem como objeto os silenciamentos nos discursos institucionais, neste caso da RPC/ TV, é necessário considerar a história e a forma pela qual a instituição discursivizou-se.

Segundo Mariani (1999, p. 47), há que considerar, ainda, a historicidade do processo de constituição no funcionamento dos discursos institucionais, para que se torne possível uma reflexão sobre a tipologia desses discursos, e não partir dela como já dada consensualmente. O silenciamento apontado, nos documentários, configura-se não como silêncio, mas como um processo de produção de sentidos silenciados.

A análise dos discursos que estruturam a narrativa nos documentários da RPC/ TV sinalizam para silenciamentos/apagamentos de sentidos que corroboram para a formação de FDs distintas, e que se sustentam pelo seu próprio não falar e ressoam polissemicamente, instaurando outros efeitos de sentidos. De acordo com Orlandi (2008, p. 39), o “silêncio não fala, mas escuta”. O estudo do silenciamento mostra o funcionamento de um processo de produção de

efeitos de sentidos silenciados, que permitem compreender a dimensão do *não dito*, distinto daquela que leva a “*rubrica do implícito*”.

Na busca pelos silêncios e pelos apagamentos, reportamo-nos a Venturini (2009, p. 79), no que diz respeito ao funcionamento da memória como discurso *de*, sustentando e ancorando o discurso *sobre*, como atualidade e destacando que essas evidências são intrínsecas ao compromisso do sujeito-enunciador com o seu dizer, que ressoa a partir do lugar de onde ele enuncia. O sujeito, nesse sentido, só pode se constituir sujeito na ordem do dizer, se foi autorizado a isso e quando se inscreve em novas formações discursivas. Com isso, esgotam-se os limites e as distinções entre o dito e o não-dito, porque não há necessidade do dizer, mas que as significações se constituam.

Para concluir este capítulo, sublinhamos a produtividade dos depoimentos e dos testemunhos na constituição e sustentação de um imaginário em que os pracinhas paranaenses/brasileiros são representados como heróis, como sujeitos solidários. Outra forma de destacar e sustentar esse imaginário constitui-se pelo destaque dado ao religioso, pelo fato de esses sujeitos terem uma religião forte e bem marcada. Outro efeito, destacado, neste capítulo, são os silenciamentos e apagamentos, tendo em vista a ficcionalidade desse discurso. Há que se aproximar o que é dito sobre esses sujeitos e a relação com o que não é real, especialmente, a aproximação deles com as famílias.

CONCLUSÃO

As materialidades produzidas pela RPC/TV em torno dos Pracinhas da FEB são documentários e, como tais, funcionam na construção de efeitos de verdade e de realidade, em nosso *corpus*, em torno dos pracinhas parananenses/brasileiros e da atuação deles no evento da Segunda Guerra Mundial, no Norte da Itália em 1944. Há, igualmente, o discurso institucional (o

das Forças Armadas) empenhado em valorizá-los, buscando impedir que eles sejam esquecidos. Isso permite dizer que esses discursos funcionam como *lugar de memória*, tendo em vista o empenho em fazer circular um discurso, no qual os pracinhas são apresentados positivamente, como heróis, cujo efeito de sentido resulta em dar visibilidade a determinados acontecimentos em que eles significam como solidários, destacando a identificação entre italianos e brasileiros e apagando a atuação desses brasileiros na guerra, a qual, pode não ter sido brilhante.

Olhamos nosso objeto - os documentários - pelo viés da Análise de Discurso, disciplina de entremeio, que “conversa” com as demais disciplinas, especialmente, a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise, questionando, de acordo com Orlandi (2002), o que elas deixam de fora. Essa disciplina, ainda de acordo com Orlandi (2012), não atua no campo interdisciplinar, pois isso seria reduzir o seu funcionamento a instrumento. Como ela é uma disciplina de entremeio, sempre é possível buscar, em outros campos disciplinares, noções e conceitos, deslocando-as para o funcionamento discursivo.

Vale destacar que, nesse campo, há poucos trabalhos realizados a partir dos documentários. Orlandi (2011) analisou o documentário de João Massarollo e o tratou como um acontecimento discursivo, destacando que essa materialidade é sempre já um acontecimento. Entretanto, na Análise de Discurso, não é possível tomar uma análise já realizada e efetivar outra, tomando o já-feito como modelo, tendo em vista que a questão de pesquisa em torno de um objeto e de um *corpus* é que determinam quais os dispositivos analíticos a serem mobilizados. Nos documentários analisados, o acontecimento histórico centra-se na Segunda Guerra Mundial, mas esse acontecimento funciona como ancoragem em torno da narrativa instaurada em relação aos pracinhas paranaenses/brasileiros. Isso demandou que tratássemos essas materialidades como narrativas, buscando saber como os efeitos de sentidos de heroicidade e bravura sustentam-se, nesse discurso.

Na estruturação do trabalho, consideramos o discurso em sua formulação, constituição e circulação, nos termos de Orlandi (2012) e estruturamos o texto em três partes. Na primeira parte, destacamos a noção discurso, como “efeito de sentidos entre interlocutores”, a partir de Pêcheux (, 1997, 2009) e de Orlandi (2002), considerando os documentários como materialidades discursivas, que se encaminham para sujeitos interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente e que funcionam discursivamente a partir de posições-sujeitos junto a formações

sociais. Nesse sentido, o discurso realiza-se por práticas que resultam de processos discursivos, e que marcam a passagem da enunciação para o discursivo. O segundo foco dessa primeira parte, é a mídia, como veículo a partir do qual os documentários circularam e, o terceiro foco, centra-se nas discussões em torno do documentário, enquanto materialidade discursiva, que tratamos como “documentários”, pois o *corpus* se constituiu de quatro documentários, veiculados pela RPC/TV – Rede Paranaense de Comunicação – a partir de agosto de 2011, no programa “Meu Paraná”, que vai ao ar, semanalmente, pela emissora e trata de temas pertinentes ao estado do Paraná, encaminhando sempre para a valorização da terra e dos sujeitos-cidadãos.

Na dissertação como um todo, priorizamos o funcionamento discursivo dos documentários, destacando o político, como integrante desse e de outros discursos, tendo em vista que, do lugar em que analisamos esse objeto, uma das atividades principais está na problematização da leitura, que se realiza por gestos de interpretação. Desse modo, centramos as teorizações no funcionamento da memória, como o que sustenta e ancora o dizer, nas formações discursivas, imaginárias e ideológicas, tendo em vista que o sujeito é o centro de todo discurso e, como tal, é sempre interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente e, além disso, inscreve-se em formações discursivas, que determinam o que pode/deve ser dito ou o contrário.

Junto às condições de produção, é importante destacar o funcionamento do imaginário, considerando que o dizer realiza-se em determinadas condições de produção, mas depende dos sujeitos que o organizam em função dos sujeitos que participam do discurso. As formações imaginárias, no *corpus* em análise, foram bastante produtivas, tendo em vista a necessidade de considerar que a autoria tem um lugar marcado: uma emissora paranaense, que fala de paranaenses para paranaenses, o que é determinante na sustentação/constituição de determinados efeitos e não de outros. Pelas projeções imaginárias, é relevante sublinhar, instauram-se e tornam legíveis/visíveis posicionamentos políticos, já que o sujeito, sempre realiza escolhas, mesmo tendo a ilusão de gerenciar o dizer e a interpretação.

Destacamos, ainda, os modos de constituição de efeitos de sentidos nos documentários, definindo o seu funcionamento e alcance. Entendemos que se trata do funcionamento da língua na história e de constituição de redes parafrásticas que encaminham para a objetividade e efeitos de verdade, os quais ocorrem por meio de definições, em que os sujeitos são significados, nesses documentários, como heróis, como solidários, e a guerra, como episódio mais sangrento da

história. Outro modo de significar esses sujeitos ocorre pelo “fazer-ver”, que constitui efeitos de concretude e de verdade. Esses efeitos de verdade constituem-se, também, por meio de depoimentos e de testemunhos, pelos quais o responsável por julgamentos, não é o autor, o que exerce a função discursiva de organizar a narrativa, mas o sujeito que fala, que é nomeado e se inscreve em um lugar, nos documentários em tela: um adido militar, uma enfermeira, um ex-combatente, entre outros. Some-se a esses procedimentos, a constituição de identificações entre paranaenses/brasileiros e italianos e o funcionamento do imaginário, em que o sujeito ‘projeta’ um interlocutor e, a partir dele, organiza o dizer.

Encerramos esse primeiro capítulo, com os procedimentos metodológicos, dando visibilidade à questão de pesquisa, aos objetivos e aos recortes realizados para responder à questão proposta, qual seja: Como se constitui, a partir dos documentários veiculados pela RPC/TV, o imaginário de heroicidade, de coragem e de heroicidade em torno dos pracinhas paranaenses/brasileiros que participaram da Segunda Guerra Mundial, em 1944, no Norte da Itália? Destacamos, igualmente, objetivo geral que verificar como se constituem esses efeitos a partir dos quatro documentários. Para dar conta desse objetivo, destacamos três objetivos específicos, quais sejam: 1) verificar como a partir dos documentários, em torno dos pracinhas, o acontecimento histórico da Segunda Guerra Mundial, estrutura e sustenta a constituição de identificações entre brasileiros e italianos; 2) destacar o funcionamento da memória na rememoração/comemoração dos brasileiros como heróis pelo discurso *de* (memória), ancorando/atualizando o discurso *sobre* (atualidade); 3) pensar nos documentários como lugar de memória e no seu funcionamento discursivo, destacando o trabalho da língua na história e sua relação com a ideologia. Nessa parte, descrevemos a estruturação do trabalho, em três capítulos.

No segundo capítulo, destacamos o espaço urbano e o funcionamento da história e da memória em torno de monumentos e de documentos, tendo em vista que, pelo urbano, mais precisamente pelas cidades italianas e os monumentos construídos nelas, são construídos argumentos que destacam a rememoração/comemoração desses sujeitos na Itália e, também, no Brasil. Sublinhamos, a partir do espaço urbano, o funcionamento da memória, enquanto discurso *de* (memória) e discurso *sobre* (atualidade) nessas materialidades. Ao funcionamento da memória e da história, aliamos reflexões teóricas relativas à historicidade e aos *lugares de memória*, destacando que esta última noção teve origem na história, mas foi trabalhada por autores que

destacam o seu funcionamento discursivo. Outro aspecto trabalhado diz respeito aos monumentos e às abordagens enunciativas e discursivas dessas materialidades, bem como à cidade em sua ordem e organização.

Realizamos, nesse segundo capítulo, o primeiro recorte no *corpus*, em torno dos documentários, buscando sustentar analiticamente como, neles, o espaço urbano funciona na sustentação do imaginário de heroicidade, bravura e solidariedade dos pracinhas e instauram efeitos de concretude à rememoração/comemoração desses sujeitos na Itália e no Brasil. Concluimos que, a partir dos monumentos se constituem as identificações entre italianos e brasileiros, tendo em conta que os monumentos destacam a religiosidade, a família como patrimônio e como modo de solidificar valores religiosos. Esse recorte estrutura-se por cinco textos-imagem, retirados do primeiro documentário veiculado pela RPC/TV.

No terceiro capítulo, centramos as reflexões teóricas e analíticas nos testemunhos e nos depoimentos que nos documentários, instauram efeitos de sentidos relacionados ao fazer ver para fazer crer, destacando a família, a religião e a identificação entre pracinhas paranaenses e brasileiros. Realizamos, nesse capítulo, mais dois recortes: o primeiro, em torno dos testemunhos e depoimentos, abarcando a religiosidade, estruturando por sequências discursivas; o segundo, em relação aos silenciamentos e apagamentos presentes nos documentários. Entendemos que esses processos são constitutivos dos efeitos de sentidos tendo em vista que não se trata de um enfoque histórico, mas de uma narrativa que destaca as identificações entre brasileiros e italianos.

Concluimos, retomando os objetivos do trabalho. Em relação à verificação do funcionamento no que diz respeito à sustentação de sujeitos e de identificações, ressaltamos que o acontecimento Segunda Guerra Mundial, funciona como pano de fundo. Os documentários organizados e veiculados pela RPC/TV têm como fio condutor uma narrativa, que se sustenta por meio de testemunhos, de depoimentos e de monumentos urbanos que instauram concretude em relação aos enunciados definitórios que representam esses sujeitos. No que tange ao segundo objetivo, entendemos que um discurso *de*, como memória que sustenta e, agora, o discurso *sobre*, como atualidade, é o da imigração, que ocorreu no Brasil a partir de 1875, fortalecendo a identificação entre Brasil e Itália.

Os descendentes de imigrantes italianos concentram-se nos estados do sul do Brasil, notadamente no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e a esses interessa

rememorar/comemorar a cultura italiana. O terceiro objetivo destaca os documentários como *lugares de memória*, visto que dão visibilidade ao que poderia ser esquecido. Entretanto, esse funcionamento não é relevante, tanto que não o destacamos na dissertação, tendo em vista que os discursos que retornam fazem parte de uma memória constitutiva dos descendentes de italianos no Brasil, aos quais é relevante dar visibilidade aos pracinhas como libertadores, com um discurso mais saudosista do que histórico, que apaga as condições de entrada do Brasil na Guerra e, também, o histórico dos combates.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre et al. *O papel da Memória*. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ALTHUSSER Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado: nota sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE)*. Tradução de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon de Albuquerque. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1985.

ANTUNES, Julio César Guedes. *A Itália na Segunda Guerra Mundial: Uma análise da “covardia” dos soldados de Mussolini*. disponível em <http://vitorhugotrovadores.blogspot.com.br/2012/10/a-italia-na-segunda-guerra.html>. acesso em 03-02-2013.

CATROGA, Fernando, Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001ª.

COGGIOLA, Osvaldo. *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. Xamã, VM Editora e Gráfica Ltda. São Paulo-SP. 1995.

COURTINE, Jean Jacques. *Metamorfose do Discurso Político: Derivas da Vida Pública*. Tradutores Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho Análise – São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. *Análise do Discurso Político. O Discurso Comunista endereçado aos Cristãos*. Edufscar, São Carlos, 2009.

DOCUMENTÁRIOS. *Os Pracinhas da FEB. Programa Meu Paraná*. Disponível em <http://t.co/ZvXqcvv>.

DOSSE, François. *História do estruturalismo, v. 2: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1994.

GADET, Françoise, HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradutores: Bethânia Mariani (et al). 3ª. ed., Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

GALLO, Solange Leda (et al) Ler o arquivo hoje. In: *Michel Pêcheux e a Análise de Discurso: uma relação de nunca acabar*. INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). São Carlos: Clara Luz, 2005.

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: Língua, sujeito e discurso*. Tradução de Maria Fausta P. de Castro. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

_____. *A História não existe?* In: ORLANDI, E. (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

_____. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux, 1969. In: GADET, Françoise, HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradutores: Bethânia Mariani (et al). 3ª. ed., Campinas, SP: UNICAMP, 1997

INDURSKY, Freda. De ocupação à invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Sagra/Luzzato, Porto Alegre, 1999.

_____. *Discurso, memória, identidade*. Maria Cristina (org). Campinas, Editora Pontes, 2003.

_____. *A memória na Cena do Discurso*. In Memória e História na/da Análise do discurso. Freda Indursky, Solange Mittmann, Maria Cristina Leandro Ferreira(organizadoras). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MALDIDIER, Denise. *Ler Pêcheux hoje*. (reler Michel Pêcheux hoje). PONTES Editores, Campinas-SP, 2005.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan, Campinas, SP: Unicamp, 1998.

_____. Discurso e Instituição: a imprensa. *Rua*. Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade a UNICAMP-NUDECRI. Campinas, SP, n. 5, março 1999.

MELLO, Cristina T. V. de; GOMES, Isaltina Mª de A. M.; MORAIS, Wilma P. de. *O documentário como gênero jornalístico televisivo*. Pernambuco: UFPE, 2010.

MERON, Luciano Bastos. *Memórias do front*: Relatos de guerra de veteranos da FEB. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programação de Pós-Graduação em História Social. Dissertação de Mestrado, 2009.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

NUNES, José Horta. *O Discurso Documental na História das Idéias Lingüísticas e o Caso dos Dicionários*. Alfa, Revista de Linguística São Paulo, 52 (1): 81-100, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Palavra, Fé, Poder*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, Ed. da Unicamp, 1990.

- _____. *Exterioridade e ideologia*, Cad. Est. Linguísticos, Campinas, 1996.
- _____. Do sujeito na história e no simbólico. Revista Escritos, no 04. *Dos contextos epistemológicos da Análise de Discurso*. Campinas/SP: Labeurb/Nudecri, 1999.
- _____. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, edição, 2002.
- _____. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 5ª ed. Campinas/SP: Editoria da UNICAMP, 2002a.
- _____. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004.
- _____. *Discurso, Espaço e Memória: Caminhos da Identidade no Sul de Minas*: Campinas, Editora RG, 2011.
- _____. *Documentário: acontecimento discursivo, memória e interpretação*. In Leituras do Político/ organizadores Ana Zandwais [e] Lucília Maria Souza Romão. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- _____. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- PAYER, Maria Onice. *Memória da língua: imigração e Nacionalidade*. São Paulo: Escuta, 2006.
- PÊCHEUX, & FUCHS, Catherine (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In : GADET, Françoise. & HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1997a.
- _____. *Ler o arquivo hoje*. In: ORLANDI, E. P. (Org.). Gestos de leitura: da história no discurso. Tradução de Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997b.
- _____. *O Papel da Memória*. In ACHARD, Pierre et alii *Papel da Memória* Campinas: Tradução Eni Orlandi. – 5ª ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 1999.
- _____. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Tradução Eni Orlandi. – 5ª ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2002.
- _____. *Semântica e Discurso: uma crítica à Afirmação do Óbvio*. Tradução Eni Orlandi et al. – 4ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- RASIA, Gesualda. *Semântica do Acontecimento: Um Olhar Sobre a Cidade, Seus Nomes e Suas Práticas Políticas*. Revista conexão. Volume 2, número 2, 2006.
- SCHERER, Amanda Eloina. *Dos Domínios e das Fronteiras: O lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar*. In: *Análise do Discurso: Heranças, métodos e objetos*. Editora Claraluz. 2008.
- SILVA, Lígia Osório. A “política do exército” no primeiro governo Vargas: 1930-1945. In:

BASTOS, Paulo Zahluth, FONSECA, Pedro Cezar (Orgs.). *A Era Vargas: desenvolvimento, economia e sociedade*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

SILVEIRA, Verli Fátima Petri da. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira fechada, de Cyro Martin*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. 2004.

SOUZA, Renata Adriana de Souza. *A construção discursiva de crianças e adolescentes em documentários brasileiros "real, simbólico, imaginário"*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá - UEM. Pós-Graduação em Letras, 2009.

VENTURINI, Maria Cleci. *Imaginário Urbano: Espaço de Rememoração/Comemoração*. Passo Fundo. Universidade de Passo Fundo, 2009.

_____. *Leitura do espaço urbano e ensino*. In Memória e História na/da Análise do discurso. Freda Indursky, Solange Mittmann, Maria Cristina Leandro Ferreira(organizadoras). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

_____. *Discurso de (rememoração) e discurso sobre (comemoração): funcionamentos da memória*. Texto apresentado na ABRALIN. Natal, 2013.

ZANDWAIS, Ana. *Perspectivas da Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada do percurso*. Série Cogitare. Santa Maria/RS: Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *A Família como Patrimônio: A Construção de Memórias entre Descendentes de Imigrantes Italianos*. *Revista Campos* (UFPR), Curitiba, v. 5(01), p. 53-67, 2004.

ANEXOS

1. CD com os documentários veiculados pela RPC/TV.